

# Relatório do Estágio de Educação Física Realizado na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

**Hélder Vítor Gouveia Rodrigues**

MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO



UNIVERSIDADE da MADEIRA  
*A Nossa Universidade*  
www.uma.pt

Setembro | 2011

UMA  
Rel

## **Agradecimentos**

A execução dos diversos trabalhos que englobaram o presente estágio pedagógico convocaram a contribuição de vários agentes que, de uma forma directa ou indirecta, possibilitaram a superação de adversidades inerentes a este complexo processo de formação.

Deste modo, aproveitamos este espaço para exprimir o nosso profundo e sincero agradecimento a todos os que colaboraram e tornaram possível a realização deste trabalho.

Gostaríamos de agradecer ao Conselho Executivo da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros, em especial à Doutora Gilberta Camacho e a todo o pessoal docente e não docente pela sua hospitalidade, respeito e apoio prestado ao longo de todo o estágio. Foi um privilégio concretizar o estágio nesta instituição de ensino.

Um agradecimento especial à orientadora pedagógica, a professora Elda Gomes, pelo apoio e orientação incansáveis, demonstrando-se sempre disponível para ajudar.

Aos orientadores científicos, a Mestre Sara Cunha e ao professor Doutor Helder Lopes, por todo o apoio, estímulo e exigência no desenvolvimento de um trabalho de qualidade.

Aos colegas de estágio, João Medeiros e Laura Silva, pelo apoio e por todo o trabalho desenvolvido em conjunto, também muito enriquecedor.

À minha família, pelo intenso carinho e apoio que sempre me dedicaram, em especial, nesta etapa, e, particularmente aos meus pais e irmãos, que são, sem dúvida, um pilar fundamental na minha vida. À minha companheira e querida Ana Marques por toda a paciência e compreensão demonstradas neste processo.

A todos, os meus sinceros agradecimentos!

## **Resumo**

O estágio pedagógico assume-se como uma etapa fundamental no processo de formação de docentes, na medida em que representa a transição e aproximação à realidade escolar.

O presente relatório pretende descrever e documentar todos os procedimentos adoptados, descrevendo, de forma reflexiva, as opções tomadas no estágio pedagógico realizado na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros, no ano lectivo de 2010/2011. O grupo de estágio foi composto por três estagiários, uma orientadora pedagógica e dois orientadores científicos. Este grupo desenvolveu o trabalho relacionado com a prática lectiva com duas turmas dos cursos de educação e formação.

A estrutura deste trabalho segue, de uma forma geral, a organização das tarefas que realizamos no estágio pedagógico, desdobrando cada capítulo em subpontos referentes a componentes específicas de cada actividade.

Desta forma, foi realizada uma caracterização da instituição educativa. Esta ajudou-nos na nossa integração escolar, influenciando as restantes opções do estágio pedagógico, na medida em que nos permitiu compreender os objectivos da instituição e efectuar um planeamento adequado ao contexto onde estávamos inseridos. As restantes actividades desenvolvidas foram a prática lectiva, as actividades de intervenção na comunidade escolar que se denominou “Louros tradicionais”, as actividades de integração no meio, a acção de extensão curricular, denominada “Aprender-interagindo”, e as actividades de natureza científico-pedagógicas (colectiva e individual) que se encontram igualmente expostas de forma reflexiva no presente relatório.

Assim, todo o trabalho referido procura expor, de forma clara, uma lógica de encadeamento de intencionalidades em todas as actividades realizadas, para que o leitor não interprete o presente relatório como uma mera soma de diversas actividades, pelo contrário, que consiga compreender a globalidade do trabalho desenvolvido que se estendeu por vários níveis de intervenção.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino; Aprendizagem.

## **Resumen**

La práctica pedagógica es una etapa fundamental en el proceso de formación de docentes, pues representa la transición y aproximación a la realidad escolar.

Este informe pretende describir y documentar todos los procedimientos adoptados, detallando, reflexivamente, las opciones escogidas en el internado en “Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros”, en el año escolar 2010/2011. El equipo de la práctica consistió en tres prácticos, una orientadora pedagógica y dos orientadores científicos. Este equipo desarrolló el proyecto con base en dos clases de cursillos de educación y formación.

La estructura de este trabajo sigue, de modo general, la organización de las tareas que hicimos mientras estábamos en la práctica, desdoblado cada capítulo en componentes específicas de cada actividad.

Así, ejecutamos una caracterización de la institución educativa. Esta institución nos ayudó en nuestra integración escolar, influenciando las restantes opciones de la práctica, pues nos permitió comprender sus objetivos e efectuar un planeamiento adecuado al contexto donde estábamos. Las restantes actividades desarrolladas fueron las clases, las acciones de intervención en la comunidad escolar (denominadas “Louros Tradicionais”), las iniciativas de integración en el medio, la acción de extensión curricular (llamada “Aprender Interagindo” – Aprender Interactuando) y las actividades científico-pedagógicas (colectivas e individuales), que también se encuentran expuestas reflexivamente en este informe.

Este trabajo, en su integridad, procura exponer claramente una lógica de encadenamiento de intenciones en todas las actividades realizadas, para que el lector no interprete el presente documento como una mera soma de actividades diversas pero sí que, en el contrario, sea posible comprender la globalidad del trabajo desarrollado que se extendió por varios niveles de intervención.

Palabras-clave: Educación Física; Enseñanza; Aprendizaje.

## Résumé

La pratique de l'enseignement est considérée comme une étape fondamentale dans le processus de formation des enseignants, car il représente la transition et de rapprochement à l'école réalité.

Ce rapport vise à décrire et à documenter toutes les procédures décrites, donc réflexive, les choix faits dans la pratique, l'enseignement à l'école "Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros", dans l'année académique 2010/2011. La phase de groupe était composée de trois stagiaires, un conseiller d'éducation et de deux conseillers scientifiques. Ce groupe a élaboré les travaux liés à la pratique pédagogique avec deux groupes de l'éducation et la formation professionnelle.

La structure de ce travail est, en général, l'organisation des tâches accomplies dans la pratique pédagogique, chaque chapitre se déroule dans les sous-éléments liés à des composants spécifiques de chaque activité.

Ainsi, une caractérisation de l'institution éducative. Cela nous a aidés dans notre intégration scolaire, les autres options d'influencer les pratiques pédagogiques, comme cela nous a permis de comprendre les objectifs de l'institution et faire un cadre de planification approprié où nous appartenons. Les activités restantes ont été l'enseignement pratique, les activités d'intervention de la communauté scolaire qui a été appelé "Louros Tradicionais" activités d'intégration dans le milieu du curriculum extension d'action, appelée "Aprender-Interangindo", et la nature de l'activité scientifique pédagogique (collective et individuelle) qui sont également exposés par réflexe dans ce rapport.

Ainsi, tout le travail qui cherche à expliquer, clairement, une chaîne logique d'intentions sur toutes les activités, afin que le lecteur ne peut pas interpréter ce rapport comme une somme de plusieurs activités, cependant, qui peut comprendre l'ensemble le travail qui a duré plusieurs niveaux d'intervention.

Mots-clés: Éducation physique; Enseignement; Apprentissage.

## **Abstract**

The teaching internship is a key step in the process of preparing teachers, as it represents the transition and approach to the reality in school education.

This report's goal is to thoroughly describe and document the adopted procedures, detailing, contemplatively, the options taken during the internship at "Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros", during the 2010/2011 school year. The internship team consisted of three interns, one teaching advisor and two scientific advisors. This team developed a project based on the experience with two classes of the education and instruction courses.

This work's structure follows, in general, the organization of the tasks that were performed during the teaching internship, unfolding each chapter in sub points regarding the specific components of each activity.

This way, a characterization of the educational institution was made. Said institution helped us in our integration with the school, as it allowed us to understand its objectives and create an adequate planning for the context we were brought into. Other activities were teaching practice, school community intervention initiatives (which were called "Louros Tradicionais" – traditional Louros), integration activities, a curricular extension action called "Aprender Interagindo" (literally, "Learn Interacting") and scientific-pedagogic activities (both on a collective and individual level), which are also exposed contemplatively in this report.

Thus, the present report, in its entirety, aims to clearly show a logical connection between the intentions of all the performed activities, so the reader will not interpret it as a sum of different activities but, much on the contrary, that it is possible to understand the whole developed effort extended throughout several levels of intervention.

**Keywords:** Physical Education; Teaching; Learning.

## Índice geral

1. Introdução.....	1
2. Expectativas iniciais.....	3
3. Caracterização da instituição escolar .....	5
4. Enquadramento do estágio pedagógico.....	8
5. Prática lectiva .....	10
5.1. Planeamento.....	10
5.1.1. Primeiro contacto com a realidade escolar .....	12
5.1.2. Definição das matérias a abordar.....	13
5.2. Organização das unidades didácticas.....	15
5.3. Planos de aula .....	18
5.3.1. Considerações sobre os planos de aula.....	19
5.4. Avaliação .....	20
5.4.1. Considerações sobre a avaliação .....	24
5.5. Observações das aulas .....	25
5.5.1. Conceptualização das observações.....	26
5.5.2. Considerações sobre as observações .....	29
5.6. Progressão pedagógica.....	30
6. Acção de intervenção na comunidade escolar.....	34
6.1. Enquadramento teórico .....	34
6.2. Objectivos gerais.....	35
6.3. Objectivos específicos .....	35
6.4. Conceptualização .....	36
6.4.1. Estações dos “Louros Tradicionais”.....	37
6.5. Controlo .....	39
6.6. Balanço da acção de intervenção na comunidade Escolar.....	41
7. Actividades de integração no meio .....	43

7.1.	Caracterização das turmas .....	43
7.1.1	Introdução.....	43
7.1.2.	Objectivos.....	44
7.1.3.	Conceptualização.....	44
7.1.4.	Análise dos resultados da turma do CEF “x” .....	45
7.1.5.	Análise dos resultados CEF “y” .....	47
7.1.6.	Considerações sobre a caracterização das turmas .....	49
7.2.	Estudo de Caso – <i>A valorização Desportiva e as atitudes nas aulas de Educação Física em 2 alunos do CEF “x”</i> .....	50
7.2.1.	Identificação do problema .....	51
7.2.2.	Observação dos alunos .....	52
7.2.3.	Definição do público-alvo .....	53
7.2.4.	Objectivos gerais .....	53
7.2.5.	Objectivos específicos .....	54
7.2.6.	Metodologia.....	54
7.2.7.	Dificuldades.....	55
7.2.8.	Controlo.....	56
7.2.9.	Avaliação final.....	57
7.2.10.	Considerações finais do estudo de caso.....	58
7.3.	Acção de extensão curricular .....	59
7.3.1.	Enquadramento.....	60
7.3.2.	Objectivos gerais .....	62
7.3.3.	Objectivos específicos .....	62
7.3.4.	Organização da actividade.....	62
7.3.5.	Avaliação e controlo.....	63
7.3.6.	Considerações da actividade de extensão curricular .....	65
8.	Actividades de natureza científico-pedagógica.....	68

8.1.	Acção individual – Educação Física: Disciplina Inter e Multidisciplinar .....	68
8.1.1.	Introdução.....	68
8.1.2.	Objectivos gerais .....	69
8.1.3.	Objectivos específicos .....	69
8.1.4.	Enquadramento teórico.....	69
8.1.4.1.	Que soluções no âmbito da Educação Física?.....	71
8.1.4.2.	Dificuldades de implementação .....	72
8.1.4.3.	Aplicações práticas na Educação Física curricular .....	73
8.1.4.4.	Conclusões da revisão da literatura.....	73
8.1.5.	Organização da acção individual.....	74
8.1.6.	Balanço da acção individual.....	75
8.1.7.	Elaboração de artigo científico e poster para seminário internacional.....	77
8.1.8.	Ligação com a acção de extensão curricular .....	77
8.2.	Acção colectiva - Estratégias de intervenção e integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais, abordagem específica das deficiências auditivas e visuais. ....	78
8.2.1.	Introdução.....	78
8.2.2.	Enquadramento teórico.....	79
8.2.3.	Objectivos gerais .....	80
8.2.4.	Objectivos específicos .....	81
8.2.5.1.	Contactos informais com recursos humanos e espaciais.....	82
8.2.5.2.	Desenvolvimento do programa .....	84
8.2.5.3.	Divulgação da actividade .....	84
8.2.6.	Balanço da acção colectiva.....	84
8.2.7.	Considerações da acção colectiva.....	87
9.	Conclusões .....	89
10.	Sugestões.....	94
11.	Bibliografia.....	95

## **Índice de Anexos**

Anexo I – Distribuição dos conteúdos pelo ano lectivo .....	99
Anexo II – Plano de aula inicial nº 4-5.....	100
Anexo III – Plano da aula 33-34.....	102
Anexo IV – Grelha para avaliação do domínio sócio-afectivo .....	104
Anexo V – Ficha de observação geral aos estagiários.....	105
Anexo VI – Dados recolhidos referentes ao estudo de caso.....	107
Anexo VII – Registo de aula sobre comportamentos anti-desportivos .....	111
Anexo VIII – Resultados dos testes da bateria de testes fitnessgram.....	112

## **1. Introdução**

O estágio pedagógico apresenta-se como o culminar do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. No seu decorrer, proporcionou-nos diversas ferramentas, capacidades e competências para a leccionação da disciplina de Educação Física na escola.

De acordo com os objectivos definidos no corrente Mestrado, pretende-se que os estagiários consigam aplicar conhecimentos e promover competências em contexto real, correspondendo eficazmente às dificuldades e aos problemas que surjam no âmbito educativo. A estes objectivos encontra-se associada uma elevada responsabilidade social, espírito crítico e reflexivo que leve a uma procura de conhecimento constante e consequente superação das dificuldades, alicerçada no trabalho em equipa e na formação contínua.

Para que se consiga compreender e reflectir sobre o estágio pedagógico, realizado na Escola dos 2º e 3º Ciclos dos Louros, é necessário conhecer todo o percurso realizado durante a sua concretização, uma vez que este esteve sujeito a vários processos decisórios, de âmbitos distintos, requerendo competências e conhecimentos específicos.

De salientar que nenhum parâmetro será esquecido ou omitido, pois a aprendizagem não advém apenas de aspectos positivos ou de objectivos alcançados de forma exacta, mas sim de uma multiplicidade de eventos que ocorrem em torno de uma ou várias realidades que devem convergir à reflexão, tendo em conta as decisões tomadas no presente e às que serão tomadas no futuro.

O núcleo de Estágio da Escola dos Louros foi constituído por três professores estagiários, co-orientados por três docentes, nomeadamente a Professora Elda Gomes (orientadora pedagógica) e a Mestre Sara Cunha (orientadora científica) e ainda o Professor Doutor Helder Lopes (orientador científico), que supervisionou a elaboração do presente relatório.

Todas as actividades inerentes ao estágio foram desenvolvidas em conjunto pelo núcleo de estágio, incluindo a prática lectiva efectuada em duas turmas partilhadas, do

Curso de Educação e Formação específico de – Empregado de Bar/Mesa e de Empregado Comercial.

“Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire 1997, cit. por Gadotti, 2007, p. 62).

## **2. Expectativas iniciais**

Após vários anos de actividade académica intensiva, na qual vivenciámos e adquirimos diversas competências, era tempo de experienciar um outro papel, o de professor.

Nesta medida, o estágio pedagógico, como “pico” do processo académico, assumiu traços fundamentais, possibilitando-nos a transição e complementaridade com o mundo da carreira docente, apresentando-se ainda como um momento de grande enriquecimento pessoal e, acima de tudo, de harmonização com a nossa real vocação.

Estávamos a iniciar uma nova fase das nossas vidas e, após tantos anos como alunos, não tínhamos dúvidas do desafio que nos foi proposto ao longo deste ano. A exigência de desempenhar o papel de alunos de Mestrado e, ao mesmo tempo, o de professores estagiários propiciou alguma perplexidade face ao desconhecido, devido à inexperiência inerente a todo este processo.

As expectativas iniciais debruçaram-se essencialmente sobre o que realmente é ensinar, sobre o desenvolvimento da prática lectiva e o prazer que seria fazê-lo. Conseguir acompanhar o evoluir natural dos alunos, mantendo sempre uma atitude positiva face aos comportamentos que desejaríamos suscitar, desencadeando um conjunto de sentimentos que conduzissem à descoberta dos valores inerentes à Educação Física e aos valores aliados a esta, eram, de igual forma, desafios que esperávamos superar.

Estas vão ao encontro do papel desempenhado pelo professor nos tempos actuais, pois acarreta desafios que ultrapassa a mera instrução e as habilidades motoras tal como afirma Silva (2008, p.10491), “ser professor volta a ser um desafio e uma missão humanitária, onde os conhecimentos e habilidades possuem menos valor que as atitudes e a maneira com a qual o professor orienta seu alunado a ver e conviver com o mundo”, salientando a abrangência da missão docente. Este espírito foi tido em conta na realização de todas as actividades desenvolvidas numa conjugação de esforços diversos, atendendo sempre ao contexto em que estávamos inseridos.

## **2 – Expectativas iniciais**

---

As expectativas sobre todo o processo pedagógico assumiram um carácter ímpar, pois o contexto e a realidade singulares exigiram uma interligação entre as acções desenvolvidas, assim como uma adequação correcta com o Projecto Educativo Escolar e com os princípios orientadores do Programa Nacional de Educação Física (PNEF).

### 3. Caracterização da instituição escolar

“Se, como diz o poeta ao caminhante, «não há caminho», se «**o caminho se faz a andar**», que aqui se encontrem pistas e o ânimo para continuar a fazer o caminho ou «voar»”. (Projecto Educativo da Escola dos 2º e 3º Ciclos dos Louros, s.d., p.5).

A caracterização da Escola congrega uma panóplia de dados cruciais no desenrolar do estágio pedagógico, pois esta serve de rampa de lançamento para a integração escolar. Para o efeito, a nossa caracterização navegou pelo Projecto Educativo, estruturas físicas, actividades e dinâmicas de trabalho inerentes à instituição escolar em que estávamos inseridos.

Esta tarefa iniciou-se antes do começo do estágio propriamente dito, através da consulta do site da respectiva instituição escolar. Esta fonte forneceu-nos informações pertinentes, visto que pudemos consultar o Projecto Educativo Escolar, o calendário, as instalações desportivas e suas características, serviços e respectivos horários de funcionamento.

Todas as informações recolhidas nesta primeira fase foram posteriormente aperfeiçoadas com o desenrolar do estágio pedagógico. O contacto inicial com a orientadora pedagógica foi deveras esclarecedor, pois teve a amabilidade de nos elucidar sobre as informações recolhidas inicialmente, assim como conduziu todo o grupo de estágio numa visita-guiada pelas instalações da instituição escolar.

Com isto, aferimos que a escola possuía, efectivamente, desde o ano civil de 2000, as seguintes instalações desportivas:

- ✓ Um ginásio coberto com cerca de quinze metros de largura por dezoito de comprimento.
- ✓ Um campo desportivo polivalente de vinte metros de largura por quarenta metros de comprimento.
- ✓ Uma arrecadação para o material desportivo.
- ✓ Quatro balneários para os alunos (dois femininos e dois masculinos).
- ✓ Um balneário para os professores.
- ✓ Um balneário para alunos com deficiência motora.

### 3 – Caracterização da Instituição Escolar

---

Note-se que, para além destas instalações, a instituição possui um espaço relvado adjacente ao campo polidesportivo que, apesar de não estar rotulado como espaço ideal para a prática desportiva, pode ser utilizado para tal desde que sejam garantidas as condições mínimas de segurança.

As restrições materiais e espaciais apresentaram-se como um desafio aliciante a todo o processo lectivo, solicitando comportamentos que nos serão úteis no futuro, nomeadamente a criatividade e capacidade de adaptação. De uma forma mais específica, foi necessário modificar e condicionar determinadas acções dos alunos, criar ou alterar a funcionalidade de determinados materiais para que, dessa forma, conseguíssemos alcançar os objectivos pretendidos.

No desenrolar do estágio pedagógico, foi possível interligar as informações recolhidas no sentido de uma precisa compreensão da realidade escolar. De realçar que, no primeiro semestre, a cadeira de Organização e Inovação em Educação Física e no Desporto Escolar, desempenhou um papel relevante, na medida em que nos foram facultadas tarefas que permitiram esmiuçar e adquirir conhecimentos mais claros sobre alguns documentos proeminentes, como é o caso do Projecto Educativo e do Regulamento Interno da respectiva instituição escolar. Todas as fontes de informação consultadas foram importantes e levaram a uma melhor compreensão dos caminhos escolhidos, pela instituição, para atingir os objectivos a curto, médio e longo prazo.

Desenvolvido este trabalho inicial, compreendemos que a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros, apesar de ser uma escola “jovem”, apresenta um Projecto Educativo bem definido e com objectivos concretos e variados, diligenciando um leque de actividades bastante abrangente, o que permite incluir alunos com diferentes interesses em projectos que lhes despertem curiosidade, adquirindo ao mesmo tempo conhecimentos que sejam úteis para o futuro.

A referida instituição de ensino contou com seiscentos e setenta e oito alunos, distribuídos pelo 2º ciclo (duzentos e noventa alunos) e 3º ciclo (duzentos e quarenta e cinco alunos) onde se inclui os alunos dos CEF (trinta e quatro alunos). Acolhe alunos com diferentes características e diferentes necessidades educativas, tendo na estruturação da sua organização uma oferta formativa diversificada, que permite dar

### 3 – Caracterização da Instituição Escolar

---

resposta a essas necessidades, tendo sempre em vista o desenvolvimento multilateral do aluno.

Esta instituição de ensino é também um local de referência para os alunos com Necessidades Educativas Especiais, nomeadamente as deficiências auditivas, garantindo as condições necessárias para que estes possam ter uma educação e formação adequada à sua situação, uma vez que carecem de aprendizagens e competências diferentes das definidas no currículo comum. A este respeito, a escola conta nos seus quadros com especialistas que são responsáveis pelo acompanhamento curricular destes alunos.

A referida instituição de ensino acolheu, para além dos alunos com deficiências auditivas, educandos com deficiências motoras e intelectuais, perfazendo um total de oitenta e sete alunos. A par destes, a instituição de ensino conta com um total de cento e dezoito docentes divididos pelo 2º ciclo (cinquenta e dois docentes) e 3º Ciclo (cento e dezoito docentes). O pessoal não docente constitui uma peça fundamental no funcionamento escolar, sendo que a referida escola conta nos seus quadros com um total de quarenta e sete funcionários.

No que concerne aos projectos e actividades que a escola definiu no seu plano anual de actividades, salientamos o Desporto Escolar, que contou com três núcleos, mais especificamente o futebol, o ténis de mesa e o badminton e com o projecto intitulado “Escola em Forma” que visou a dinamização de intervalos desportivos e também serviu para recrutar alunos para o Desporto Escolar. Este projecto assumiu contornos de actividade interna e proporcionou momentos de prazer aliados a uma prática desportiva saudável.

O trabalho semanal com as respectivas orientadoras, a vivência escolar e o contacto com os diversos agentes, permitiu aferir com maior veracidade as dinâmicas escolares e aperfeiçoar os conhecimentos da instituição educativa.

Neste sentido, podemos afirmar vivamente que esta instituição escolar destaca-se como local de qualidade no que diz respeito aos seus recursos humanos e dinâmicas de trabalho, existindo uma relação muito próxima entre todos os agentes. Para o concretizar desta realidade, muito contribui o bom ambiente existente entre o pessoal docente e não docente, assim como a gestão sublime da direcção executiva escolar.

## **4. Enquadramento do estágio pedagógico**

O estágio pedagógico assenta num processo global que envolveu quatro vertentes essenciais: a prática lectiva; as actividades de intervenção na comunidade escolar; as actividades de integração no meio; e as actividades de natureza científica-pedagógica. Para que exista uma maior e melhor compreensão de todo o processo que será exposto no presente documento, é importante compreender e explicar as intencionalidades que estão patentes em todo este processo, de forma a compreender a ligação que existiu entre as várias vertentes que as compõem.

As primeiras actividades que foram desenvolvidas aportaram na caracterização da escola e das respectivas turmas, inseridas como actividades de integração no meio, no presente estágio pedagógico. Estas actividades surgiram como um trabalho de capital importância em todo o estágio, pois complementaram a nossa integração no meio escolar e forneceram-nos informações preciosas para caracterizarmos o contexto no qual estávamos inseridos, ao mesmo tempo que originaram diversas decisões que foram operacionalizadas ao longo do estágio.

Ao descortinarmos, na caracterização da instituição de ensino, que a Escola em que estávamos inseridos, era de referência para alunos com Necessidades Educativas Especiais, mais concretamente para alunos com deficiência auditiva, contemplando, ainda, nos seus quadros, alunos com deficiências visuais, motoras e intelectuais, influenciou-nos na escolha da temática para a Acção Científico-Pedagógica Colectiva que se intitulou “Estratégias de Integração e Intervenção em Alunos com Necessidades Educativas Especiais, abordagem específica das deficiências visuais e auditivas”. Ao escolhermos esta temática, vocacionada para os professores de Educação Física, lançámos o debate e a reflexão para um mote actual e com muito significado para a nossa instituição de ensino e área de intervenção.

Com o desenrolar da prática lectiva, foi possível apurar diversas características dos respectivos alunos, através da vivência e reflexão sobre situações passadas no processo de ensino/aprendizagem. Estas situações fizeram com que nos centrássemos na rentabilização deste processo, que devido à baixa motivação global dos alunos, aos graves comportamentos de desvio, dificuldades de tempo, não estávamos a atingir o

#### **4 – Enquadramento do Estágio Pedagógico**

---

rendimento desejável. Para o efeito, a escolha da temática para a outra Acção Científico-Pedagógica Individual, intitulada “Educação Física: Disciplina inter e multidisciplinar” foi desenvolvida com o intuito de promover esforços entre diversos agentes de ensino para uma maior rentabilização do processo curricular dos alunos.

Após a dinamização desta actividade, a Acção de Extensão Curricular revelou-se uma excelente oportunidade para operacionalizar alguns dos conteúdos que foram transmitidos na acção individual, e também foi ao encontro de algumas lacunas inter-relacionais que tinham sido identificadas aquando da caracterização das turmas e confirmadas nas primeiras aulas leccionadas. Desta forma, a actividade denominou-se “Aprender-Interagindo” e consistiu numa caminhada citadina com início na instituição escolar e finalizando no parque Municipal de Santa Catarina, seguindo-se de um peddy-papper, prática de jogos lúdicos e um lanche convívio entre os participantes, sendo um excelente meio para a fomentação de laços entre os alunos, docentes e Encarregados de Educação, tudo isto aliado à prática de actividade física num espaço amplo e diferente do habitual.

A última actividade realizada no seio escolar decorreu no final do terceiro período escolar, e denominou-se “Louros Tradicionais”, seleccionando-se o dia da criança para dinamizar esta actividade de integração no meio. A escolha desta data permitiu que se criasse um ambiente festivo acompanhado de diversas actividades, englobando toda a escola e enquadrando-se com o “final” das actividades extracurriculares.

Importa ainda referir que todas as actividades inerentes à prática lectiva constituíram um pilar fundamental de coerência entre o conjunto de acções desenvolvidas, pois foi do contacto directo com os alunos que nos apercebemos das suas necessidades educativas. Esta vertente deteve um peso elevado sobre toda a aquisição de competências técnicas e pedagógicas, representando por isso um grande investimento da parte do núcleo de estágio.

## 5. Prática lectiva

### 5.1. Planeamento

Desde o início da Humanidade que a actividade física tem um papel relevante na evolução humana. É exemplo evidente a luta pela sobrevivência, através de actividades como a caça, que foram fundamentais para a raça humana conseguir desenvolver-se.

Com o evoluir da humanidade, a utilização dos movimentos físicos foram transformados, dando origem a intencionalidades e objectivos diferentes. Determinados movimentos da rotina diária passaram a ser recriados de forma planeada e intencional, sob forma de exercício físico, procurando-se o equilíbrio entre o corpo e a mente assim como toda a sua componente holística (Cardoso, 2006). Foi já na Grécia antiga que se criaram os primeiros Jogos Olímpicos da Humanidade, engendrando um carácter verdadeiramente desportivo em ambiente social e cultural (Cardoso, 2006).

A importância da Educação Física vem sendo enraizada de forma progressiva na nossa sociedade. A sua importância para o desenvolvimento integral do indivíduo é, no momento actual, um objectivo permanente da nossa educação. Sendo que a Educação Física faz parte de todo o percurso educacional obrigatório dos nossos jovens, é natural que a sua influência no modo de pensar, viver e actuar em sociedade seja enorme, exigindo ao responsável (o professor) competências adequadas ao planeamento e intervenção de qualidade.

Sendo o Desporto um meio de transformação do Homem (Lopes, 2007), cabe ao professor de Educação Física planear e estruturar meios e estratégias que conduzam a uma transformação adequada do indivíduo, devidamente articulada com os objectivos mediatos que se pretende desenvolver nos alunos.

Desta forma, é no decorrer da função docente que é solicitado ao professor de Educação Física diversas e complexas funções que conduzem à necessidade de antever e prever a sua actuação. Para que seja perceptível uma interligação ajustada e eficaz ao processo de ensino-aprendizagem, é imperial que exista uma resposta planeada às necessidades que advêm do processo de leccionação.

Segundo Januário (1984), a execução do planeamento não se traduz numa mera predição do futuro, é sim uma interrogação sobre o que surgirá, atendendo à realidade que existe no momento presente. Assim, é numa lógica de pré-acção que o professor de Educação Física deverá encarar o planeamento como “um processo de tomada de decisões, através de uma análise da situação e selecção de estratégias e meios, que visa a racionalização das actividades do professor e dos alunos, na situação de ensino-aprendizagem, possibilitando melhores resultados e em consequência uma maior produtividade”, como sugere Gomes & Lino (2004, p.17).

Deste modo, antes de efectuarmos o planeamento anual, com as respectivas unidades didácticas e planos de aula, foi efectuada uma discussão sobre comportamentos (afectivos e motores) que os alunos poderiam apresentar no decorrer das aulas, os objectivos que pretendíamos que os alunos alcançassem no final de cada Unidade Didáctica e no final do ano lectivo, e, finalmente, quais as características e recursos materiais que estavam disponíveis.

Segundo Aranha, (2004) o planeamento deve conter três fases fundamentais. A primeira é a fase da concepção onde se definem os objectivos e as estratégias de forma estruturada e lógica. A segunda denomina-se a fase da aplicação, onde se executa o que foi anteriormente planeado. A terceira é a fase do controlo e da avaliação, sendo que esta se estende a todas as fases anteriores, avaliando as possibilidades que se apresentam e permitindo que o planeamento seja exequível. É fundamental realçar a ideia do autor de que é crucial para todo o processo de planeamento, a constante avaliação das opções e decisões tomadas para que todo o planeamento seja o mais adequado e justo possível, devendo proceder-se sempre que necessário à reestruturação dos conteúdos. Assim, aquando da fase da concepção, é fundamental existir uma reflexão e avaliação constantes das opções tomadas para que a sequência e continuidade de aprendizagem seja garantida. É na fase da execução que podemos verificar e avaliar a real viabilidade das opções tomadas, podendo assim fazer-se adaptações que sejam necessárias a determinadas situações imprevistas.

Consequentemente, torna-se evidente que deve existir um carácter flexível no processo de planeamento, para que o docente consiga adaptar-se à realidade diária do seu trabalho devido à imprevisibilidade de determinados factores, nomeadamente, às

restrições temporais, estruturais, dinâmica da turma, ritmo de aprendizagem dos alunos, etc.

Segundo Bento (2003), existem três níveis de planeamento: o primeiro é o planeamento anual que tem como intencionalidade situar e concretizar o programa de ensino no contexto escolar; o segundo diz respeito aos planos periódicos de unidades didácticas, devendo a duração de cada unidade depender do volume e das dificuldades sentidas no processo de ensino/aprendizagem; o terceiro é relativo aos projectos/planos de aula.

Para executarmos o primeiro nível de planeamento, o planeamento anual, iniciámos esse caminho com alguns trabalhos preparatórios, nomeadamente, com as reuniões e com as decisões colectivas do grupo de Educação Física, com uma pesquisa sobre as condições existentes, com a análise do estado de desenvolvimento e de comportamento dos alunos visados através dos dados fornecidos pelos docentes e pela psicóloga da escola, e ainda do PNEF, para aferir as reais potencialidades que podíamos explorar. Neste trabalho preparatório, pudemos aferir diversos aspectos úteis à elaboração do nosso plano anual, nomeadamente qual a estrutura social da turma através das reuniões de turma, o seu nível educativo e quais as atitudes, comportamentos, responsabilidades padrões existentes, qual o estado de desenvolvimento em que se encontravam e ainda as actividades desportivas existentes.

Posto isto, avançámos para a determinação e formulação dos objectivos anuais da distribuição e ordenamento das matérias pelo tempo lectivo, o tipo de avaliação e a definição do cronograma anual de actividades em conjunto com os nossos orientadores e grupo de Educação Física.

### **5.1.1. Primeiro contacto com a realidade escolar**

Antes de iniciarmos a prática lectiva propriamente dita, foi apresentado ao Núcleo de Estágio, constituído por três professores estagiários, as instalações, alguns funcionários e a direcção executiva da Escola do 2º e 3º Ciclos dos Louros.

O contacto com as instalações desportivas permitiu aferir as condições reais que dispúnhamos para colocar em prática o nosso plano anual de trabalho. No que diz respeito aos agentes de ensino que contactámos, particularmente a direcção executiva,

alguns professores e funcionários, que demonstraram simpatia e cordialidade. Estes agentes colocaram-se num plano de apoio constante, ao mesmo tempo que expressaram expectativas positivas para a realização do estágio, fazendo votos para que este se desenrolasse de forma enriquecedora para ambas as partes.

Estes contactos primordiais revelaram-se de extrema utilidade para o nosso enquadramento no seio escolar, não só por nos fornecer informações importantes sobre a instituição de ensino e o seu funcionamento, mas também para quebrar algum receio inicial, algo “normal” para quem inicia um ciclo tão importante de transição entre a vida académica e a profissional.

Posto isto, avançámos para diversas reuniões que se sucederam com o grupo de Educação Física e com os demais docentes responsáveis por diferentes áreas curriculares das turmas em que estávamos envolvidos.

### **5.1.2. Definição das matérias a abordar**

Leccionámos duas turmas de Cursos de Educação e Formação (CEF), com equivalência ao 3º Ciclo de ensino, sendo que as matérias de ensino abordadas passaram pelos desportos de combate, ginástica (solo e aparelhos), badminton, ténis de mesa, atletismo, basquetebol, futebol, andebol, rãguebi e voleibol.

Os conteúdos foram decididos em conjunto com o grupo de Educação Física da respectiva instituição de ensino. Foi-nos sugerido pelo grupo a leccionação de matérias de ensino conforme a distribuição pelo espaço, tendo em conta as instalações e materiais disponíveis na instituição, ou seja, ginástica (solo e aparelhos) no ginásio da respectiva escola e basquetebol, andebol e futebol no polidesportivo. Apesar desta sugestão, o grupo de estágio optou por escolher um leque mais variado de matérias de ensino, de forma a fornecer aos alunos uma variedade considerável de matérias, como factor potenciador da motivação dos alunos, indo também ao encontro do PNEF, que preconiza que as “metas dos programas devem ser, também, objecto de motivação dos alunos, inspirando as suas representações e empenho de aperfeiçoamento pessoal no âmbito da Educação Física, na escola e ao longo da vida” (PNEF, p.10).

No que se refere aos objectivos gerais definidos pelo PNEF, verificámos que o programa sugere “uma unidade de Jogos Desportivos Colectivos, uma de ginástica ou uma de atletismo, uma de outras actividades desportivas, uma das actividades de exploração da natureza e uma de dança” (PNEF, p. 13). Perante este cenário, as nossas opções complementaram quase todas as sugestões anteriores, sendo que as actividades de exploração de natureza foram complementadas com a acção de Extensão Curricular. A dança acabou por não ser abordada ao longo do ano lectivo, devido, essencialmente, à falta de motivação e recusa constante dos alunos para a sua realização. Desta forma, e em conformidade com a parte geral do programa que confere “ao professor a responsabilidade de escolher os objectivos de aprendizagem e as soluções pedagógicas e metodologicamente mais adequadas ” (PNEF, p.9), utilizando para tal as matérias de ensino que considere mais adequadas para os alunos em questão, orientámos a nossa prática lectiva.

Atendendo a que as matérias de ensino são meios para desenvolver determinadas competências nos alunos, a definição destas foram agrupadas tendo em conta as lógicas de sistematização das actividades desportivas defendidas por Almada, Fernando, Lopes, Vicente & Vitória (2008), sendo que incluímos desportos de combate (essencialmente através de jogos lúdicos), desportos individuais (através de situações de atletismo e de ginástica), desportos de confrontação directa (através do badminton e ténis de mesa) e, finalmente, desportos colectivos (através do andebol, futebol, basquetebol e voleibol). Cada uma destas matérias de ensino contribui com determinados “princípios activos” (Lopes, 2007) para o desenvolvimento de conhecimentos e competências dos alunos, que devem ser aplicados consoante as suas necessidades apresentadas e respectivo contexto escolar.

Saliente-se que as matérias de ensino foram distribuídas de forma racional ao longo dos períodos, sendo que os desportos colectivos foram abordados ao longo do segundo e terceiro períodos devido às suas características mais marcantes implicarem “o desempenho de funções específicas e o domínio da dinâmica das coordenações” (Almada, et al., 2008, p. 250), fundamentando-se, portanto, no desenvolvimento das dinâmicas de grupo. Esta opção deveu-se essencialmente às características que estavam inerentes aos nossos alunos, funcionando como um instrumento para colmatar as lacunas evidenciadas. Foi ainda com este intuito que os desportos de combate foram

também abordados ao longo do primeiro e segundo períodos, pois as suas características mais marcantes privilegiam o respeito pelo seu oponente, estando presente a morte simbólica.

Para corresponder de forma atempada e adequada às necessidades de um planeamento sério, rigoroso e flexível que fosse ajustável à realidade que detínhamos, foi elaborado um planeamento com os conteúdos (anexo I) que pretendíamos desenvolver ao longo do ano lectivo. Estes conteúdos foram limitados no tempo e posteriormente desenvolvidos nas diferentes unidades didácticas consoante os objectivos mediatos definidos.

## **5.2. Organização das unidades didácticas**

Segundo Bento (2003), as unidades didácticas constituem partes fundamentais do programa de uma disciplina, devendo abarcar intencionalidades de um ensino integral delimitado em várias aulas e que visem alcançar objectivos inerentes ao programa da disciplina. O mesmo autor refere ainda que as unidades didácticas não devem dirigir-se preferencialmente para a matéria, mas sim para o desenvolvimento da personalidade dos alunos, explicando de forma clara as funções principais que se pretende para aquelas aulas.

Com este intuito, as unidades didácticas que foram elaboradas em conjunto pelo grupo de estágio, desempenharam um papel muito importante no desenrolar do planeamento. Apesar de terem sido realizadas unidades didácticas para cada período, sobre matérias diversas, estas não foram elaboradas como microprocessos estanques de desenvolvimento, pois houve objectivos mediatos e transversais que foram trabalhados através de objectivos imediatos ao longo das aulas. Com isto, queremos deixar claro que os nossos objectivos foram os de procurar ser pólos catalisadores da aprendizagem dos alunos para que desenvolvessem a sua aprendizagem, criatividade e concentração.

Após definidas as matérias a abordar, distribuímos-las pelos recursos temporais que dispúnhamos, respeitando a rotação de instalações existentes entre cada período. Desta forma e a título de exemplo, no período em que dispusemos do ginásio, procurámos rentabilizar o material existente, utilizando para tal as matérias de ensino

que mais se adequavam ao espaço, nomeadamente, a ginástica (solo e aparelhos), desportos de combate, e desportos de raquete.

Assim, para uma turma, que se encontrava no primeiro ano do Curso de Emprego e Formação – Técnico empresarial, ao longo do primeiro período foram abordados: desportos de raquete e ginástica (solo e aparelhos) e ainda algumas componentes de desportos de combate. Estas matérias, apesar de serem diferentes, solicitaram essencialmente uma considerável capacidade de concentração, leitura do outro através de objectos ou utilizando o próprio corpo, pois as características mais marcantes dos desportos de combate “privilegiam o conhecimento do “eu” no confronto com situações críticas” (Almada et al., 2008, p. 253), enquanto os desportos individuais potenciam o desenvolvimento do conhecimento sobre si próprio, compreendendo que o seu “desempenho é independente da forma de oposição do adversário” (Almada et al., 2008, p. 253) e que os Desportos de confrontação directa “privilegiam o diálogo com o opositor, por meio de um objecto interposto” (Almada et al., 2008, p. 262).

No segundo e terceiro períodos, optámos por leccionar desportos colectivos, nomeadamente futebol, basquetebol e andebol, e, finalmente, voleibol no terceiro. Nestas matérias, procurámos desenvolver princípios que são comuns aos desportos colectivos, como a cooperação e coesão de grupo em detrimento do individualismo que estava enraizado no seio da turma. Apesar das matérias escolhidas para o segundo período (futebol, andebol, basquetebol e atletismo) e terceiro período (voleibol) corresponderem ao grupo de jogos desportos colectivos (exceptuando o atletismo que é um desporto individual), consideramos que as matérias apresentam características que as diferem. Estas características estão directamente relacionadas com o facto de o voleibol permitir apenas o contacto por meio de um objecto interposto (a bola), existindo campos de acção de cada equipa diferentes.

Assim, no segundo período, as matérias utilizadas, por serem matérias de contacto de jogos desportivos colectivos, tiveram por base os princípios definidos por Garganta (1995) cit. por Prudente (2010), nomeadamente a ocupação do espaço, a progressão no campo, domínio da bola e a cooperação com os colegas.

No caso do terceiro período, o voleibol foi o conteúdo abordado ao longo do período lectivo, tendo sido privilegiado a colaboração entre os membros das equipas para alcançar objectivos comuns, existindo contacto por intermédio de um objecto.

Para um adequado aperfeiçoamento da nossa intervenção em todo o processo pedagógico, o núcleo de estágio primeiramente procurou desenvolver junto dos alunos uma avaliação diagnóstica aquando do início de cada período lectivo. Esta avaliação, apesar de custar algum espaço temporal importante, julgámos que iria propiciar informação pertinente que, de certa forma, nos ajudasse a intervir de forma adequada (formação de grupos, adequação de exercícios, estratégias de ensino utilizadas).

Esta avaliação diagnóstica forneceu-nos informações que contemplaram todos os parâmetros das nossas unidades didácticas. Importa realçar que, atendendo ao facto de estarmos limitados temporalmente, as aulas de avaliação diagnósticas realizadas não se limitaram a essa função, tendo sido desenvolvidos conteúdos inerentes ao programa nessas mesmas aulas. Apesar desta lógica, poderíamos ter optado por efectuar uma avaliação diagnóstica no início do ano lectivo, que abrangesse um leque mais aprofundado de competências e conhecimentos dos alunos pelo que poderia ter sido mais vantajoso em termos de planeamento. No entanto, devido à nossa inexperiência optámos por fasear este processo, fornecendo-nos maiores garantias de adquirirmos um conhecimento mais aprofundado e exacto desta componente.

O PNEF define uma área sobre desenvolvimento dos conhecimentos da condição física assim como o desenvolvimento das capacidades motoras condicionais e coordenativas com objectivos específicos na resistência, força, velocidade, flexibilidade e destreza geral. Apesar das diversas unidades didácticas contemplarem estes parâmetros, o grupo de estágio sabia que os noventa minutos semanais eram escassos para a exequibilidade de um trabalho que fornecesse resultados práticos aos alunos a nível da melhoria da sua condição física. Assim, procurámos direccionar o nosso trabalho numa perspectiva lúdica e de consciencialização da importância da realização de trabalho fora do âmbito da disciplina de Educação Física.

Ainda neste âmbito, foi disponibilizada uma aula para cada uma das turmas no início do ano lectivo (aula nº2) onde foi aplicado a bateria de testes *Fitnessgram*, sendo posteriormente disponibilizados os resultados aos alunos (anexo VIII). Esta aula, para

além de fornecer dados sobre a aptidão motora aos alunos e ao grupo de estágio, permitiu transmitir aos alunos a importância de alcançar parâmetros mais saudáveis de aptidão física. Estes dados foram posteriormente reforçados ao longo dos períodos lectivos. De salientar que na aplicação percepcionou-se algumas limitações que não podemos ocultar, que influenciaram na fiabilidade dos dados recolhidos, nomeadamente no factor de termos utilizado os alunos como elementos avaliadores de outros alunos, que funcionou como forma de responsabilizá-los, mas que poderá, de certa forma, comprometer os dados.

### **5.3. Planos de aula**

Segundo Bento (2003), é através do planeamento da Unidade Didáctica que se inicia a preparação da aula, através da definição geral dos objectivos e conteúdos, não esquecendo que é necessário ter em conta que a preparação da aula compreende algumas tarefas, como a análise das aulas anteriores, reflexões pormenorizadas e de preparação. Desta forma, podemos afirmar que o plano de aula é a concretização dos objectivos de forma precisa para alcançar através da metodologia a eficácia do ensino, é a operacionalização dos objectivos definidos na unidade didáctica.

Segundo Aranha (2004), o plano de aula deve conter os seguintes aspectos: identificação da instituição de ensino; data e hora; o ano e a turma a que se dirige a aula; o número total de aulas leccionadas anteriormente; os conteúdos; e o material a utilizar.

Inicialmente, os nossos planos de aula eram constituídos por informação demasiado discriminada, por conseguinte eram de consulta delicada. O plano estava organizado na horizontal com três quadros informativos, sendo que o primeiro continha as informações identificativas como a unidade didáctica em que se inseria, local, turma, data, professor, material necessário e quais os objectivos gerais da aula. O segundo quadro estava subdividido nas seguintes colunas: parte da aula (inicial, principal e final), conteúdos/critérios de êxito, condições de realização e estratégias, objectivos específicos, representação gráfica e, finalmente, os respectivos tempos para cada exercício. No final do plano, detínhamos um quadro para uma reflexão da aula que nos ajudava a compreender e discutir alguns pontos importantes da mesma.

Com a utilização deste plano de aula (anexo II), fomos verificando que estava organizado de forma muito complexa, com demasiada informação para uma consulta prática no desenrolar da aula. Optámos por reformular alguns aspectos do plano, mais precisamente decidimos colocar os objectivos específicos no primeiro quadro, pois os objectivos gerais já estavam definidos/enquadrados na própria unidade didáctica, e reformulámos a utilização de uma linguagem mais sintética no segundo quadro. Com estas alterações, os nossos planos de aula tornaram-se mais pequenos (anexo III) contendo no máximo uma folha, e com isto conseguimos uma adequação mais correcta quanto à sua utilização no seio da aula de Educação Física.

Os nossos planos de aula foram sempre construídos em conjunto pelo grupo de estágio, e posteriormente remetidos para as nossas orientadoras de forma a recebermos *feedback*. A execução deste processo implicou várias horas ao longo do estágio, sendo que no início este processo era mais longo já que cada decisão necessitava da aprovação e discussão dos três elementos constituintes do grupo de estágio.

Com a prática, os nossos planos de aula foram se realizando de forma mais eficaz já que começávamos a preparar as discussões da aula concretizada após o seu término, o que permitia retirar ilações fulcrais para a elaboração da aula seguinte.

De realçar que a par dos nossos planeamentos de aula prática, detínhamos sempre um plano alternativo. Este plano tinha a finalidade de fornecer uma alternativa, caso não existisse possibilidade de avançar com a aula planeada. Ao longo do ano lectivo, tivemos que optar por seguir este caminho por três vezes, por motivos variados. É, portanto, importante existir um plano de recurso, pois, por vezes, a aplicação do plano previamente definido não é passível de ser executado.

### **5.3.1. Considerações sobre os planos de aula**

Os nossos planos de aula foram realizados sempre tendo em conta a realidade, procurando ser o mais ajustado possível a esta, ou seja, aos alunos com níveis de motivação baixos e com baixos níveis de concentração.

Atendendo à nossa realidade, na parte inicial das aulas procurámos fazer um breve resumo da aula, explicando intencionalidades e garantindo um fio condutor com as aulas anteriores. Os exercícios foram quase sempre de componente lúdica, utilizando-

se aulas politemáticas que garantissem a motivação e variabilidade. Procurou-se muito desenvolver o trabalho de grupo (homogéneos e heterogéneos) consoante os objectivos pretendidos.

Relativamente à estrutura dos planos de aula, a parte inicial tinha como intuito essencial criar um clima pedagógico favorável, despertando os alunos para a aula e orientando-os para os objectivos. A parte “fundamental”, que na realidade tinha um carácter ainda mais concordante com os objectivos definidos e onde a transmissão de conteúdos era mais evidente. A parte final detinha uma função de retorno à calma, pois normalmente provinham de uma parte mais intensa de actividade, procurando-se atribuir uma situação pedagógica positiva, ou seja, algo que fornecesse aos alunos uma satisfação ainda maior, funcionando ainda como uma espécie de “rebuçado”. Ainda nesta fase era realizado sempre um pequeno balanço sobre a aula, realçando os aspectos positivos e chamando à atenção para os menos positivos.

Importa destacar a relevância das análises das aulas que elaborámos após o término de cada uma. Esta análise tinha como objectivo reflectir sobre a aula de forma a potenciarmos a nossa intervenção futura. Nas análises de aula, procurámos responder aos seguintes pontos, como sugere Bento (2003); análise do estado da turma; concretização dos objectivos da aula; organização metodológica, preparação didáctica da matéria e grupos.

Estas reflexões ajudaram-nos a melhorar a nossa intervenção pedagógica, sendo que inicialmente eram documentos extensos e minuciosos, mas com carácter pouco prático. Assim, para facilitar a nossa consulta, optámos por elaborar documentos mais práticos, estabelecendo três pontos fundamentais: os pontos fortes; os pontos menos fortes; e sugestões/recomendações.

#### **5.4. Avaliação**

Segundo o PNEF, a avaliação deverá decorrer dos objectivos definidos para cada ciclo formativo, assim como, dos objectivos das matérias referentes a cada módulo. Deste modo, a avaliação está relacionada, como sugere Januário (1984), com os objectivos definidos para o ciclo de ensino, reflectindo-se pelo domínio ou demonstração desse conjunto de competências adquiridas.

É portanto através dos critérios de avaliação definidos pela escola e pelo professor que será possível avaliar concretamente o sucesso da aquisição de competências dos alunos (PNEF, 2005).

Assim, os critérios definidos pela nossa instituição de ensino, para os cursos de Educação e Formação (CEF's) foram os seguintes:

- **Domínio Socio-afectivo** – Corresponde a um total de dez valores (50%) dividido pelos seguintes parâmetros: dois valores para a responsabilidade; dois para o respeito perante professores e colegas; dois para o comportamento e postura na aula; dois para o interesse e empenho nas aulas realizadas; um valor para a assiduidade; e outro para a pontualidade.
- **Domínio Psicomotor** – Corresponde aos restantes dez valores (50%) distribuídos da seguinte forma: três valores para a execução correcta das técnicas; três para a aplicação das técnicas no jogo, dois para o conhecimento das regras; e outros dois para a evolução da execução técnica.

Verificámos que estes parâmetros de avaliação para os denominados CEF's, diferem das diferentes turmas curriculares da nossa escola, fornecendo um maior peso à componente sócio-afectiva. Após termos questionado o porquê desta realidade, percebemos que tal facto se devia às características dos alunos que compõem estas turmas, que são por norma alunos desmotivados e com grandes lacunas a nível sócio-afectivo, sendo necessário privilegiar estas componentes na sua avaliação.

Por conseguinte, este tipo de avaliação teve como intuito privilegiar os bons comportamentos, nomeadamente a responsabilidade, o respeito, o comportamento e postura na aula, a assiduidade e a pontualidade. Em termos práticos, estes critérios permitiriam potenciar as notas dos alunos que apresentassem dificuldades específicas na disciplina.

Para avaliarmos esta componente, construímos uma grelha de avaliação (anexo IV), em formato *Excel*, com todos os componentes mencionados anteriormente. Esta grelha foi preenchida após cada uma das aulas, utilizando-se uma escala de cinco

valores (likert) para classificar cada um dos parâmetros, proporcionando no final de cada período um valor médio convertido à escala final em cada parâmetro.

Para que este processo fosse o mais correcto possível, procurámos, principalmente no início do ano lectivo, debater a atribuição da classificação por parâmetro com os nossos colegas e orientadores, permitindo uma maior precisão e coerência nos valores atribuídos. Por exemplo, perante o parâmetro da assiduidade, optámos por classificar da seguinte forma: cinco valores para quem chegasse no toque de entrada, quatro se chegasse entre o toque de entrada e o toque de feriado, três se chegasse no toque de feriado e dois se chegasse logo após o toque de feriado e, finalmente, um valor para quem não comparecesse à aula.

Com o decorrer do ano lectivo, este processo foi-se tornando mais prático e funcional, sem que para tal tivesse existido falta de rigor na atribuição das notas, cabendo agora a cada estagiário a responsabilidade de registar na grelha os valores da avaliação do domínio sócio-afectivo, conforme a sua percepção e critérios definidos pelo grupo. A evolução, neste processo, permitiu aproximarmo-nos da realidade docente onde teremos que efectuar este trabalho de forma individual sem que exista suporte externo contínuo.

No que diz respeito ao domínio psicomotor, a escola definiu os seguintes parâmetros:

- Execução correcta das técnicas e aplicação das técnicas no jogo, sendo que, para alcançarmos este objectivo, definimos vários momentos de observação ao longo das aulas de forma a ir ao encontro da avaliação contínua, culminando no momento final de cada período, onde era realizada a avaliação sumativa.
- Conhecimento das regras, que, para além de questionarmos os alunos no desenrolar das nossas aulas com perguntas variadas, tal como no caso anterior, definimos juntamente com os alunos um momento no final de cada período para a realização de uma ficha de avaliação com muitas perguntas já realizadas no desenrolar das aulas.
- Evolução da execução técnica, sendo que, para averiguarmos esta situação, considerávamos o número de parâmetros que os alunos

melhoraram e que faziam parte dos conteúdos definidos para as matérias de ensino em que cada aluno era mais proficiente.

Atendendo a que existiam alunos com diferentes níveis, optámos por avaliá-los consoante as matérias que tiveram mais facilidade em compreender para que assim pudessemos beneficiar as notas dos mesmos. Da mesma forma, atendemos ao facto dos alunos menos proficientes conseguirem, normalmente deter uma progressão muito maior do que os mais proficientes, atribuindo uma valorização a cada conteúdo perante o seu grau de dificuldade individual, ou seja, quanto maior a exigência individual que se colocava ao aluno, maior a sua ponderação na componente da evolução. Esta medida visou esbater as desigualdades que poderiam existir entre os níveis de aprendizagem que os alunos possuíam no domínio técnico e evolutivo.

Aos alunos que não realizavam a componente prática, devido a motivos relacionados com incapacidade física ou por falta de material adequado, foram atribuídas tarefas diversificadas. Ao longo do ano lectivo, procurámos integrar os alunos em actividades inerentes à componente prática das aulas, através de tarefas relacionadas com ajudas ao professor e colegas, tarefas de organização, arbitragem, observação e registo dos comportamentos dos colegas, contabilização do tempo de prática dos colegas, elaboração de relatórios de aula, e realização de trabalhos de pesquisa sobre as temáticas abordadas.

Perante estes alunos, a nossa prioridade sempre foi englobar os alunos na componente prática, sendo que algumas vezes não foi possível concretizar este objectivo devido aos comportamentos de desvio constantes que prejudicavam o bom funcionamento da aula. Inicialmente, optámos por remeter os alunos para o gabinete de mediação, sendo solicitado a realização de trabalhos de investigação sobre a temática abordada. No entanto, perante o constante incumprimento da tarefa em questão, decidimos procurar englobar sempre os alunos na respectiva aula, utilizando tarefas diversificadas, que foram enunciadas anteriormente.

Ao longo do ano lectivo, alguns alunos não traziam para a aula de Educação Física o equipamento adequado, e uma vez que não existia limite máximo do número de faltas de material, o grupo de estágio achou por bem penalizar este incumprimento, atribuindo uma valorização nula na componente da responsabilidade. No entanto, no

que diz respeito às restantes componentes do domínio sócio-afectivo, os alunos foram avaliados de igual forma, dentro das tarefas que lhe foram propostas para a aula.

Para a atribuição das notas finais de período, o grupo de estágio contabilizou as notas inerentes aos respectivos parâmetros definidos no domínio sócio-afectivo através da ficha elaborada em formato *Excel*, juntamente com a componente psicomotora através da observação das aulas e da avaliação sumativa. Não obstante, importa realçar que estes parâmetros não foram sumariados de forma estanque, pois, após somados os resultados, foi necessário discutir e comparar notas entre os alunos, para que não fossem cometidas injustiças ou notas despropositadas. Com esta postura, foi salvaguardada a necessária plasticidade que os instrumentos de avaliação devem ter, devido ao nível de complexidade que o processo de avaliação requer, sendo por isso debatido cada um dos valores estabelecidos e comparados os empenhos, contextos e níveis dos alunos, procedendo-se aos ajustes necessários.

#### **5.4.1. Considerações sobre a avaliação**

No final do primeiro período, alguns alunos não atingiram os parâmetros mínimos propostos, sendo que uma aluna não demonstrou qualquer empenho ao longo do respectivo período, tendo sido proposto na reunião de discussão de notas, uma nota de seis valores. Perante a indignação de determinados professores, que não acharam correcto que na disciplina de Educação Física existissem notas inferiores a oito valores o conselho de turma procedeu à votação da nota elevando-a para oito valores estabelecendo este valor como valor mínimo.

Esta situação contou com a aprovação da maioria dos professores presentes, onde os que se mostraram a favor, justificaram tal medida como uma forma de não desmotivar os alunos e apelar à sua participação empenhada nas respectivas aulas. O grupo de estágio procurou argumentar a sua posição contrária, justificando-se que esta situação traria desconforto para os restantes alunos que se esforçaram ao longo do período, promovendo injustiças e desânimo entre os alunos e poderia funcionar como factor desmotivador para os que procuraram corresponder às expectativas.

Apesar de termos discutido e debatido esta situação, ficou vincada alguma desvalorização da disciplina de Educação Física, sendo mesmo interpretada por alguns

docentes como uma disciplina que é inconcebível a existência de notas negativas. Perante esta situação, verificámos que existe ainda um descrédito sobre a importância desta na formação curricular e cívica dos alunos, valorizando-se outras áreas do conhecimento, o que é bastante lamentável.

Toda esta situação deixou algumas marcas devido à nossa tentativa de demonstrar e defender a nossa posição e também por alguma intransigência demonstrada. Confrontados com esta realidade, foi-nos sugerido a nossa ausência nas reuniões de notas, sendo que essa função ficaria, exclusivamente, a cargo do nosso orientador pedagógico. Compreendemos com isto que é necessária uma posição forte e um trabalho ainda mais minucioso por parte dos professores de Educação Física de forma a valorizarmos a nossa disciplina e com isso demonstrar a importância desta no desenrolar de todo o processo pedagógico.

Importa ainda realçar que existiram alguns alunos que no final do ano lectivo não alcançaram notas positivas, devendo-se essencialmente à recusa constante da execução das tarefas propostas. Não podemos esconder que estes alunos vivem completamente desanimados com a comunidade escolar no global e obviamente com a disciplina de Educação Física.

Outro factor importante diz respeito à grelha de avaliação final, mais precisamente ao domínio das técnicas que não julgamos ser o mais adequado, devido ao facto dos objectivos da Educação Física não privilegiarem directamente esta componente. Perante isto, o grupo de Educação Física optou por avaliar esta componente sempre dentro do contexto de jogo e numa perspectiva de aproveitamento das chamadas janelas de oportunidade, ou seja, não avaliamos a técnica de forma isolada mas sim sempre em contexto de jogo, não com os parâmetros técnicos definidos mas sim consoante o seu nível de eficácia.

## **5.5. Observações das aulas**

Segundo Lino (2008), o professor que detém mais eficácia na sua leccionação, é aquele que descobre os meios para manter os alunos interessados na aula, utilizando maneiras adequadas de utilizar as diversas matérias de ensino durante um tempo considerável, sem utilizar formas coercivas ou punitivas. O autor refere, ainda, que este

tipo de professor deverá procurar promover ao longo das suas aulas um clima de afectividade positiva com a classe, um tempo elevado de empenhamento motor ou direccionado com a tarefa, de forma a potenciar a sua eficácia enquanto docente.

Já Marques (2004), refere que, ensinar bem, implica conseguir criar conjunturas adequadas e favoráveis para que toda a classe consiga compreender os conteúdos e principalmente consiga transpô-los para a prática, promovendo assim a autonomia dos mesmos.

Tendo em conta que o processo de transformação e aprendizagem em que o estagiário se encontra, e a necessidade de progressão e de optimização inerente a quem quer iniciar-se na carreira docente, torna-se importante realizar observações de forma a compreender e reflectir sobre a eficácia do seu ensino.

Todo o processo de observação carece de uma intencionalidade e de adequação ao contexto, pois como refere Sarmiento (2004, p.161), “observar não é só olhar o que se passa à nossa volta. Mais do que isso, é captar significados diferentes através da visualização.”

Pieron (1996), reforça esta ideia com diversas referências que conduzem à percepção de que observar um professor aquando do seu exercício, permite fornecer informações de retorno com o propósito de ajudar o docente a progredir, e facilitar a sua aprendizagem, aplicando-se de forma óbvia ao nosso caso, o de professores estagiários. Sendo esta uma fase de transição, e que se espera ser de iniciação à prática docente, e conscientes de que a nossa prática da docência ainda não dispõe, como afirma Sena Lino (2008) da tal “plasticidade” que os professores mais experientes detêm no exercício das suas funções, é portanto fundamental deter informação de retorno e observar determinados aspectos que o professor estagiário terá mais dificuldade em compreender no exercício das suas funções.

### **5.5.1. Conceptualização das observações**

Inicialmente, o núcleo de estágio definiu, para a execução deste trabalho, um sistema de observação do comportamento do professor enunciado por Piéron (1996), que é constituído por sete categorias de análise do comportamento do professor,

nomeadamente, organização, afectividade, instrução, feedback, observação, intervenções verbais dos alunos e ainda outros comportamentos. Estas categorias seriam registadas através de uma ficha de registo apontada pelo autor numa amostragem temporal de cinco períodos com duração de três minutos, distribuídos de forma uniforme pela aula. Foram ainda calendarizadas duas observações, por cada período lectivo, para cada estagiário com o intuito de aferir e discutir as respectivas lacunas que deveriam ser colmatadas.

No entanto, esta estratégia acabou por não ser aplicada, pois, após as dificuldades sentidas aquando das primeiras observações efectuadas, devido às constantes dificuldades no controlo da turma, o núcleo de estágio rapidamente chegou à conclusão que seria mais vantajoso procurar centrar a atenção em parâmetros mais adequados ao contexto.

Procurámos, então, definir um sistema de observação que condissesse com as necessidades sentidas. Foi com este intuito que utilizamos um sistema de observação baseado numa “checklist” (AnexoV) proposta por Marques (2004), alternando as observações com o sistema de “eyeballing” acompanhado sempre pelo orientador pedagógico, e ainda através do registo de “incidentes anotados”.

Estes conceitos são definidos por Sarmiento (1998) da seguinte forma:

**Eyeballing** – Observação da aula por um determinado período de tempo, sem tomar notas, sem utilizar nenhum guião e sem recolher nenhuma informação. Este método pode tratar alguma informação válida mas é provável que muita informação, potencialmente útil, não seja tratada. Por outro lado é um método bastante subjectivo a ser utilizado por profissionais experientes que conseguem captar as complexidades da interacção durante o ensino, muito difíceis de captar por um programa de observação sistemática.

**Incidentes anotados** – se o observador regista o que observou durante a sessão e utiliza esses dados para discussão final com o professor. Este método tem relativamente ao anterior, a vantagem de assegurar uma maior retenção de informação, evitando que ela se perca durante a sessão, fornecendo uma base mais sólida para conduzir uma sessão de feedback interactivo. No entanto, como no eyeballing, a informação registada

pode não ser fiel ao que aconteceu, já que se baseia em percepções gerais e está influenciada pela grande subjectividade do observador.

**Checklist** – o inventário é uma lista de informações ou características acerca das quais o observador faz um juízo, normalmente uma decisão de tipo sim-não ou uma escala de apreciação. Os inventários são bastante inseguros já que as características da lista não estão definidas de forma suficientemente clara para assegurar observações seguras.

Conscientes destes instrumentos e dada a complexidade das turmas, a lógica inerente às observações seria relacionada com uma observação mais global que desabrochasse numa reflexão e identificação de lacunas específicas que posteriormente deveriam ser colmatadas.

Para a execução do processo de avaliação, o grupo de estágio definiu inicialmente observações de carácter mais geral, com o intuito de compreender e identificar possíveis lacunas no observado. Com esta meta, o núcleo de estágio utilizou uma “checklist” com nove parâmetros essenciais, subdivididos em tarefas mais específicas classificados como sim ou não.

Após executadas estas tarefas, foram realizadas apreciações qualitativas gerais sobre os parâmetros observados, utilizando uma escala de cinco valores, assim como eram ainda assinaladas algumas observações, através do registo de incidentes anotados, que depois foram debatidos logo após o desenrolar das aulas.

Estas reflexões foram sempre enriquecedoras do ponto de vista da aprendizagem, e deram sempre azo à construção de balanços sobre os aspectos positivos, ou menos positivos, a sugestões futuras e à elaboração de objectivos mais específicos sobre a intervenção de cada estagiário.

Poder assistir às aulas dos colegas e vice-versa comporta um manancial de conhecimentos a vários níveis na nossa formação, pois permitiu reunir informações essenciais a uma leccionação mais adequada ao contexto, assim como analisar, compreender e reflectir sobre as estratégias pertinentes a uma boa eficácia pedagógica tendo em conta o contexto. Possibilitou o desenvolvimento da nossa capacidade de observação que segundo Sarmiento (2004, p.15) “é um instrumento integrado na eficácia

global do processo pedagógico e humano e a sua prática denota exactamente a continuidade da aprendizagem como parte integrante do processo de desenvolvimento”.

Procurámos, assim, realizar um trabalho com base na “observação e crítica recíproca”, como afirma Carreiro da Costa (1996, p.97), privilegiando o trabalho cooperativo de interesse mútuo entre estagiários.

### **5.5.2. Considerações sobre as observações**

Com os diálogos decorrentes das observações, verificámos que alguns dos parâmetros definidos na “checklist” não se adequavam a todos os objectivos definidos, sendo que nos pautámos pela eliminação de determinados parâmetros, para que pudéssemos centrar a nossa atenção em outros, simplificando o processo de observação.

Neste sentido, o debate efectuado ao longo de toda a prática lectiva forneceu dados importantes para a operacionalização e evolução do processo e consequentemente da nossa intervenção, enquanto professores estagiários, existindo uma maior eficácia pedagógica. Consequentemente, verificámos, com o decorrer do ano lectivo e com as alterações na nossa intervenção no processo de ensino-aprendizagem, um aumento significativo na motivação e empenho dos alunos, perante as tarefas solicitadas.

As observações entre os estagiários permitiu fomentar um espírito de descoberta e de auto-crítica muito benéfico à possível futura carreira docente. No entanto, existiram alguns aspectos que podem ser melhorados futuramente, designadamente:

- As observações efectuadas incidiram sobre todas as aulas que foram leccionadas, embora apenas tenha sido efectuado o registo de algumas. Tendo em conta que existiam sempre dois estagiários a observar a aula, a divisão de tarefas poderia ter sido efectuada para que a recolha de informação fosse mais rica, abrindo portas para que os dados recolhidos fossem mais numerosos sobre o desenrolar da mesma.
- A rotatividade de aula a aula definida pelo grupo de estágio não foi a melhor, pois não permitiu a implementação de determinadas rotinas. Apesar de ter sido sempre definido em grupo os objectivos, a atitude e intervenção pedagógica que deveria ser efectuada no decorrer das diversas aulas, existem diferentes formas

de intervir que advêm de características pessoais inerentes a cada indivíduo. Perante isto, futuramente deveria ser definida a leccionação de um determinado número de aulas seguidas para que assim a evolução pudesse ser potencializada.

- No desenrolar das observações, não observamos um professor mais experiente. Julgamos que esta situação constituiu uma lacuna neste trabalho, já que a observação poderia ter sido igualmente proveitosa. Sabendo que as aulas leccionadas eram já escassas, poderíamos ter tentado observar algum docente experiente que não interferisse com o nosso tempo de leccionação.

## **5.6. Progressão pedagógica**

O estágio pedagógico, no geral, e a prática lectiva, no particular, apresentaram uma boa oportunidade de colocar em prática uma série de conceitos de origem pedagógica que foram adquiridos ao longo do nosso percurso académico. Para que esta realidade fosse possível de ser executada, de forma eficaz, tornava-se essencial, como sugere Lino (2008) que exista uma coerência entre as intenções pedagógicas e respectivas acções do professor e alunos.

Tendo em conta a nossa posição de professores estagiários, não detendo qualquer experiência a nível pedagógico, importa reflectir sobre as diversas decisões que foram tomadas e as respectivas consequências/frutos alcançados. Nesta perspectiva, a nossa intervenção pedagógica variou nos espectros de ensino utilizados ao longo do ano lectivo, devido essencialmente a factores contextuais que importa realçar de forma reflexiva.

Segundo Mosston (1986) & Ashworth (1994) cit. por Lino (2008), para cada episódio de ensino existem decisões de pré-impacto, impacto e pós-impacto, sendo estas tomadas consoante as competências adquiridas e após reflexões de experiências vividas ao longo do estágio pedagógico. Existiu, portanto, uma certa variabilidade de decisões que foram tomadas ao longo do estágio pedagógico, mas que tiveram sempre um intencionalidade de progressão da intervenção do professor e respectiva eficácia pedagógica.

Assim, no início do ano lectivo, focámos a nossa atenção na adopção de um estilo mais próximo do estilo inclusivo, tentando desenvolver tarefas com diferentes graus de dificuldade, procurando encaminhar os alunos para as suas diferentes capacidades, privilegiando o trabalho por estações com grupos homogêneos e com níveis de dificuldade diferentes. No entanto, esta estratégia não se revelou a mais acertada, existindo claras dificuldades no controlo da turma, bem como na compreensão das tarefas por parte dos alunos e transmissão de *feedback* precisos. Portanto, nesta fase, fomos demasiado ambiciosos e fruto de alguma inexperiência e insegurança demonstradas na transmissão e explicação das tarefas a realizar, bem como da falta de concentração e responsabilidade da maioria dos alunos, resultaram em comportamentos de desvio constantes dos alunos e, conseqüentemente, num aproveitamento aquém das expectativas e na sub-rentabilização das aulas de Educação Física.

Atendendo a esta dificuldade inicial, o grupo de estágio comprovou que seria necessário apelar a diferentes decisões de impacto, ou seja, procurar antes de mais garantir uma correcta compreensão das tarefas a realizar, esperando um melhor controlo da aula e procurando centrar-se mais no desempenho do professor. Neste âmbito, o estilo mais adoptado nesta fase aproximou-se do estilo de comando, assumindo que as respostas dos alunos, face a este estilo centrado no professor, seriam mais de teor reprodutivo.

Com o desenrolar do tempo lectivo e com o melhoramento do controlo da turma, as nossas preocupações foram, aos poucos, direccionando-se para outros aspectos importantes para a aprendizagem dos alunos. De uma forma mais concreta, começou a existir uma certa descentralização das decisões para alguma autonomia de acção dos alunos, quer promovendo a entreaajuda entre os colegas (estilo recíproco), quer na interacção e escolha de tarefas (estilo tarefa), quer utilizando tarefas com diferentes graus de dificuldade (estilo inclusivo).

Munidos destas alterações, ficou clara uma patente variação entre os estilos de ensino utilizados mas que, na maior parte do ano lectivo, não ultrapassou a barreira da descoberta, exceptuando alguns casos específicos, como por exemplo, as situações de posicionamento ofensivo e defensivo no campo, aquando dos jogos desportivos colectivos, sendo utilizada uma série de situações práticas com perguntas específicas,

seguidas de experimentação que conduziram à compreensão das lógicas do comportamento mais rentável no campo e ainda as situações de luta por forma a encaminharem os alunos para a compreensão da relação centro de massa/base de apoio. Apenas foi utilizada esta metodologia em determinados casos e em determinadas partes da aula, pois os alunos apresentavam um défice de concentração que não permitia a execução prolongada deste estilo mais aberto, divergindo a sua atenção para comportamentos de desvio e comprometendo o controlo da aula.

Importa realçar que o facto de lidarmos com alunos de CEF's, com as características que foram já evidenciadas, nomeadamente requisitos cognitivos baixos, influenciou nos estilos de ensino adoptados. Este facto deve-se aos requisitos cognitivos necessários e ao interesse e empenho que os alunos colocam sobre a realização das tarefas.

Estas mudanças de estilo, ao longo do ano lectivo, representaram uma adequação ao contexto em que estávamos inseridos, que tiveram o intuito de conseguir uma maior eficácia pedagógica, embora tenham existido outros factores que foram determinantes para este melhoramento. Como exemplo, apresentei no início do ano lectivo, dificuldades a nível da comunicação verbal (colocação da voz) assim como, no posicionamento e deslocação pelo espaço de forma a adquirir um campo visual extenso e que permitisse prevenir comportamentos de desvio e consequentemente deter um maior controlo da aula.

Com o dia-a-dia do contacto com os alunos, fomos debatendo estas situações e aos poucos fomos melhorando a nossa intervenção através da utilização de mais *feedbacks* (mesmo que por vezes fossem pouco específicos para alunos que estavam mais afastados do professor), tom de voz mais claro e deslocamentos mais eficazes que permitissem uma observação geral da turma, maior eficácia nas informações transmitidas, consulta menos frequente dos planos de aula e rápida resolução de problemas da aula.

Uma nota de destaque terá de ser feita para a dificuldade que sentimos em conseguir impor a nossa autoridade face aos compromissos que teriam de ser cumpridos pelos alunos. Se é uma realidade que as aulas devem ser inclusivas e que cabe ao professor ser o principal impulsionador dessa realidade, não é menos verdade que o

professor deverá deter meios ao seu dispor para conseguir incluir os alunos nas suas aulas. Esta dificuldade ficou vincada com alguns alunos que constantemente não traziam o equipamento adequado à aula de Educação Física, fruto da falta de sancionamento sobre esta falta de responsabilidade dos alunos. Com o objectivo de responsabilizar mais os alunos, foi proposto pelo grupo de Educação Física ao conselho pedagógico que as faltas de material fossem convertidas em faltas de presença, tendo sido aceite por unanimidade esta medida com aplicação imediata no próximo ano lectivo.

De forma geral, podemos aferir que existiu uma evolução considerável no processo de eficácia pedagógica mas que de certa forma, derramou com questões de operacionalização na aula. Para todo este processo, foi vital as reuniões após as aulas com o orientador pedagógico e com os colegas de estágio, otimizando o processo de estágio com uma dinâmica de investigação e experimentação através de um conteúdo fundamental, a reflexão, tal como sugere Carreiro da Costa (1996), tendo sempre o intuito de melhorar o processo de ensino-aprendizagem para nós (estagiários) e para que os alunos retirem o maior proveito.

## 6. Acção de intervenção na comunidade escolar

A Acção de Intervenção na Comunidade Escolar foi denominada de “Louros Tradicionais”. Esta foi concebida com o propósito de possibilitar aos alunos e demais agentes educativos a participação em actividades lúdicas e populares, passíveis de conjugar a prática desportiva com a diversão e festividade, sendo os aspectos de desenvolvimento das relações sociais e relacionais premissas privilegiadas nesta actividade.

Pretendeu-se realizar uma actividade popular, com um conjunto de jogos com níveis de dificuldade relativamente baixos, nomeadamente o “jogo da batata”, “prova de alimentos”, “corrida de obstáculos”, “corrida de sacas” e “constrói a frase”, de maneira a que os participantes se sentissem atraídos para participarem numa actividade pouco habitual no ambiente escolar.

A utilização dos jogos tradicionais para a dinamização desta actividade, deveu-se às suas características lúdicas de interesse para diversos escalões etários. Esta ideia é reforçada por Oliveira (2006) que reconhece estes jogos como sendo uma actividade lúdica e formosa, que proporciona na relação com o outro, na comunicação com ele, uma melhor integração na vida comunitária.

Tendo em conta que o público-alvo desta acção era toda a comunidade escolar, a utilização de jogos tradicionais enquadrou-se como uma opção viável para a angariação de participantes, tendo em conta as suas características.

### 6.1. Enquadramento teórico

Para a concepção desta actividade, desenvolvemos um plano para que todos os participantes pudessem vivenciar um conjunto de experiências, através de uma vertente lúdica. Para que tudo isto fosse possível, foi criado um conjunto de “provas” solicitadoras de competências de diversas ordens, como a superação de obstáculos, a auto-superação, o encarar a vitória e a derrota com desportivismo através da estimulação da colaboração entre os demais elementos constituintes das equipas que visassem alcançar um objectivo comum. Estas opções constituíram factores potenciadores de um desenvolvimento saudável de toda a população escolar.

A actividade foi utilizada como meio para fornecer aos alunos um contacto com matérias que, apesar de estarem contempladas no PNEF, normalmente não são abordadas por não serem consideradas matérias nucleares, como é o caso dos jogos tradicionais. Os nossos objectivos primordiais foram os de solicitar aos alunos comportamentos diversificados, que aliados a experiências variadas ultrapassassem as matérias denominadas comuns nas aulas de Educação Física.

A opção pelos jogos tradicionais teve também o intuito de realizar uma actividade que não reunisse recursos materiais e espaciais elevados, de forma a ser exequível na realidade da nossa instituição de ensino, e de não comprometer o contributo que queríamos que a mesma transparecesse no desenvolvimento harmonioso e global de toda a sociedade escolar.

Portanto, com o grande peso que a actividade física tem no desenvolvimento humano e tendo em conta a realidade distinguida na escola, com a realização desta actividade, pretendeu-se aliar a prática da actividade física à transmissão de conhecimentos úteis e transferíveis para situações diversas, facultando experiências alternativas aos programas curriculares.

## **6.2. Objectivos gerais**

- ✓ Desenvolver uma actividade que ultrapasse o âmbito restrito da actividade curricular relativa às aulas de Educação Física na nossa realidade escolar.

## **6.3. Objectivos específicos**

- ✓ Desenvolver as condições que potenciem a criação de laços relacionais entre os diferentes agentes que incluem a comunidade educativa;
- ✓ Estimular a actividade física através de situações lúdicas e que remontem aos hábitos desportivos mais tradicionais;
- ✓ Dinamizar todos os agentes pertencentes à comunidade educativa, permitindo um ambiente alegre e festivo;
- ✓ Associar ao factor lúdico, o factor competitivo saudável que deve estar inerente a qualquer actividade desportiva;

- ✓ Fomentar hábitos sociais e morais, através das relações inter-pessoais.

## 6.4. Conceptualização

A actividade de Intervenção na Comunidade Escolar, intitulada “Louros Tradicionais”, englobou um conjunto de jogos populares, que foram praticados outrora de forma regular, acarretando uma herança cultural antiga com um reflexo emocional intenso nas faixas etárias mais elevadas, pois, como afirma Oliveira (2006), ao praticar um jogo que outrora era comum, deixam florir o espírito lúdico-juvenil de outrora. Nesta medida, os jogos definidos foram organizados com uma vertente competitiva saudável, apelando à constante interacção e cooperação entre todos os participantes, desde alunos, professores até auxiliares educativos, ou seja, elementos com características heterogéneas.

Como forma de transmitirmos um conjunto de sensações e acções à comunidade escolar interessada, optámos por realizar esta actividade no seio escolar, utilizando, como recursos espaciais, o polidesportivo e o relvado adjacente.

A referida acção realizou-se no dia um de Junho, sendo esta uma data festiva para a comunidade escolar, pois foi inserida no denominado “dia das expressões”. A opção recaiu nesta data, com a finalidade de potenciar a participação de todos os agentes escolares, pois esta foi uma data destinada à realização de actividades extra-curriculares.

Nesta data, é habitual existirem diversas actividades relacionadas com as expressões, sendo que o grupo de Educação Física tende a organizar algum tipo de actividade no respectivo dia. Neste âmbito, o núcleo de estágio propôs ao grupo de Educação Física que a actividade dinamizada fosse os “Louros Tradicionais”.

Tendo esta proposta sido aceite pelo grupo de Educação Física e pela Coordenadora do Departamento de Expressões, iniciámos o planeamento da acção, com a elaboração do projecto, regulamento, e respectivos meios de divulgação, tendo em conta que tínhamos um total de duas horas para dinamizar a actividade.

Devido a algumas restrições materiais e espaciais, foi necessário efectuar um reconhecimento das condições que a escola possuía, para que fosse possível constatar os materiais que poderiam ser adaptados à actividade, rentabilizando-os da melhor forma

possível. Assim, a actividade “Louros Tradicionais”, movimentou poucos recursos materiais, contudo garantiram a execução dos objectivos propostos, tendo sido utilizados de forma criativa diversos materiais desportivos próprios da realidade escolar.

A selecção dos diversos jogos que constituíram a actividade baseou-se não só nas necessidades de todos os agentes que iriam participar, mas também nas condições acima referidas.

Importa referir ainda que, para a montagem e desmontagem de todas as estações, contámos com o apoio incondicional do núcleo de Educação Física, bem como de alguns funcionários e alunos que se demonstraram disponíveis para colaborar. Esta situação foi prática comum durante todo o estágio pedagógico, existindo uma interajuda constante entre todos.

#### **6.4.1. Estações dos “Louros Tradicionais”**

Estação 1 - “Corrida da Batata”: Duas equipas em competição procuravam completar um percurso de ida e volta, o mais rapidamente possível, transportando uma colher de sopa na boca com uma batata. A prova terminaria quando todos os elementos tivessem realizado o percurso. Os participantes apenas poderiam deslocar-se com o respectivo objecto na boca, sendo que a equipa vencedora seria a que vencesse os dois primeiros jogos.

Esta estação revelou-se demasiado simples, pois os alunos realizaram com relativa facilidade o percurso delineado. Desta forma, foi possível realizar o percurso variadas vezes para que o tempo de empenhamento motor fosse superior.

Julgámos que, nesta estação, os participantes tiveram um rendimento superior ao esperado, devendo ser tido em conta no futuro, a criação de novos condicionalismos, de forma a aumentar o nível de dificuldade de realização da mesma, tornando-a mais aliciante.

Estação 2 - “Prova dos Alimentos”: Duas equipas em competição com participação individual de cada participante. Frente a cada um e à vez, foi colocado um alimento (fruta e vegetais) e estes, de olhos vendados, provaram e procuraram descobrir de que alimento se tratava.

Esta estação solicitou comportamentos diferentes das restantes estações, pois não apelava de forma tão intensa ao domínio motor como as restantes estações. O objectivo principal foi utilizar o paladar de cada participante para fomentar hábitos de alimentação saudáveis.

Os envolvidos forneceram informações muito positivas sobre a experiência, revelando um nível de satisfação elevado, a par de uma competitividade saudável. Apesar destes pontos positivos, os alunos que não estavam a realizar a tarefa demonstraram alguma impaciência, tendo sido necessário introduzir o jogo extra, mais especificamente, o “jogo da corda”, sendo praticado em paralelo com a prova dos alimentos.

Estação 3 - “Corrida de Obstáculos”: Duas equipas em competição procuravam ultrapassar um conjunto de obstáculos, o mais rapidamente possível sem lhes tocar ou derrubar. Os elementos, um por um, deveriam encontrar as melhores estratégias para transpor um conjunto de obstáculos, sendo que estes formavam um percurso que era obrigatório seguir. O jogo terminaria quando todos os elementos de ambas as equipas tivessem transposto o conjunto de obstáculos.

Esta estação proporcionou momentos de grande diversão aos participantes e à plateia presente, com uma grande competitividade inerente. O percurso delineado com materiais de ginástica, proporcionou níveis de dificuldade adequados a todos os participantes, assim como, garantiu as condições de segurança necessárias.

Esta estação solicitou níveis de empenhamento motor elevados, devendo ser repensada a rotação de estações, pois poderia ser mais vantajoso realizá-la entre as estações um e dois, devido aos seus baixos níveis de empenhamento.

Estação 4 - “Jogo das Sacas”: Jogo disputado no espaço adjacente (relvado), tendo por objectivo a realização de um percurso de “vai e vem”, deslocando-se dentro de uma saca de ráfia. O percurso era realizado à vez e finalizado quando todos tivessem efectuado o mesmo. O participante deveria deslocar-se com as pernas dentro das sacas, sendo o percurso realizado em estafeta. Ganhava a equipa que realizasse o percurso o mais rapidamente possível e depois de todos os elementos de cada uma das equipas realizar a prova.

Nesta estação, verificámos algumas características que se assemelham às encontradas na estação um, ou seja, os percursos delineados foram muito simples, apesar de ser solicitado esforço mais anaeróbio em vez da precisão necessária para transportar um objecto. As sugestões são, portanto, idênticas, isto é, estão relacionadas com o aumento do nível de dificuldade.

Estação 5 - “Constrói a Frase”: Duas equipas em competição procuram formar uma frase “Louros a mexer” através da angariação de letras que se encontravam numa mini-piscina com esferovite. Cada elemento da equipa apenas poderia transportar uma letra, podendo realizar a prova apenas um elemento à vez. As letras eram posteriormente colocadas numa plataforma apropriada (velcro). Ganhava a equipa que conseguisse encontrar as letras, e conseqüentemente formar a frase o mais rapidamente possível, respeitando as regras inerentes ao jogo em causa.

Esta estação foi a que necessitou de materiais fora do âmbito da Educação Física, nomeadamente as letras e a plataforma de velcro para suportar as mesmas. Para a elaboração destes materiais, contámos com a preciosa colaboração de um docente de educação visual da respectiva instituição de ensino, que aceitou colaborar connosco na execução de tarefas.

De lamentar que, nesta estação os alunos não demonstraram cuidado no manuseamento destes materiais, tendo que existir uma postura mais firme por parte dos responsáveis para que estes mantivessem a sua funcionalidade.

Apesar de todos os participantes terem demonstrado satisfação pela tarefa facultada nesta estação, denotou-se que o público mais jovem, nomeadamente os alunos do quinto ano foram os que mais a apreciaram.

## **6.5. Controlo**

Para averiguar o número de inscritos que efectivamente fizeram parte activa na actividade e elaborar os respectivos quadros competitivos, foram definidas inscrições com período temporal limitado para a sua realização. Este limite foi de extrema importância, visto que permitiu realizar uma previsão do número máximo de participantes para a actividade e assim garantir uma resposta adequada aos participantes.

As respectivas inscrições para a actividade deveriam ser realizadas por equipas que tivessem obrigatoriamente agentes de ensino com diferentes funções na comunidade escolar, ou seja, as equipas deveriam ser formadas por professores, alunos e funcionários. Com esta opção estratégica, pretendeu-se que as equipas potenciasses a criação de laços, a interacção e as relações inter-pessoais. No entanto, devido ao número restrito de funcionários e docentes interessados, existiu a necessidade de suprimir esta imposição, deixando que existissem equipas compostas exclusivamente por alunos.

Após recolhidas as inscrições, era tempo de procurar garantir a eficácia na organização e posterior ajustamento das equipas. Foi com este intuito que procurámos concentrar as equipas vinte minutos antes do início da actividade, sendo possível confirmar presenças, apresentar e explicar a actividade, bem como efectuar os ajustes necessários. A realização do *briefing* sobre a actividade revelou-se fundamental para o seu bom funcionamento, na medida em que possibilitou efectuar um contacto próximo dos intervenientes bem como o esclarecimento de dúvidas inerentes ao seu funcionamento.

Foram definidos, ainda, docentes responsáveis por cada estação, tendo sido os colegas do grupo de Educação Física que tiveram a amabilidade de se predisporem a desempenhar estas funções. Estes responsáveis ofereceram garantias do correcto funcionamento nas estações bem como foram responsáveis por efectuar as respectivas pontuações.

Para garantir uma correcta rotatividade entre as estações, ficou definido um responsável por sinalizar a respectiva rotação, assim que era finalizado o tempo estipulado para cada estação.

A escolha das estações teve em consideração os diferentes escalões etários que iriam participar na actividade, exigindo assim comportamentos de diversa ordem. Para garantir a exequibilidade dos jogos propostos, foram realizadas diversas simulações pela organização, nomeadamente a nível dos espaços, dos tempos para cada estação, ou mesmo da segurança que cada estação apresentava.

---

De forma a prevenir comportamentos desviantes, foram ainda inseridas penalizações para as equipas que adoptassem comportamentos deste tipo, trazendo com isto uma forte vertente pedagógica por parte de todos os envolvidos.

## 6.6. Balanço da acção de intervenção na comunidade Escolar

A actividade “Louros Tradicionais” contou com a presença de oitenta participantes directos, sendo na sua grande maioria alunos. Apesar de este número não ser o ideal, pois apenas representou cerca de 10% da comunidade escolar, julgámos que a análise não poderá se restringir à participação directa, uma vez que existiram diversos agentes de ensino com participação na organização e na assistência da respectiva actividade.

No que diz respeito à organização, é de salientar a envolvência de diversos docentes de Educação Física que foram fundamentais para o sucesso da mesma. Esta presença permitiu-nos dispor de maior segurança na dinamização da respectiva actividade. O empenho e a envolvência foram estupendos e contribuiu para um maior impacto na comunidade presente.

No que diz respeito ao planeamento, consideramos que este foi efectivamente positivo, pois foi flexível o suficiente para compreender e abarcar diversas situações, fornecendo diversos caminhos à concretização da actividade.

No final da acção, foram recolhidos, através de pequenas conversas informais, diversos *feedbacks*, que apontaram para um elevado nível de satisfação quanto à planificação, dinamização e organização da actividade. Destes *feedbacks*, realçamos os que apontaram uma boa gestão e utilização dos recursos materiais utilizados, muitos enalteciram a realização da actividade sem que para tal fossem necessários materiais específicos ou diferentes daqueles que a escola dispõe.

Dos *feedbacks* menos positivos sobre a acção dinamizada, salientamos o facto de não ter existido qualquer representatividade activa por parte dos funcionários na actividade prática, embora tenham colaborado na organização. O facto de os funcionários não terem dispensa para participar na actividade conduziu à sua ausência. Para que tal não acontecesse, deveríamos ter sugerido junto da direcção executiva

alguma proposta concreta que visasse a participação dos funcionários no período da actividade.

Com o desenrolar da actividade e já no seu *terminus*, surgiu uma aluna com necessidades educativas especiais, nomeadamente a nível motor, demonstrando vontade em participar de forma activa. Posto isto, englobámo-la, juntamente com outros alunos que demonstraram querer participar, para que esta pudesse vivenciar a actividade. Esta situação aconteceu de forma inesperada, pois não constava qualquer aluno inscrito com estas características. Futuramente, importa inteirar no planeamento uma integração abrangente para alunos com características especiais.

Importa salientar que o maior sucesso desta acção esteve intimamente relacionado com o facto de ser a última actividade organizada pelo núcleo de estágio, pois as etapas anteriores conduziram a um processo de aprendizagem, que certamente terá desaguado na dinamização desta actividade. Um exemplo evidente ficou patenteado na gestão do tempo da actividade que em outras não conseguiram ser inteiramente cumpridos, sendo que desta vez foram cumpridos de forma equilibrada.

## **7. Actividades de integração no meio**

### **7.1. Caracterização das turmas**

#### **7.1.1 Introdução**

A caracterização da turma, no início do ano lectivo, orientou-nos na compreensão de alguns factores influenciadores do comportamento e postura dos alunos no contexto escolar.

Para que todo o processo de ensino-aprendizagem decorra de forma mais rentável, não basta ao professor dominar os conhecimentos necessários para leccionar a sua disciplina, pois existem diversos agentes que podem afectar a atitude escolar do aluno, tais como a situação familiar, habitação, condições e hábitos de estudo, alimentação, saúde, ocupação dos tempos livres e os antecedentes escolares. Depois de descortinar estes factores, o professor poderá intervir de forma mais adequada perante os alunos, durante toda a sua actividade profissional, compreendendo as causas influenciadoras do sucesso ou insucesso escolar, tal como reconhece Romero (1987), citado por Andrade, Sanches, Guerra & Luft,( 2004, p.1), “as causas do fracasso escolar possivelmente estão relacionadas a factores como: situação sócio económica familiar, aspecto nutricional, localização da escola, motivação e qualidade do ensino.”

A realização desta caracterização teve também o intuito de fornecer alguns dados aos diversos docentes interessados, ficando acessível a todos no dossier do Núcleo de Estágio de Educação Física, no gabinete de Expressões.

Com a realização deste trabalho, tivemos a pretensão de efectuar uma análise profunda das turmas, de forma a nos proporcionar um conhecimento mais pormenorizado, sobretudo no sentido de sensibilizar e compreender os jovens, no sentido de encontrar, ao longo do Estágio Pedagógico, as melhores soluções que permitissem desencadear um processo eficiente de formação integral do aluno. Com isto, queremos deixar claro que esta caracterização não pretendeu ser um fim em si mesma, mas ser um meio de determinar situações características das turmas, que juntamente com outras informações, influenciaram diversas opções tomadas no desenrolar do estágio pedagógico.

### 7.1.2. Objectivos

- Caracterizar o nível sócio-económico global da turma;
- Caracterizar a vida escolar dos alunos;
- Analisar a ocupação dos tempos livres dos alunos;
- Identificar o nível escolar da turma, tentando compreender as suas dificuldades,
- Proporcionar aos restantes elementos do conselho de turma informações relevantes para o conhecimento da turma;
- Adquirir informações com o intuito de tornar as aulas de Educação Física mais motivantes e adequadas aos alunos e às suas necessidades.

### 7.1.3. Conceptualização

Para operacionalizar esta caracterização, foi utilizada uma ficha biográfica construída pelo Núcleo de Estágio da Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros. Nesta ficha, foram colocadas questões referentes aos dados pessoais, agregado familiar, habitação, meio de transporte, alimentação, condições e hábitos de estudo, ocupação dos tempos livres, saúde, antecedentes escolares, dados relativos aos hábitos desportivos, dados relacionados com a Educação Física, e, por fim, a percepção das características valorativas dos alunos e do professor de Educação Física.

Na aplicação da ficha biográfica, os alunos foram informados acerca da aplicabilidade dos dados da ficha, garantindo o máximo de sigilo, para abonar a validade dos resultados obtidos, sendo-lhes solicitado o máximo de sinceridade e honestidade no seu preenchimento para que os dados fornecidos fossem verdadeiros.

Não obstante as recomendações, a aplicação da ficha teve de ser realizada em dois momentos temporais distintos, fruto dos resultados insuficientes que foram recolhidos na primeira aplicação da mesma, pois existiram muitos dados que não foram completados aquando da primeira aplicação, originando a necessidade de haver um segundo momento dedicado ao seu preenchimento. Assim, a aplicação das fichas biográficas ocorreram na primeira aula do primeiro período, e, seguidamente, numa aula de Formação Cívica, disponibilizada pelo docente da respectiva disciplina

Após a aplicação da ficha biográfica e efectuada a recolha dos dados, procedeu-se à análise quantitativa individual da amostra, utilizando para tal o programa *Microsoft Excel 2007* para a realização do tratamento estatístico.

#### **7.1.4. Análise dos resultados da turma do CEF “x”**

Dos principais resultados obtidos com a aplicação da ficha biográfica à turma do CEF “x”, salientamos que a maioria dos alunos não pertence a uma família nuclear, sendo que os Encarregados de Educação apresentam habilitações literárias muito baixas. Aquando do interesse dos pais sobre os hábitos escolares adquiridos, a maioria interessava-se pelos seus educandos, quer contactando com o director de turma, quer verificando os trabalhos não presenciais.

Estes dados apontaram para uma preocupação constante dos pais perante o desenvolvimento curricular dos alunos, no entanto esta situação acabou por não se verificar ao longo do ano. Tal facto, levou-nos a supor que, por algum motivo, os alunos não responderam com total veracidade neste parâmetro da ficha biográfica.

No que toca à alimentação, aferimos que a maior parte dos alunos apenas almoçam e jantam, descurando as outras refeições, tais como pequeno-almoço, lanche da manhã e da tarde. Perante estas informações, concluímos que, para a maioria dos alunos, não existia o cuidado, ou então não reuniam possibilidades de tomar as refeições necessárias ao crescimento e desenvolvimento dos mesmos.

Desta forma, existe apenas uma pequena minoria de alunos que afirma ingerir alimentos antes das aulas de Educação Física, que opta por alimentos variados e com pouco tempo de antecedência da aula, o que poderia levar a uma certa indisposição na realização de exercícios propostos nas aulas. Quanto às bebidas, os alunos optam pelos refrigerantes, o que não é recomendável.

Esta informação conduziu-nos a cuidados acrescidos na planificação das aulas, pois os dados foram elucidativos a nível da falta de hábitos alimentares saudáveis que lhes permita conservar um funcionamento pleno das capacidades motoras e consequente bem-estar na realização de exercícios com intensidade elevada. Este factor foi potenciado pelo facto da maioria dos alunos não satisfazerem as horas de sono

recomendadas pela Organização Mundial de Saúde para adolescentes (8h-10h), pois assistem a programas televisivos ou permanecem no computador até tarde.

No que diz respeito às questões relacionadas com a saúde, verificámos que dois alunos tomavam medicamentos, sendo que um destes casos referia-se a um aluno que tomava um medicamento anti-psicótico e o outro um medicamento temporário. Nestes casos particulares, foi importante aferir o que se passava com ambos, pois os problemas poderiam condicionar as suas acções e/ou condicionar as acções dos seus colegas, nas actividades solicitadas ao longo do ano lectivo. Conferimos que o aluno com o medicamento temporário não acarretava qualquer condicionalismo, e o outro aluno estava dependente da medicação por ter problemas de controlo da agressividade, sendo por isso necessário adequar as estratégias de intervenção às suas necessidades, de forma a não agravar o seu problema.

Outro dado proeminente, tratou-se das reprovações escolares, visto que todos os alunos já tinham reprovado pelo menos dois anos e a maioria já tinha reprovado três anos. As razões apontadas foram maioritariamente relacionadas com a motivação, uma vez que não estudavam nem frequentavam assiduamente as aulas.

No que concerne aos defeitos pessoais, apontados pelos alunos, é de realçar que a distração e a agressividade apresentaram percentagens consideráveis, o que poderia ser elucidativo da existência de comportamentos menos adequados ao longo das aulas.

Relativamente às expectativas futuras dos alunos, os dados contemplaram uma baixa ambição por parte destes, uma vez que não apresentaram objectivos a nível curricular, existindo uma baixa percentagem que apenas demonstrou querer seguir a área profissional para que o curso os habilita. Este dado foi pertinente, podendo ser utilizado como um argumento de motivação para um maior empenhamento, almejando a criação de objectivos a médio e longo prazo destes alunos com vista à finalização curricular.

No que diz respeito à afectividade com a disciplina de Educação Física, verificámos que metade dos alunos afirmou gostar muito da disciplina, relacionando-a com a vertente que induz à diversão, ao gasto energético e ao jogo com os colegas. Estes dados foram úteis para compreendermos algumas das expectativas dos alunos e da

valorização destes pela componente lúdica da disciplina. Contudo, foram apurados alguns alunos que mencionaram gostar pouco desta disciplina. Entendemos, então, que as tarefas em grupo, valorizando a componente lúdica, seriam estratégias potenciadoras da motivação dos alunos, procurando que os mais motivados conseguissem motivar outros.

No que se refere às características que menos apreciavam no professor de Educação Física, a maioria dos alunos referiu a exigência e a pontualidade, sendo a simpatia e a amizade as que mais apreciavam. Assim, depreendemos que os alunos têm pouco interesse no aproveitamento das aulas, não valorizando o rigor da disciplina e encarando-a como um espaço de mera socialização e recreação. Este parâmetro permitiu compreender o que os alunos poderiam esperar dos professores, e o que não valorizavam, para que assim conseguíssemos, caso fosse possível, desvendar estratégias para utilizar em prol de uma aprendizagem mais rentável.

De realçar ainda que a maior parte dos alunos afirmou preferir aulas que apelem ao trabalho em grupo, em detrimento do trabalho individual, bem como consideraram importante o professor admitir a participação do aluno na aula.

#### **7.1.5. Análise dos resultados CEF “y”**

A maior parte dos alunos da turma do CEF “y”, pertenciam a uma família nuclear, os pais detinham baixas habilitações literárias e encontravam-se numa situação profissional instável. Apesar destes factores, os alunos afirmavam que os seus pais se interessavam pelo seu desenvolvimento curricular, manifestando uma atitude de compreensão e apoio perante os resultados escolares.

No que concerne à alimentação, aferimos que, regra geral, os alunos cumpriam as principais refeições diárias normais para o bom funcionamento do organismo, satisfazendo horários de consumo dentro dos parâmetros considerados regulares pela Organização Mundial de Saúde. No entanto, tendo em conta que as aulas de Educação Física eram iniciadas num horário próximo ao do almoço (11 horas e 30 minutos), julgámos importante depreender se os alunos ingeriam o chamado lanche da manhã ou se tomavam algum alimento antes do início das referidas aulas.

Verificámos, ainda, que, relativamente à alimentação antes das aulas de Educação Física, mais de metade dos alunos assumiu que não ingeria qualquer alimento, facto este que pode condicionar a sua prestação nas aulas, visto ser necessária uma determinada quantidade de energia para a realização dos exercícios propostos. Outros alunos referiram que ingeriam algum tipo de alimentação, mas não cumpriam os tempos de antecedência entre a ingestão de alimentos e a prática de actividade física, colocando de igual forma problemas a níveis de disponibilidade e bem-estar físico para actividades de maior intensidade.

No que concerne ao número de reprovações escolares, verificámos que todos os alunos já reprovaram no mínimo um ano, existindo um caso que já o fez cinco vezes. As razões apontadas pelos alunos foram falta de estudo e o excesso de faltas, podendo esta atitude estar relacionada com um défice de motivação escolar.

Os alunos da turma em questão afirmaram dormir em média menos horas diárias do que as recomendadas pela Organização Mundial de Saúde para adolescentes (8 a 10 horas). Julgamos que este facto é um indicador do défice de atenção e de capacidade de concentração com claras implicações no rendimento escolar dos alunos. Para além dos alunos não cumprirem as horas de sono recomendadas, também afirmavam não praticar de forma regular actividade física ou mesmo estudar de forma disciplinada. Desta forma, podemos referir que existia uma porção significativa de alunos que não detinha hábitos de uma vida activa e saudável, sendo que necessitaram de grande incentivo à execução das actividades físicas de forma a despoletar a sua motivação intrínseca.

No que toca à percepção sobre os seus defeitos, a maioria exaltou a distração e a agressividade como o principal comportamento pessoal desadequado, afunilando para possíveis comportamentos menos adequados ao longo das aulas.

No que diz respeito às expectativas curriculares futuras, mais de metade dos alunos afirmaram pretender estudar até ao 12º ano. A principal profissão que foi eleita foi a de educador de infância e de agente da autoridade, sendo profissões de elevada responsabilidade social.

A disciplina de Educação Física foi avaliada por metade dos alunos como “gosto muito”, sendo evidenciada a vertente que induz à diversão, ao gasto energético e ao jogo

com os colegas. Contudo, há que realçar que alguns alunos afirmaram não gostar nada desta disciplina. Assim, foram privilegiadas tarefas em grupo e diversificadas, com o intuito de potenciar a motivação os alunos.

As características menos apreciadas no professor de Educação Física foram, pela maioria dos alunos, a exigência e a pontualidade, sendo a simpatia e a amizade as que mais apreciavam. Com isto, deduzimos que os alunos têm pouco interesse no aproveitamento das aulas, não valorizando o rigor da disciplina e encarando-a como um espaço de mera socialização e recreação.

A maior parte dos alunos admitiu preferir as aulas que apelem ao trabalho em grupo, em detrimento do trabalho individual, bem como consideraram importante o professor permitir a participação do aluno na aula.

#### **7.1.6. Considerações sobre a caracterização das turmas**

Na elaboração das caracterizações das turmas do CEF “x” e CEF “y”, utilizámos o mesmo método e o mesmo instrumento (ficha biográfica). Esta recolha de informações mostrou-se muito rica em dados quantitativos e qualitativos que contribuíram para um melhor entendimento sobre as características de ambas as turmas, que, embora parecidas, apresentam características ímpares no seu seio.

No entanto, julgamos que, apesar de todos os dados recolhidos deterem a sua pertinência, muitos não tiveram relevância suficiente que justificasse o investimento temporal utilizado na sua recolha. Com isto, pretendemos realçar que, no futuro, os esforços deverão incidir sobre os aspectos essenciais da turma, pois o actual processo de recolha e tratamento dos dados acabou por ser demasiado moroso, não sendo totalmente rentável relativamente ao tempo dispendido para o mesmo.

A par desta situação, julgamos que o cruzamento destes dados com outros sociométricos recolhidos pela psicóloga da referida instituição de ensino, poderia enriquecer a caracterização das referidas turmas, uma vez que existiria uma complementaridade de informação sobre as turmas em questão. Este facto é mais relevante se tivermos em conta que o nosso documento com a caracterização das referidas turmas não contemplou esta relação directa.

A caracterização das turmas realizou-se no início do ano lectivo, estando sujeita a um limite temporal, ou seja, tratou-se da caracterização até aquele determinado momento. No entanto, julgamos que é importante referir a existência do seu carácter mutável que poderá advir das múltiplas interações que os alunos desenvolvem ao longo do ano. Salientamos que a própria caracterização não deverá ser um documento fechado, pois existem inúmeras situações/desenvolvimentos, que acontecem ao longo do ano, que solicitam uma constante actualização por parte do docente que poderá levá-lo a ajustar as suas estratégias de intervenção.

## **7.2. Estudo de Caso – A valorização Desportiva e as atitudes nas aulas de Educação Física em 2 alunos do CEF “x”**

Segundo Neale, Thapa & Boyce, (2006), um estudo de caso é uma espécie de história sobre um assunto específico que pode incidir sobre indivíduos, instituições, eventos e programas, salientando que o seu principal propósito é fornecer dados que conduzam a uma compreensão sobre determinado caso, chamando a atenção para um assunto particular, para que seja possível identificar dificuldades e definir as estratégias para ultrapassá-las.

Segundo Rosado & Marques (s.d), cit., Fernandes, Raposo, Moreira & Henrique (2007), vários investigadores na área de Psicologia do Desporto afirmam que existem resultados contraditórios no processo de socialização dos jovens através da prática desportiva, existindo comportamentos incorrectos (faltas de respeito a árbitros e adversários, agressões, batota, etc.) que são cada vez mais frequentes e praticados em escalões etários cada vez mais baixos.

A temática escolhida surgiu da percepção da existência de um défice sob a valorização desportiva e conseqüente falta de respeito por regras, adversários e demais agentes de ensino. Esta percepção deveu-se a diversos *feedbacks* fornecidos no início do ano lectivo, aquando da caracterização da turma por alguns docentes de anos anteriores, da psicóloga da escola, e da própria observação efectuada ao longo do primeiro período lectivo que apontaram todos no mesmo sentido.

Envolvidos neste cenário, manifestou-se essencial descrever estratégias e definir instrumentos que tiveram como propósito averiguar a veracidade da percepção inicial e, posteriormente, apurar os casos mais problemáticos, de forma a seleccionar a amostra que seria alvo de uma intervenção mais profunda.

A definição das estratégias e respectivos instrumentos, elementos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho, careceram de uma revisão bibliográfica extensa, até que fossem alcançadas as mais adequadas. A par destas tarefas, que envolveram uma parte importante de todo o processo, refira-se que existiram algumas limitações que suscitaram a nossa adaptação e criatividade, para que fosse possível obter resultados que se tornassem positivos para o futuro da amostra.

Sendo que no processo de avaliação da turma CEF “x” da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros, existe uma inequívoca valorização para a parte sócio-afectiva, mais especificamente, através da existência de um total de 50% da nota final, julgamos que o sucesso obtido no desenvolvimento deste estudo poderia reflectir-se na ponderação da nota final.

### **7.2.1. Identificação do problema**

Para conseguirmos uma correcta identificação do problema, foram recolhidas várias informações junto de diversos agentes de ensino sobre os comportamentos e respectivas atitudes dos alunos perante situações de socialização e interacção comuns entre indivíduos. Esta situação foi enriquecedora e passível de ser concretizada devido ao conhecimento existente entre docentes que acompanhavam os alunos da turma CEF “x”, pois estes tinham sido acompanhados pela maioria dos respectivos docentes em vários anos lectivos.

Após a interacção entre os diversos agentes de ensino e a respectiva constatação de determinados comportamentos incorrectos no seio da aula de Educação Física, nasceu a necessidade de reflectir sobre a informação recolhida para estabelecermos a definição do caminho que deveria ser percorrido. Perante a informação basilar recolhida, ficou indiciada a necessidade de definir um método que permitisse averiguar os níveis inerentes aos valores desportivos.

No seguimento da revisão bibliográfica efectuada, foi aplicado um questionário já validado por Gonçalves (1998), cit. por Fernandes, Henrique, Miguel, Ionescu, Luís & Serôdio (2003), para aferir a percepção dos alunos sobre a temática estudada. Este questionário foi aplicado na fase inicial do estudo e, posteriormente, na sua fase final, sempre no mesmo período temporal, ou seja, no final das aulas de Educação Física. Com este procedimento, pretendia-se minimizar as possíveis limitações que poderiam ser causadas devido a alguma ansiedade ou pouca reflexão sobre a temática.

A par deste instrumento foi elaborada uma tabela de registo que visava avaliar as prestações dos alunos sobre esta temática, tendo sido registado em quatro aulas (duas no primeiro período e duas no terceiro) o comportamento dos alunos em determinadas componentes, sem aviso prévio do que estaria a ser efectuado.

### **7.2.2. Observação dos alunos**

Recolhidos e apresentados os dados referentes à percepção que cada aluno revelava sobre a valorização desportiva, procedeu-se à recolha de dados ao longo das aulas que pudessem aferir quais os alunos que realmente manifestavam comportamentos que fossem contrários a uma atitude ajustada às aulas de Educação Física e concordantes com os verdadeiros valores desportivos. Neste âmbito, a recolha foi elaborada com rigor, procurando avaliar o aluno em situação de jogo, utilizando as diversas matérias de ensino.

Os dados recolhidos ao longo das aulas do 1º período apontaram para alguns comportamentos preocupantes, no que concerne ao respeito pelos colegas, comportamento e postura na aula. Estas condutas foram mais evidenciadas nos alunos que apresentaram resultados que apontavam um menor acatamento sobre os valores inerentes a uma boa e correcta postura desportiva.

Perante estas observações, foi construída uma ficha de registo baseada no instrumento que foi utilizado para avaliar a percepção dos alunos face à valorização desportiva. A ficha de registo foi desenhada, especificamente, para aferir o número de vezes que o aluno contestou as decisões do árbitro, demonstrou intolerância perante os erros dos colegas, que cumprimentou o adversário e que não respeitou as regras de jogo ou procurou contorná-las.

### 7.2.3. Definição do público-alvo

Recolhidos e analisados os dados, foram seleccionados dois alunos de sexos diferentes que apresentavam uma menor valorização desportiva e que evidenciavam uma maior conduta anti-desportiva.

De forma a compreender os comportamentos dos alunos, era necessário investigar de forma mais profunda as suas características e o seu meio envolvente, de forma a conseguir adequar estratégias de intervenção para potenciar o seu sucesso.

O aluno é oriundo de um meio socioeconómico muito desfavorecido e de uma família nuclear desestruturada, vivendo com um familiar. Pratica um desporto federado, nomeadamente o futebol, e afirma gostar da disciplina de Educação Física. Foi caracterizado pela psicóloga da instituição educativa como sendo um aluno que procura a atenção do professor devido às grandes necessidades afectivas.

A aluna afirmou não gostar muito da disciplina de Educação Física, sendo caracterizada pela psicóloga como uma aluna com uma enorme necessidade de se “fazer notar”, embora não consiga lidar muito bem com os erros dos adversários, com temperamento instável, por vezes, agressivo, enfrentando muitas vezes a autoridade do professor e com problemas relacionais com determinados colegas. A aluna é de um meio socioeconómico médio, mas com a família desestruturada, vivendo apenas com o pai.

Relativamente aos seus aproveitamentos curriculares, ambos detêm dificuldades nas diversas disciplinas que compõem o seu currículo escolar, apesar de no 1º período terem apresentado resultados positivos na maioria das disciplinas. No que diz respeito às suas ambições profissionais, ambos afirmam não saber o que desejam. Os alunos em questão são ainda menores, com dezassete e dezasseis anos, respectivamente.

### 7.2.4. Objectivos gerais

- ✓ Alertar para a importância dos valores de *fair-play* para o desenvolvimento sustentável da valorização desportiva

### **7.2.5. Objectivos específicos**

- ✓ Compreender a valorização desportiva patente nos alunos
- ✓ Diminuir as condutas anti-desportivas dos alunos nas aulas de Educação
- ✓ Aumentar a valorização desportiva
- ✓ Promover as relações interpessoais dos alunos

### **7.2.6. Metodologia**

Com o intuito de desenvolver competências de teor valorativo, foram delineadas e colocadas em prática diversas estratégias que tiveram uma aplicação em diversos âmbitos, sobre diversos conteúdos, com a intenção de conduzir e estender este trabalho para além do horário da disciplina de Educação Física.

Ao longo das aulas do segundo e terceiro períodos, foi criado, junto dos alunos da respectiva disciplina, e especialmente junto destes dois alunos, um modelo mais voltado para a educação desportiva, com o objectivo de fornecer experiências às quais os alunos não estavam habituados, levando a que compreendessem as diversas perspectivas inerentes ao desporto e à Educação Física.

Estas experiências, que procurámos incutir nos nossos alunos, incidiram em tarefas relacionadas com a arbitragem, organização, gestão e mesmo de transmissão de conteúdos aos colegas. Deste ponto de vista, os alunos vivenciaram uma série de experiências, e sobre estas realizaram reflexões que permitiram efectuar discussões sobre as suas decisões ou eventuais deliberações erradas que tenham tomado.

Os alunos, ao desempenharem um outro tipo de papel, como é exemplo o de árbitros ou juízes, e ao vivenciar as suas dificuldades e comprovar as diferentes perspectivas de forma reflexiva e sustentável, tiveram a oportunidade de compreender e valorizar os diversos papéis existentes no contexto desportivo.

A importância destas práticas só faz sentido se forem efectivamente pensadas e debatidas, pois as experiências só por si podem trazer conclusões que advêm apenas do seu resultado final, ou seja, do sucesso ou insucesso inerente, não existindo a devida reflexão ponderada sobre todo o processo que conduziu aos resultados finais, ficando

marcadas de uma forma analítica, pobre e estanque. Assim, consideramos que foi imperial a existência de uma reflexão crítica sobre as acções dos alunos envolvidos, bem como dos respectivos colegas, acompanhadas sempre por um espírito crítico e honesto.

O recurso a *feedbacks*, nomeadamente o interrogativo e quinestésico, a par de uma afectividade positiva durante as aulas de Educação Física, compuseram uma parte fundamental deste processo, na medida em que, não só permitiram desenvolver uma proximidade entre o professor e o aluno bem mais forte, mas também potenciaram os níveis de confiança dos alunos e a própria motivação dos mesmos para a respectiva aula.

Outras estratégias que tentámos colocar em acção passaram pela implementação de aulas de apoio e do trabalho não presencial sobre os diversos conteúdos apreendidos, com vista a aumentar o tempo de prática e, conseqüentemente, de empenhamento destes alunos, visto este ser já por si escasso, devido ao exclusivo bloco de noventa minutos semanais. Apesar de termos apelado para a participação destes alunos nas aulas de apoio e no respectivo trabalho não presencial, os alunos não corresponderam aos nossos pedidos, tendo sido infrutíferos os nossos esforços para conseguir implementar tais medidas junto dos nossos alunos.

### **7.2.7. Dificuldades**

As principais dificuldades sentidas estiveram relacionadas com o nível da transmissão de valores que gostaríamos de implementar junto dos alunos, pois estes tendiam para uma baixa capacidade de concentração e, conseqüentemente, de atenção e compreensão das tarefas propostas.

Estas dificuldades, aliadas à baixa motivação para a prática, impuseram uma mudança de atitude por parte do professor, pois foi necessário intervir de forma simplificada, com comandos simples e exemplos práticos (demonstração), apelando a transições rápidas sem grandes quebras de ritmo. Com esta adaptação, procurou-se minimizar as características anteriormente mencionadas, e rentabilizar o tempo de aula.

O facto de os alunos não comparecerem nas aulas ditas de apoio, e não realizarem os trabalhos não presenciais, de forma escrita, originou também uma dificuldade acrescida à própria dinâmica das aulas, pois, com esta atitude, o nosso objectivo de maximizar o espaço temporal não foi plenamente alcançado. Para evitar ou minimizar esta situação, procurou-se abrir as aulas de apoio a todos os colegas, para que os mais proficientes ou com mais motivação tentassem convencer os seus colegas a comparecerem nestas aulas. Apesar disto, os alunos não compareceram e os meios de captar os estudantes para este período revelaram-se ineficazes, pois as mesmas não eram de carácter obrigatório.

Para potenciar a participação nos trabalhos não presenciais, procurámos fornecer trabalho mais simplificado, sem necessidade dos alunos precisarem de trazer consigo material escrito. Esta mudança de estratégia revelou-se positiva, pois os alunos acabavam por pensar sobre as atitudes e em breves conversas, com menos carga formal, era possível verificar que os alunos tinham alcançado os objectivos propostos.

Outra dificuldade sentida esteve directamente relacionada com os comportamentos de desvio que a maioria da turma apresentava, conduzindo a um clima comprometedor com os objectivos direccionados para estes alunos.

### **7.2.8. Controlo**

O controlo de todo este processo reflecte uma importante etapa do processo de aprendizagem destes alunos, pois, é através deste que o professor poderá acompanhar, efectivamente, se os alunos estão ou não a caminhar ao encontro dos objectivos propostos.

Assim sendo, os métodos que foram definidos para efectuar este controlo, nomeadamente o registo dos comportamentos e das atitudes dos alunos, baseando-se na sua percepção (no início do processo e no final), a efectiva actuação nas aulas (ao longo do espaço temporal do estudo), os balanços efectuados pelos alunos sobre o desenrolar das suas atitudes, as reflexões dos alunos debatidas em pequenos diálogos entre o professor e o aluno revelaram-se correctos e facilmente exequíveis.

### **7.2.9. Avaliação final**

Após termos efectuado todo este processo, foi necessário averiguar se, na realidade, os alunos progrediram no que toca à valorização desportiva e, consequentemente, nos comportamentos directamente relacionados com a aula.

Apesar do processo avaliativo ter sido contínuo, ficou definido um período final de avaliação com o propósito de ter um referencial comparativo com os resultados iniciais. Este processo avaliativo foi efectuado com os mesmos instrumentos da avaliação inicial: a aplicação do questionário de valorização desportiva de Gonçalves (1998), cit. por Fernandes et. al. (2003), e ainda pelo registo da última aula relativa às suas atitudes e valores.

Apesar do público-alvo serem dois alunos, optamos por averiguar a evolução de toda a turma, pois algumas das estratégias colocadas em prática, abrangeram todo o grupo.

Em relação à percepção da valorização desportiva, verificámos que os alunos melhoraram nos vários parâmetros (anexo VI) relativamente à sua valorização desportiva. Este facto demonstra uma evolução geral da turma que poderá estar directamente relacionada com uma mudança de atitudes dos alunos, face ao que foi desenvolvido ao longo dos períodos. Estes resultados foram motivo de enorme satisfação, pois foram indicadores da existência de uma maior consciência dos bons valores desportivos.

No que diz respeito aos alunos envolvidos no estudo, verificámos que os mesmos evoluíram de forma exponencial no que se refere à sua percepção. Apesar de ambos deterem um crescimento acentuado, denotamos que a aluna deteve um desenvolvimento ligeiramente superior ao aluno (anexo VI).

Quanto ao efectivo comportamento no contexto de jogo, aferimos que os alunos apresentaram um registo de ocorrências muito menor de condutas anti-desportivas, que as inicialmente foram registadas, com uma diminuição significativa de todos os elementos constituintes da turma. Apesar disto, no final do nosso trabalho com os alunos, estes ainda apresentavam diversos comportamentos impróprios aos valores que

lhes foram transmitidos, existindo algumas lacunas que futuramente devem ser desenvolvidas (anexo VII).

Nos casos particulares dos alunos que compuseram este estudo, notámos que a sua evolução foi mais profícua, atendendo ao registo efectuado no mesmo período temporal dos outros alunos. Conferimos que os alunos que foram alvo de um trabalho mais profundo e individualizado conseguiram reduzir, em maior número, as suas atitudes anti-desportivas. Destaque-se que o aluno em questão deteve um maior progresso do que a aluna.

Em termos comparativos entre os valores da percepção e os comportamentos anti-desportivos, averiguámos que a aluna obteve uma maior pontuação sobre a valorização desportiva do que o aluno, no entanto, os seus resultados na componente prática foram ligeiramente inferiores ao do aluno. Julgamos que esta situação poderá estar directamente relacionada com a capacidade de colocar em prática as atitudes correctas.

#### **7.2.10. Considerações finais do estudo de caso**

Após todo o processo que deu origem a uma maior consciência relacionada com as atitudes e valores desportivos por parte dos alunos envolvidos, existiram algumas situações que requerem considerações importantes para uma melhor intervenção futura.

A pertinência deste estudo de caso detém uma amplitude considerável no desenvolvimento de competências sociais e afectivas dos alunos, com uma aplicação igualmente ampla no seu dia-a-dia. Apesar dos resultados positivos, será fundamental existir uma continuação deste mesmo trabalho, pois julgamos que o seu desenvolvimento não poderá ser estancado a este ano lectivo, numa única disciplina curricular.

A mudança de comportamentos e o desenvolvimento de competências sociais é por si um processo moroso, que se prolonga no tempo, implicando uma constante interacção de âmbitos diferentes: o familiar, o social e o escolar. Segundo Mendonça (2010), a escola é, actualmente, apontada como uma possível solução para todos os problemas dos jovens, mas a verdade é que não poderá alcançar todos esses objectos, e

responder a todos estes problemas, sem que exista uma correcta interacção entre todos os agentes de ensino envolvidos no processo educativo dos alunos.

A influência dos pares na formação do denominado currículo oculto, especialmente o que é fornecido pelos amigos e demais colegas de escola, equaciona um mundo paralelo na formação dos alunos (Mendonça, 2010), pelo que cabe à escola promover e gerir a interacção entre os pares, para que esta seja razoável, benéfica e enriquecedora, sobretudo do ponto de vista moral e da educação para os valores.

Nesta óptica, o nosso trabalho não se centrou exclusivamente nos alunos com mais dificuldades na temática abordada, pois, se assim o fizéssemos, estaríamos a minimizar a influência dos restantes colegas de turma e, conseqüentemente, diminuiríamos as nossas hipóteses de sucesso. Assim sendo, as estratégias que foram utilizadas revelaram-se eficazes e capazes de produzir resultados visíveis, quer no nível de percepção dos alunos, quer nas suas atitudes efectivas nas aulas.

Com os procedimentos estratégicos utilizados, os alunos não só aumentaram o seu empenhamento motor como pareceram retirar mais prazer das tarefas, reduzindo o respectivo número de faltas presenciais e materiais. Estes resultados foram claramente positivos e foram sinónimo de uma aprendizagem mais fluida dos conteúdos e tarefas propostas ao longo das aulas, bem como de um clima mais favorável.

Apesar do relativo sucesso alcançado, existiram aspectos que deveriam ser melhorados de forma a otimizar um maior rendimento. Um desses aspectos diz respeito à possível intervenção dos pais, de forma a desenvolver um trabalho conjunto capaz de rentabilizar a interacção entre comportamentos solicitados e as respostas efectivas dos alunos.

### **7.3. Acção de extensão curricular**

No âmbito do Estágio Pedagógico, inserido no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, enquadra-se a realização de uma actividade de extensão curricular, com vista a reunir a prática de actividade física à diversão e cooperação entre os diversos agentes educativos, fora do horário e ambiente escolar.

---

A nossa proposta inicial surgiu no decorrer do mês de Outubro quando delineámos um projecto que visava um passeio numa embarcação (*catamaran*) na parte da manhã, seguindo-se de uma actividade radical no Regimento de Guarnição nº3 da Madeira. Esta opção inicial revelou-se demasiado ambiciosa, visto que foram colocados diversos obstáculos que conduziram à alteração da actividade, nomeadamente, as dificuldades económicas dos alunos e Encarregados de Educação, que através de um inquérito aferiram não estar dispostas a fornecer qualquer valor monetário para a concretização da respectiva actividade e também a indisponibilidade demonstrada pelos alunos em participar numa acção fora do âmbito escolar obrigatório e por alguns inconvenientes encontrados no que concerne à realização das actividades radicais.

Pelos motivos anteriormente apontados, tivemos que engendrar uma outra actividade que possibilitasse alcançar os objectivos propostos, que não acarretasse custos financeiros para os participantes ao mesmo tempo que potenciase a participação do público-alvo. A escolha acabou por recair sobre uma actividade denominada “Aprender – Interagindo” que foi agendada para o dia vinte e oito de Fevereiro (segunda-feira) entre as 9 horas e 30 minutos e as 13 horas, consistindo numa caminhada citadina, com início na Escola dos Louros, seguindo-se da realização de um *peddy-paper* no parque Municipal de Santa Catarina no Funchal, finalizando com a prática de actividades ao ar livre e seguido de um lanche-convívio.

### 7.3.1. Enquadramento

Sabendo que os alunos que constituem as turmas do CEF “x” e CEF “y”, na sua maioria, apresentam bastantes lacunas no que diz respeito às relações inter-pessoais e aos comportamentos mais adequados a ter em ambiente social, é de extrema importância que sejam criadas situações e realizadas actividades que reivindiquem experiências ligadas à aquisição de competências a este nível.

O desenvolvimento desta acção procurou fomentar, junto dos nossos alunos, o respeito pelos outros e pelo espaço físico que os rodeia, a capacidade de se inter-relacionar de forma civilizada e respeitadora perante os colegas, professores e Encarregados de Educação, realçar a importância da actividade física como forma de

aquisição de valores e atitudes morais, servindo assim como um importante instrumento de educação para a saúde.

Assim, de forma a facilitar esta aquisição de competências, a dinamização desta actividade extra-curricular permitiu a formação de laços relacionais, não só entre alunos mas também entre docentes e familiares. Torna-se, desta forma, um meio bastante útil, capaz de possibilitar, num ambiente mais informal e que não envolva unicamente o espaço físico da instituição de ensino, a promoção da formação integral, eclética e harmoniosa dos alunos.

Cientes destes objectivos e realidades, a escolha de uma actividade lúdica que envolvesse a interacção entre Encarregados de Educação, professores e os alunos, através da actividade física de lazer, num espaço aberto, acabou por recair na dinamização de um *Peddy-Paper* no Parque Municipal de Santa Catarina. Através deste *Peddy-Paper*, intentámos proporcionar momentos de lazer e alegria, não descurando, no entanto, o factor educacional inerente à actividade em si, tentando potenciar de igual forma as relações saudáveis de respeito e amizade entre todos os seus intervenientes.

Um *Peddy-Paper* consiste, basicamente, na realização de um percurso pré-definido, sendo que ao longo do mesmo, existe um conjunto de pontos de controlo, usualmente colocados em pontos estratégicos que não sejam facilmente detectados, existindo em cada ponto uma determinada tarefa a ser realizada.

No ambiente escolar, o trabalho interdisciplinar apresenta-se como um caminho turvo, onde diversas barreiras emergem àqueles que pretendem convergir esforços em prol de uma educação integral do aluno, sendo que esta actividade surge como um excelente meio de potenciar o trabalho interdisciplinar num ambiente lúdico e de convívio social. Foi com o intuito de ir ao encontro dos conteúdos da Acção Individual que procurámos contactar com os diversos docentes dos alunos das turmas CEF “x” e CEF “y” para que a actividade contivesse alguns conteúdos que necessitassem de ser aprofundados.

O PNEF, prevê a execução de actividades físicas de exploração da Natureza, nas suas dimensões técnicas, organizativas e ecológicas, devendo a sua realização acontecer

no âmbito curricular. Embora não tenhamos abordado, em termos curriculares, estas actividades, achamos pertinente proporcionar esta experiência aos nossos alunos.

Aliar a actividade física e a confraternização social entre diversos agentes de ensino de diversos escalões etários poderá potenciar e enriquecer todos os participantes, bem como fornecer momentos que fortifiquem os laços e as relações entre todos os participantes.

### **7.3.2. Objectivos gerais**

- ✓ Desenvolver e potenciar o trabalho de grupo.
- ✓ Desenvolver as relações inter-pessoais.
- ✓ Sensibilizar para a preservação de um ambiente ecológico.
- ✓ Conhecer e explorar espaços diferentes.
- ✓ Desenvolver o trabalho interdisciplinar aliado à actividade física.

### **7.3.3. Objectivos específicos**

- ✓ Desenvolver o trabalho e as relações interpessoais através da formação de grupos heterogéneos (alunos, pais e professores) para a resolução de problemas comuns.
- ✓ Promover a prática de actividade física de lazer num espaço “verde”, apelando à preservação dos espaços e redução da “pegada humana”.
- ✓ Colocar questões sobre diversas matérias curriculares num ambiente informal e lúdico.
- ✓ Ler e interpretar mapas.

### **7.3.4. Organização da actividade**

Para a organização da actividade, contámos com o apoio da direcção executiva e de diversos docentes das turmas envolvidas, que desde a divulgação da actividade se mostraram disponíveis para colaborar.

Numa primeira fase, foi contactada, informalmente, a Câmara Municipal do Funchal de forma a verificarmos a disponibilidade do Parque Municipal de Santa

Catarina, para a realização da actividade. Posteriormente, foi remetido o pedido formal para a entidade competente, após a validação da Direcção Executiva da Escola.

Procedeu-se, através de um comunicado com as respectivas fichas de inscrição em anexo, à divulgação da actividade aos professores das respectivas turmas, alunos e Encarregados de Educação.

De forma a transmitir a informação mais claramente aos Encarregados de Educação, foram utilizadas duas estratégias: a primeira, através de um comunicado que os alunos deveriam apresentar aos Encarregados de Educação com a respectiva assinatura a comprovar a sua disponibilidade e a segunda, através das directoras de turma que transmitiram a informação da actividade e a sua importância no âmbito curricular.

Foi ainda solicitado aos vários docentes das turmas envolvidas, a elaboração de algumas perguntas que julgassem pertinentes, para serem anexadas às diversas estações. Estas questões foram verificadas e associadas com as elaboradas pelo Núcleo de Estágio, tendo sido colocadas de forma estratégica em cada estação.

Para definir o percurso e verificar as condições que o espaço possui, procedemos ao reconhecimento do terreno e elaboração do mapa a utilizar. Foram feitos diversos registos fotográficos dos pontos de controlo de forma a identificá-los e para proceder a um correcto delineamento do percurso.

Para o desenrolar da actividade, optámos por agrupar os participantes em equipas heterogéneas e que englobassem diversos elementos educativos, promovendo a diversidade aos envolvidos na actividade.

### **7.3.5. Avaliação e controlo**

Foi definido um ponto de encontro junto à entrada principal da instituição de ensino para todos os intervenientes, com um período de 15 minutos antes da caminhada para o Parque Municipal de Santa Catarina.

De maneira a controlarmos as presenças e confirmarmos as equipas previamente formadas, foi elaborada uma *checklist*, para aferir as presenças dos participantes no início e no final da actividade.

Para a realização do percurso, foram distribuídos três docentes pelos respectivos alunos, com o intuito de minimizar possíveis comportamentos de desvio. Na posse deste plano, os participantes deveriam deslocar-se em grupo, existindo um docente na retaguarda do grupo, outro numa posição mais mediana e, finalmente, um na frente do grupo responsável pela decisão do percurso seleccionado até ao parque.

No que concerne ao delineamento do percurso do *peddy papper*, este foi elaborado com o propósito de facilitar a chegada no menor tempo possível, estando definido de acordo com um sentido lógico de orientação no espaço. Deste modo, a alternância de pontos de controlo acarretava uma maior dificuldade no cumprimento do percurso.

Cada equipa dispôs de um único mapa com um espaço destinado à colocação das respostas, o que levou a que todos os elementos estivessem reunidos em cada ponto, apelando à definição de estratégias comuns.

A estratégia definida para a contabilização da pontuação final foi delegada nas próprias equipas. Cada uma contabilizou os pontos adquiridos (número de respostas correctas) com a supervisão de um responsável no final da prova. A pontuação final foi encontrada de acordo com as respostas dadas e com o registo do tempo, sendo a equipa vencedora a que correspondesse a um maior número de respostas correctas e, por conseguinte, obtivesse um menor tempo de prova.

Como forma de recompensa, e a fim de aumentar a motivação e empenho na participação da actividade, foram atribuídos prémios relacionados com a actividade física, nomeadamente várias raquetes de ténis à equipa primeira classificada e as restantes receberam um prémio simbólico de participação, uma “fun ball”.

Para aferir o nível de satisfação, opiniões e recolher as possíveis sugestões sobre a actividade, foi aplicado um inquérito aos docentes que participaram na actividade. Os resultados foram posteriormente tratados e analisados com o intuito de recolher informação relevante para próximas acções desenvolvidas.

### 7.3.6. Considerações da actividade de extensão curricular

Após a dinamização da Actividade de Extensão Curricular, intitulada “*Aprender Interagindo*”, alguns aspectos de relevância devem ser apontados, no que diz respeito à sua organização e execução.

Inicialmente, a actividade teve de ser alterada devido à falta de adesão dos alunos, professores e Encarregados de Educação, tendo-se de converter a actividade para um cariz obrigatório, de forma a que o principal público-alvo comparecesse. Com esta decisão, conseguimos angariar um total de trinta e um participantes, correspondendo a vinte e cinco alunos e seis professores. Assim, num total de trinta e dois alunos que compõem as turmas do CEF “x” e do CEF “y”, apenas faltaram sete e os restantes professores não compareceram, devido a motivos profissionais.

Um dos aspectos que consideramos menos positivo reside na afluência dos pais à actividade, o que revelou uma representatividade directa nula. Este facto poderá dever-se à actividade ter sido realizada num dia útil. Contudo, esta situação foi minimizada com a entrega de registos audiovisuais aos respectivos Encarregados de Educação.

Quanto à parte inicial da actividade, mais especificamente à caminhada entre a Escola e o Parque de Santa Catarina, esta permitiu fomentar o contacto entre os alunos e professores, bem como promover hábitos saudáveis entre os diversos participantes, no entanto existiram aspectos que devem ser tidos em conta no futuro.

O início da caminhada teve lugar mais tarde do que o previsto, devido ao atraso de alguns alunos, levando a que o *Peddy Paper* também sofresse alterações no seu começo. Este facto não condicionou a actividade, pois o tempo planeado já contemplava eventuais atrasos. Julgamos que futuramente o planeamento da caminhada deverá ter em consideração mais alguns aspectos, em particular a definição do percurso e distribuição dos alunos pelo número de professores disponíveis, para precaver e controlar possíveis comportamentos de desvio.

Durante a realização da actividade, existiu a necessidade de realizar alguns ajustes na correcção dos grupos, nos intervalos de saída para a partida de cada equipa, no tempo de análise do mapa, no tempo de penalização de cada resposta correcta e na

avaliação das equipas. Todas estas tarefas requereram uma capacidade de adaptação elevada, constituindo um factor importante para o sucesso da própria actividade.

Um outro aspecto que encaramos como menos positivo, apesar de terem sido concebidas estratégias que minimizassem a sua ocorrência, passou pelo incumprimento de algumas regras, previamente estipuladas, relativamente ao respeito pelo material e pelos colegas. Futuramente, deverá existir uma postura mais firme neste sentido, quer através da prevenção, quer através de penalizações que poderiam incidir, por exemplo, na pontuação final das equipas.

Notou-se alguns atrasos no final da actividade devido à inexperiência dos organizadores na contagem das pontuações, atrasando também o processo de contagem dos resultados. Contudo, o tempo despendido para a contagem não prejudicou o tempo total destinado à actividade em si, pois tinham sido planeados jogos de entretenimento e convívio entre os participantes: jogos lúdicos de futebol, badminton e um lanche.

Os prémios entregues contribuíram como um factor de motivação extrínseca para os presentes tendo sido realçado o grande objectivo no acto da entrega, a valorização das inter-relações entre os participantes, e aliando a prática da actividade física à aquisição de novas competências e experiências.

Em jeito de conclusão, constatamos que tanto os alunos como os professores mostraram empenho, satisfação e boa disposição ao longo de todo o processo, demonstrando interesse e disponibilidade para uma eventual actividade futura.

Julgamos que deverá ser repensado, no futuro, a pertinência e pedagogia que este tipo de actividades abarca, pois mobiliza um conjunto de pessoas em virtude de um objectivo comum, apela ao convívio entre os alunos e demais agentes educativos e a transmissão de valores, além de que contribui para a interdisciplinaridade, permitindo aliar a actividade física às restantes disciplinas que constam do currículo dos alunos.

Este tipo de actividades podem servir como catalisadores para encetar a motivação dos alunos para a prática de actividade física de forma lúdica, ou mesmo cativá-los para a realização das aulas de Educação Física, porque os alunos, ao conviver com os outros colegas e professores, numa situação que podemos considerar informal, permite a criação de laços que podem ser muito úteis na percepção dos demais

## **7 – Actividades de integração no meio**

---

participantes, e assim melhorar o relacionamento e abordagem entre todos. No global, como mais-valia, concluímos que este tipo de actividade deve ser realizada no início do ano.

## **8. Actividades de natureza científico-pedagógica**

### **8.1. Acção individual – Educação Física: Disciplina Inter e Multidisciplinar**

*“Vive-se a era da informação e da contextualização, nenhum aprendizado tem valor de forma isolada, nenhum conhecimento é pertinente se não for atravessado por outros saberes”.* (Weber, 2009, p. 25)

#### **8.1.1. Introdução**

A elaboração da Acção Científico-Pedagógica Individual teve como propósito desenvolver um trabalho de pesquisa fundamentado, sobre uma determinada temática que contribuisse de forma directa para o desenvolvimento do conhecimento dos docentes da instituição e produzisse uma maior rentabilização do processo de ensino/aprendizagem.

Tendo sido averbado no início do primeiro período que os alunos das turmas que leccionámos tinham uma taxa de reprovação muito elevada, apresentando características desarticuladas com as competências expectáveis, a nossa temática debruçou-se sobre a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade na Educação Física, de forma a sensibilizar para os benefícios de um trabalho neste âmbito.

Assim, o desenvolvimento desta temática partiu do princípio que nenhuma fonte de conhecimento poderá ser, por si só completa, sendo necessária a interligação com uma educação de qualidade, objectivando o contributo para uma melhor compreensão dos conhecimentos, dificuldades e aquisição de competências.

Para potenciar as competências/conhecimentos dos alunos, é necessária uma atitude e postura activas de todos os agentes educativos, de forma a proporcionar actividades que englobem conteúdos de diversas áreas, conduzindo-os ao desenvolvimento da sua personalidade e autonomia.

É através de uma espécie de diálogo entre os diversos conteúdos que surge a multidisciplinaridade como forma de identificar pontos comuns entre diferentes

## **8 – Actividades de Natureza Científico-Pedagógica**

---

matérias de ensino, resultando numa melhor compreensão e consolidação de conhecimentos e competências nas áreas que se relacionam.

Para promover a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, é fundamental um planeamento adequado com envolvimento coordenado dos vários agentes pedagógicos, requerendo um esforço e trabalho conjuntos numa perspectiva inovadora, rompendo com o método tradicionalista.

A Educação Física, no âmbito curricular, apresenta-se como uma disciplina multidisciplinar, com possibilidade de abranger diversas áreas do conhecimento e conteúdos, transformando-os para promover a educação integral dos alunos.

Pretendeu-se, com esta acção, alertar para as potencialidades de um ensino multidisciplinar e interdisciplinar no seio da Educação Física, contribuindo para o ensino direccionado para diversas áreas do conhecimento, uno e integral.

### **8.1.2. Objectivos gerais**

- ✓ Sensibilizar a comunidade docente para os benefícios do trabalho multidisciplinar e interdisciplinar através da Educação Física.

### **8.1.3. Objectivos específicos**

- ✓ Esclarecer o conceito de multidisciplinaridade e interdisciplinaridade no contexto escolar.
- ✓ Transmitir as vantagens de um processo de ensino-aprendizagem multidisciplinar e interdisciplinar para um ensino mais rentável.
- ✓ Alertar e debater as diversas aplicações e potencialidades que a Educação Física oferece.
- ✓ Estratégias de intervenção pedagógicas multidisciplinares e interdisciplinares.

### **8.1.4. Enquadramento teórico**

Inicialmente, procurou-se depreender os conceitos desta temática por julgarmos crucial para compreendermos a sua essência e características.

## 8 – Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

---

Segundo Pombo (2004), existe uma certa hierarquia entre a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade, sendo que a primeira orienta-se para a segunda, referindo que, aquando da existência de relações interdisciplinares no contexto escolar, não estão implícitos apenas uma simples troca de ideias, mas uma cooperação e compenetração das próprias disciplinas. Assim, apercebemo-nos que este conceito estabelece um primeiro nível de interacção disciplinar, apontando um caminho para a imensa diversidade de intervenções que podem ser realizadas entre os vários agentes de ensino. A multidisciplinaridade está direccionada para a interdisciplinaridade, embora numa perspectiva mais lata e menos concisa.

Segundo Rios & Terezinha (2001), é habitual entender a interdisciplinaridade como a mistura de diversas disciplinas do currículo escolar em torno de um tema, mas só poderá ser entendido como interdisciplinaridade quando existir diálogo construtivo e claro, ponderando as diferenças e especificidades da acção de cada grupo, com distribuição de tarefas claras, orientando os alunos a objectivos comuns de forma a realizar um trabalho colectivo, organizado e verdadeiramente interdisciplinar.

Luck (2003) realça que é através da interdisciplinaridade que se procura o aumento dos conhecimentos, utilizando-se informações, aparentemente antagónicas, que os alunos normalmente recebem de forma desintegrada. Na tentativa de potenciar as competências e conhecimentos dos alunos, é necessária uma atitude uníssona de todos os agentes educativos, de forma a proporcionar aos alunos actividades que englobem conteúdos de diversas áreas, conduzindo-os assim, ao desenvolvimento da sua personalidade e autonomia em ambiente saudável.

É da multidisciplinaridade que a interdisciplinaridade cresce e, ao fazê-lo, desenvolve uma análise mais profunda através da troca de ideias e métodos de trabalho em prol de diferentes limites/objectivos previamente planeados.

Apesar dos diversos conceitos, é inegável a forte relação entre ambos e a consequente necessidade de contrapor e partilhar ideias/acções/projectos em prol de uma maior potencialização da formação integral do aluno.

A promoção da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade exige um planeamento adequado com envolvimento coordenado dos vários agentes pedagógicos.

Tudo isto requer um esforço e trabalho conjuntos numa perspectiva inovadora, abandonando o método tradicionalista, de âmbito exclusivamente reprodutor e egocêntrico.

#### **8.1.4.1. Que soluções no âmbito da Educação Física?**

Freire & Batista, (2001), referem que a importância da perspectiva interdisciplinar em Educação Física reside no reconhecimento de pontos comuns do conhecimento e subordinação que o corpo, mente, acção e compreensão, encerram entre si.

Para trabalhar a interdisciplinaridade na Educação Física, Cainzos (1993) sugere três formas:

1) Partindo do objectivo de conhecimento, onde o professor deve deter conhecimentos de outras disciplinas de forma a transmitir, relacionar e promover a aprendizagem, focalizando os aspectos particulares do conhecimento.

2) Partindo do sujeito que detém o conhecimento, com o intuito de promover e desenvolver o espírito de autonomia dos alunos, proporcionando que estes sejam agentes elaboradores do seu próprio conhecimento consoante as suas necessidades. O professor detém um papel mais abrangente, sendo um orientador do aluno (ex: relação entre os hábitos de vida saudável e suas consequências no dia-a-dia);

3) Partindo da interacção entre o sujeito e o objecto do conhecimento, procurando articular as motivações, interesses e a construção do conhecimento e respectivos componentes curriculares dos alunos. O professor prevalece mediador de todo este processo, auxiliando e ajustando a sua organização.

Por sua vez, Scherer e Neto (2000), citado por Araújo & Filho (2008), sugerem quatro propostas a desenvolver na Educação Física:

1) Desenvolvimentista, baseada numa perspectiva futura orientada para a transformação do indivíduo enquanto homem, preparando-o para a cidadania, respeitando os seus vários níveis dos processos de desenvolvimento que são trabalhados paralelamente à aprendizagem do movimento e habilidades motoras. O autor defende o

desenvolvimento da aprendizagem motora simultaneamente com o desenvolvimento do “todo”.

2) Construtivista, centrada na interacção do movimento corporal com o meio como potenciador da aprendizagem motora. Os docentes deverão propor situações que conduzam à descoberta do raciocínio, apresentando dicas, pistas e desafios aliciantes para a resolução de problemas;

3) Crítico-Superadora, centra-se na importância de existir uma consciencialização para a importância da cultura corporal através de jogos, desporto, dança, etc., incidindo nos seus referenciais teóricos com o fim de ajudar os alunos a aprender a expressão corporal como linguagem. Nesta perspectiva, o professor deverá incidir na reflexão dos conhecimentos do aluno e nos conhecimentos científicos;

4) Crítico-Emancipadora, concentra-se na educação como um instrumento que proporciona acções e comunicações, fornecendo condições para os alunos participarem na vida cultural e desportiva, estimulando o pensamento crítico e exploração de hipóteses.

#### **8.1.4.2. Dificuldades de implementação**

Segundo Pombo (2004), existem quatro dificuldades fundamentais, sendo a primeira a organização disciplinar, pois para cada disciplina existe um professor responsável por leccionar ou oferecer um conjunto de conteúdos programáticos com pouca articulação horizontal. A segunda, a segmentação temporal, através dos horários com uma certa rigidez na organização destes, não existindo tempos para o trabalho transversal e interdisciplinar. A terceira, a segmentação espacial, onde muitas escolas não apresentam espaços lectivos livres, com salas de trabalho comum com várias disciplinas. E, finalmente, a visão tradicional da Educação Física (vista como actividade utilitarista onde apenas se trabalha o físico, visando apenas o rendimento desportivo e mera execução técnica).

### **8.1.4.3. Aplicações práticas na Educação Física curricular**

Segundo Peres (2000), a organização de jogos, construção de coreografias, jogos tradicionais, etc, podem ser utilizados para trabalhar componentes de diferentes disciplinas de forma a aperfeiçoar a aprendizagem. Este refere ainda que os movimentos corporais estão directamente relacionados à cognição e à percepção, sendo através desta interacção que conduz a uma complexidade progressiva, induzindo o aluno a uma instabilidade que ao reestruturar os conceitos irá promover a construção do seu pensamento.

Em todas as aulas de Educação Física podem ser utilizados elementos da matéria de qualquer outra disciplina através da organização de jogos que ajudem os alunos a estudar a matéria de forma lúdica, por exemplo a elaboração de gincanas em que as equipas terão de identificar uma data para poderem seguir em frente, ou um *peddy paper* em que têm um questionário relativo à matéria das outras disciplinas, ajudarão no desenvolvimento do conhecimento relativo às outras áreas.

Mas esta componente não deverá ser aplicada exclusivamente nas aulas de Educação Física, pois, caso isto aconteça, poderemos correr o risco de uma descaracterização da disciplina. Da mesma forma que a Educação Física permite a utilização e aplicação de estratégias que visem o aperfeiçoamento de determinadas competências e conteúdos correspondentes a diferentes disciplinas, o oposto poderá também acontecer, como por exemplo, na disciplina de Matemática ou Físico-química, a utilização e análise de vídeos das aulas de Educação Física para calcular trajectórias e movimentos de objectos e corpos, apelando a uma reflexão sobre os seus resultados e implicações.

### **8.1.4.4. Conclusões da revisão da literatura**

Apesar da crescente especialização e fragmentação do conhecimento científico que tem dirigido o ensino para a formação especializada sobre as diversas áreas curriculares, existe uma série de possibilidades que permitem aos agentes educativos canalizarem esforços para proporcionar um ensino integral aos seus alunos.

Os obstáculos que se deparam aos defensores de um ensino mais multidisciplinar e interdisciplinar são variados e com algum relevo. Apesar da segmentação espacial e temporal, de grande parte das escolas, serem ainda reveladoras destas dificuldades, os programas curriculares têm proposto diversas possibilidades de colaboração entre os agentes educativos.

A Educação Física pode ajudar na produção do trabalho interdisciplinar dentro do contexto curricular, pois detém a possibilidade de existir um envolvimento constante dos alunos com outras matérias. Tais possibilidades são inúmeras, sendo algumas inerentes à própria Educação Física como disciplina que explora os diversos domínios, que procura o desenvolvimento integral e que não pretende apenas transmitir “*skills*” motores aos alunos.

Graças à forte componente prática que está patente na Educação Física, esta é propícia a suscitar a criatividade que, com a devida articulação, trará benefícios para a educação dos alunos. Cabe a toda a comunidade escolar, em particular à comunidade docente, procurar o desenvolvimento de todo um leque de possibilidades que a interdisciplinaridade disponibiliza.

### **8.1.5. Organização da acção individual**

Para concretizar os objectivos propostos, o núcleo de Estágio definiu que a concretização das Acções Individuais deveria ser realizada de forma conjunta, compartilhando um espaço comum, para cativar o maior número de pessoas, encadeando os conhecimentos divulgados. Baseando-se num encadeamento lógico entre as temáticas escolhidas, o núcleo de estágio definiu que o programa da acção deveria iniciar-se com a Acção Individual “Contributos da Educação Física na Formação Integral dos alunos”, seguindo-se a Acção Individual denominada “Educação Física: Disciplina Inter e multidisciplinar” e, finalmente, a Acção Individual intitulada “Primeiros Socorros na Educação Física Escolar”. Esta estratégia teve como grande objectivo facilitar a captação de público, tornando as acções mais apelativas por apresentarem uma oferta mais diversificada.

Para a esquematização da acção intitulada “Educação Física: Disciplina Inter e Multidisciplinar” foram elaboradas propostas práticas, tendo em conta a revisão da

literatura efectuada, que constituíram opções válidas no que se refere à sua aplicação escolar, sendo exemplos inequívocos de que é possível trabalhar em diferentes áreas com diversas matérias, sedimentando os conhecimentos e competências dos alunos.

Não se pretendeu definir exercícios padrão para serem utilizados mas sim ideias gerais que possam gerar exercícios específicos passíveis de serem executados com uma estratégia comum, entre o professor de Educação Física e de outra/s disciplina/s, tendo em vista a potencialização da aprendizagem dos alunos, pois não se poderá ambicionar apenas a existência de interacção entre as disciplinas, pois isto é algo ínfimo comparando com os benefícios que advêm de uma cooperação constante entre docentes que proporcione uma aprendizagem individualizada, despoletadora da motivação individual de cada aluno, proporcionando-lhes um espaço de estudo alargado onde este pode experimentar a aprendizagem de forma diferente e diversificada.

Foi com este espírito que foi inserida na Acção Individual uma componente mais prática, logo após a exposição da revisão da literatura. Esta opção teve como principal meta fornecer uma actividade de carácter mais prático ao público-alvo. Foi proposto aos participantes a realização de um exercício prático, onde estes deveriam desenvolver estratégias para solucionar um problema ou potenciar uma competência que os alunos apresentem nas suas disciplinas. A proposta prática deveria ser realizada, se possível, a pares com docentes de áreas curriculares diferentes para que a interacção fosse mais enriquecedora. Após terem finalizado as tarefas, foi proposta a apresentação e o debate das tarefas realizadas, para potenciar a interacção entre os docentes e a oportunidade de intervenção, pretendendo-se uma espécie de *brainstorm* sobre a temática envolvida.

#### **8.1.6. Balanço da acção individual**

Todas as componentes que englobaram a Acção Científico-Pedagógica Individual solicitaram comportamentos diversos e contribuíram para o desenvolvimento de diversas competências, nomeadamente a capacidade de planeamento, organização, transmissão de conhecimentos, exposição em público, capacidade de síntese e de comunicação e desenvolvimento do conhecimento nas áreas da interdisciplinaridade e multidisciplinaridade como ferramentas potenciadoras do ensino da Educação Física.

## 8 – Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

---

Apesar de toda a informação transmitida ter incidido sobre a importância da realização de um trabalho comum em prol de objectivos delineados e dos professores terem efectivamente concordado com a sua pertinência e importância, não foi denotado por parte destes um interesse em realizar este tipo de trabalho. A componente prática foi um claro exemplo desta realidade, pois a maioria dos docentes não demonstrou grande esforço ou interesse em executar tarefas deste âmbito, apesar de realçarem a sua importância no ensino integral. Esta situação é merecedora de uma reflexão, pois consideramos que poderá ser um indicador das poucas rotinas ou à vontade que os docentes sentem na realização deste tipo de trabalho.

Apesar de existirem diversos obstáculos na implementação de trabalho inter e multidisciplinar, cabe aos docentes, em primeira instância, procurar contornar esses mesmos obstáculos. Com esta acção, ficaram evidenciados os diversos benefícios e obstáculos e a apresentação de algumas propostas, sem que estas sejam receitas de aplicação geral. O objectivo principal foi alertar e com isto solicitar o interesse dos diversos agentes, e com o intuito de alargar a aplicação à prática lectiva dos intervenientes. Será muito importante continuar a realizar e explorar esta temática, sendo que para que isto seja passível de ser realizado, deverá existir um trabalho contínuo e de acompanhamento dos diversos agentes de ensino.

Para colocar em prática toda a ideologia patente na acção desenvolvida, seria necessário delinear estratégias, sendo que as reuniões de grupo e de turmas representam uma excelente oportunidade, assim como espaços de partilha comum como é o caso da sala dos professores.

Julgamos que é possível aplicar e desenvolver um trabalho sustentável sobre esta temática, sendo uma oportunidade de potenciar a aprendizagem dos alunos, experimentando as suas capacidades através de um trabalho mais abrangente sobre os conteúdos abordados. Para o efeito, a Educação Física pode e deve ser vista, para além do seu horário restrito à disciplina, pois muitas vezes encontra-se em défice como acontece nos cursos técnicos profissionais (CEF's) devido aos seus noventa minutos semanais.

A motivação dos alunos pode, sem dúvida, ser incitada e as suas preferências podem ser exploradas, sendo esta realidade uma necessidade que deverá ser aprofundada no seu todo, através de rotinas e de esforços mútuos.

### **8.1.7 Elaboração de artigo científico e poster para seminário internacional**

Foi-nos solicitado a elaboração de um artigo e de um poster científico para submissão e apresentação no Seminário Internacional de Ciência e Desporto, organizado pela Universidade da Madeira.

A elaboração destas tarefas, sujeitas a restrições normativas, acabou por reivindicar uma enorme capacidade de síntese. De forma a não excedermos o número total de palavras requerido, foi necessário retirar informação e deixar apenas a mais pertinente, reformulando o trabalho elaborado.

Esta foi também uma boa oportunidade de expor um trabalho com relevância num seminário internacional, ao mesmo tempo que apresentávamos uma temática que poderá criar uma atitude mais dinâmica no contexto escolar.

A apresentação do poster perante um público desconhecido, foi também uma experiência enriquecedora, já que apelou a uma exposição simples e concisa da temática devido ao limite temporal disponibilizado (três minutos). De referir que esta exposição proporcionou experiências com correspondência para as tarefas seguintes, nomeadamente para a Acção Científico-Pedagógica Colectiva.

### **8.1.8. Ligação com a acção de extensão curricular**

Para que o conhecimento transmitido não se esgotasse no limite temporal definido para a acção, procurámos ao longo do ano pôr em prática o trabalho inter e multidisciplinar.

Apesar de terem sido utilizadas as diversas reuniões de grupo e de turma para desenvolver e estabelecer estratégias de forma a ir ao encontro dos problemas encontrados nos alunos, quisemos também aproveitar a Acção de Extensão Curricular para desenvolver esforços e rotinas de trabalho entre as diversas disciplinas. Orientámo-

nos, então, no sentido de desenvolver um espírito de colaboração entre os docentes de outras disciplinas para que estes fornecessem diversas ferramentas que pudessem ser desenvolvidas no âmbito da actividade.

De uma forma mais concreta, foi possível aos docentes discriminarem algumas perguntas que quisessem ver respondidas pelos alunos no âmbito da sua disciplina, sendo que as suas respostas seriam debatidas posteriormente.

É necessário ter em conta que a Educação Física não poderá servir para compilar ou resolver problemas de outras disciplinas, pois podemos correr o risco de perder a identidade e refira-se que não estabelecemos estas estratégias para colmatar tais lacunas. Julgamos que com actividades deste tipo podemos potenciar a colaboração entre as diversas disciplinas, logo entre docentes.

## **8.2. Acção colectiva - Estratégias de intervenção e integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais, abordagem específica das deficiências auditivas e visuais.**

### **8.2.1. Introdução**

De forma a tentar responder às necessidades da realidade escolar encontradas na instituição em que fomos integrados, procurámos adequar o tema da nossa Acção Científico-Pedagógica Colectiva a essa realidade. Esta lógica teve como objectivo principal tentar encontrar estratégias que possam responder da melhor forma aos problemas que se levantam na instituição de ensino.

Deste modo, a Acção Científico-Pedagógica Colectiva que dinamizámos intitulou-se “Estratégias de Intervenção e Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) nas aulas de Educação Física, abordagem específica das deficiências Auditivas e Visuais”, pelo facto de considerarmos que é relevante actualizar o conhecimento nesta área específica e partilhar estratégias com recurso a pessoas especializadas, de forma a adequar a acção educativa a este tipo de populações especiais, podendo assim proporcionar o ensino da disciplina de Educação Física da melhor forma possível.

Antes de definirmos a temática da Acção Colectiva, debatemos com os respectivos orientadores, colegas de estágio e com o próprio grupo de Educação Física a pertinência desta acção. Estes debates acabaram por ser extremamente benéficos para a clarificação de ideias relativas à importância de desenvolver esta acção, assim como para evitar a sobreposição de temáticas.

### **8.2.2. Enquadramento teórico**

Esta Acção Científico-Pedagógica Colectiva inseriu-se num conjunto de Acções realizadas pelos Grupos de Estágio, com o intuito de apresentar novas perspectivas de ensino da Educação Física, com vista à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Os docentes de Educação Física, no contexto actual, devem estar preparados para encontrar todo o tipo de alunos, com necessidades e níveis de aprendizagem diferentes, assim como características que lhes são próprias. Compete-lhes saber como fornecer aos alunos um processo de ensino-aprendizagem adequado e eficaz. Quando nos referimos a alunos com necessidades educativas especiais (NEE's), é necessário um conhecimento e preparação mais acrescida, tanto por parte do docente, como dos demais agentes educativos que os circundam.

É comum existirem alunos com necessidades educativas especiais inseridos nas diversas turmas escolares, sendo necessária uma adequada selecção de estratégias de intervenção dos docentes de Educação Física com vista à integração destes alunos.

Apesar da referida Escola ser de referência para alunos com deficiências auditivas, existiam no seio escolar alunos com outro tipo de deficiências, nomeadamente visuais e motoras, encontrando-se lacunas no que toca às barreiras arquitectónicas. Os espaços onde os alunos com necessidades educativas motoras e visuais se deslocam, não são bem equipados e destinados aos mesmos. Ao falar de barreiras arquitectónicas, temos igualmente as barreiras psicológicas, que são outro conjunto de factores a ter em conta, quando se refere a este tipo de alunos. Pretendemos alertar também para a importância de ter em consideração estes dois grandes aspectos, pois são cruciais no processo escolar destes alunos.

Com a realização desta acção e a abertura da mesma a diversos leques educativos, pretendeu-se que todos os participantes adquirissem um conjunto de competências que lhes sejam úteis, fornecendo uma partilha de experiências diferentes das habituais com a finalidade de activar a reflexão sobre a temática.

Para que toda a acção decorresse com coerência e articulação, delineámos um conjunto de sub-temas que iriam ser abordados, em colaboração recíproca com os prelectores convidados, com vista a responder às questões e/ou problemáticas inerentes ao tema escolhido.

Assim, de uma maneira geral, foi introduzido o tema e feito um enquadramento das NEE's no contexto educativo, passando-se para a identificação de diversas barreiras com que estes alunos se confrontam e como as contornar. Seguidamente, numa vertente mais específica das deficiências visuais e auditivas, foram apontadas as características inerentes aos alunos portadores destas necessidades, complementando isto com uma parte prática que fornecesse um conjunto de estratégias e exercícios passíveis de serem transformados e utilizados nas aulas de Educação Física.

A inclusão de alunos portadores de NEE's nas turmas regulares de Educação Física é extremamente importante e deve ser cultivada, situação que é suportada pelo Núcleo de Actividade Motora Adaptada (NAMA). Contudo, esta situação poderá gerar controvérsia, sendo importante perceber até que ponto o processo de inclusão dos alunos não acaba por se tornar exclusão, tema igualmente abordado durante a acção.

Com o delineamento deste tema e a estruturação de toda a acção, tivemos em vista sensibilizar o público-alvo para as necessidades educativas especiais e fornecer uma panóplia de estratégias, que potencie o leque de competências e experiências neste ramo.

### **8.2.3. Objectivos gerais**

- Proporcionar formação complementar e actualizar a formação inicial;
- Vivenciar práticas metodológicas que visem a operacionalização na actividade profissional;

- Estimular uma atitude crítica, inovadora, conduzindo a uma prática reflexiva da actividade educativa;
- Sensibilizar para as diferentes NEE's com que os docentes se podem deparar.

#### **8.2.4. Objectivos específicos**

- Apontar as principais barreiras arquitectónicas e a forma como poderiam ser colmatadas, para facilitar a integração desses alunos, bem como a actuação dos docentes;
- Reflectir acerca do processo de Inclusão/Exclusão de alunos com NEE's nas Escolas;
- Desenvolver capacidades e competências ao nível da integração de estratégias de inclusão dos alunos com NEE's auditivas e visuais, na sua acção docente;
- Apresentação de uma componente prática, de modo a facilitar a percepção de actuação, através de exemplos e situações práticas, aplicadas posteriormente nas aulas de Educação Física.

#### **8.2.5. Metodologia**

O tema da Acção Científico-Pedagógica Colectiva foi definido no início do ano lectivo de forma a ser possível integrá-lo no Plano Anual de Actividades da Escola, mas também devido a motivos de organização e validação de todas as acções junto da Direcção Regional de Educação (DRE). Devido a estes condicionalismos, inerentes a todo o processo que envolveu a organização de uma Acção desta magnitude, deparámo-nos com a necessidade de enveredar por um tema condizente com a realidade escolar em que nós, na condição de grupo de estágio, nos inserimos. O factor motivacional também concorreu nesta escolha e teria de englobar um grau de pertinência elevado para o público-alvo.

Após a realização da caracterização da Escola, pudemos constatar que esta era uma escola de referência para alunos com NEE's Auditivas. A par deste facto, confirmámos a existência de uma população “especial” no seio escolar com diferentes necessidades.

## **8 – Actividades de Natureza Científico-Pedagógica**

---

Ao ter um contacto com esta realidade, surgiu-nos a indispensabilidade de averiguar as necessidades e respectivas estratégias de integração dos alunos com NEE's utilizadas na disciplina de Educação Física. Entre algumas conversas informais, foram-nos expostas diversas dificuldades a este nível. Com estes casos, aliados ao facto de pretendermos alargar a nossa formação profissional, surgiu-nos o tema “Estratégias de Intervenção com alunos com NEE's, nas aulas de Educação Física”.

O tema foi proposto às respectivas Orientadoras do Estágio Pedagógico, tendo sido prontamente aceite, no entanto, aquando da apresentação do respectivo tema aos nossos colegas Mestrados surgiu um pequeno contratempo. O problema centrou-se na coincidência de temas com outro grupo de Estágio, porém, através da articulação e debate de ideias, chegou-se facilmente a uma solução que fosse benéfica para ambas as partes, sem que nenhum dos grupos fosse prejudicado. Definiu-se que os dois grupos de estágio iriam centrar-se em âmbitos mais específicos, sendo que o nosso grupo iria realizar uma abordagem específica das deficiências visuais e auditivas.

Ultrapassado o contratempo, a elaboração dos objectivos desta acção era tarefa prioritária, tendo sido definidos os objectivos gerais e específicos sobre os quais se debruçaria a nossa acção. Este processo foi efectuado consoante as necessidades que sentimos que deveriam ser abordadas e respondidas no âmbito da leccionação da nossa disciplina.

Julgámos que seria incoerente da nossa parte não realizar uma componente mais prática para a execução e demonstração de exemplos práticos sobre as estratégias debatidas. Assim, definimos que deveria existir uma componente prática para a aplicação da primeira componente, de natureza mais teórica, visto que a aplicação prática dos conteúdos teóricos é, também, um processo importante na compreensão das melhores formas de lidar com este tipo de populações.

### **8.2.5.1. Contactos informais com recursos humanos e espaciais**

A definição do tema e dos respectivos objectivos estavam corporizados. O passo seguinte deu início aos contactos informais com os diversos agentes ligados a esta área, de forma a averiguar a sua disponibilidade para partilhar informação e/ou participar na nossa acção. Assim, foram contactados os respectivos prelectores/colaboradores: Mestre

## **8 – Actividades de Natureza Científico-Pedagógica**

---

Ana Rodrigues e Dr<sup>a</sup>. Susana Gomes (Licenciadas em Educação Física e com uma vasta experiência no trabalho com alunos com NEE's auditivas), Dr<sup>o</sup>. Nuno Pinto (Professor Universitário com formação na Actividade Motora Adaptada), Dr<sup>o</sup>. Jorge Fernandes (Presidente da NAMA com vasto trabalho realizado com alunos com NEE's), Dr<sup>o</sup>. Gonçalo (Experiência no trabalho com alunos com NEE's visuais). Todos os contactos realizados foram produtivos e enriquecedores, para a nossa definição e distribuição de temas e consequente elaboração da estrutura da nossa acção.

Realizados estes contactos informais, surgiu a necessidade de oficializar os respectivos convites, tendo sido dirigido a cada um dos prelectores um convite formal.

Relativamente aos recursos materiais necessários para o sucesso da acção, foi elaborada uma listagem com os recursos materiais necessários para um evento desta natureza. Para cada um, foram realizados diversos contactos, tendo surgido algumas dificuldades na aquisição de alguns elementos, particularmente uma sala com capacidade suficiente para suportar o número total de inscritos. Após contactarmos diversos espaços, a escolha acabou por recair sobre a Universidade da Madeira, mais especificamente a Sala do Senado, situada no piso -2, aproveitando-se a disponibilidade do local e facilidade de estacionamento (devido às férias da Páscoa) e pelas excelentes condições para os participantes.

O espaço definido para a componente prática da nossa acção foi o estabelecimento de Ensino em que estávamos integrados, a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros, tendo sido prontamente aceite pela direcção executiva.

Para existir uma maior acústica na componente prática, que acabou por ser realizada no ginásio da escola, devido às más condições climatéricas, foi requisitado à Associação de Triatlo da Madeira, através do seu Presidente, Dr. Victor Rodrigues, o sistema de som, comprometendo-nos a divulgar no cartaz o respectivo apoio desta instituição.

A mesma lógica aplicou-se ao apoio efectuado pela Associação Académica da Universidade da Madeira (AAUMa) para o fornecimento de capas e canetas aos participantes. Foi ainda pedido à NAMA o material didáctico necessário para a

componente prática da acção, visto que o material utilizado para este tipo de populações especiais, devido às suas características e especificidades, não é de fácil acesso.

### **8.2.5.2. Desenvolvimento do programa**

Garantido todo o apoio logístico e humano, procedemos à elaboração do programa para a nossa Acção Científico Pedagógica Colectiva. Para o efeito, foram agendadas diversas reuniões com os prelectores, de forma a alcançar um consenso sobre o trabalho que seria desenvolvido. Estas reuniões assentavam numa troca mútua de ideias a fim de não existir coincidência ou sobreposição de temas. No que diz respeito às intervenções dos estagiários, foram definidos os temas a abordar consoante a lógica de encadeamento dos mesmos.

### **8.2.5.3. Divulgação da actividade**

Para além da divulgação efectuada por todo o grupo de mestrandos das acções colectivas, que contou com a elaboração de um cartaz conjunto e divulgação por todos os concelhos da R.A.M, elaboração de um *site* com todas as informações relevantes e possibilidade de colocar dúvidas e realizar as respectivas inscrições, o grupo de estágio decidiu reforçar essa mesma divulgação.

Neste sentido, foram elaborados três cartazes distintos, tendo sido posteriormente escolhido, de forma democrática, apenas um deles, para ser afixado na Universidade da Madeira e na Escola dos Louros. Foi ainda enviado por correio electrónico um panfleto com a respectiva informação complementar para os inscritos na Acção Científico-Pedagógica Colectiva.

### **8.2.6. Balanço da acção colectiva**

Analisando os objectivos definidos inicialmente, podemos constatar que, tanto os objectivos gerais como os objectivos específicos da mesma foram atingidos, Relativamente ao primeiro objectivo geral definido, consideramos que, com as prelecções e respectivas premissas apresentadas, as mesmas permitiram aos participantes a aquisição de um conjunto de conhecimentos que alargaram e complementaram aqueles que já tinham apreendido noutras ocasiões.

## **8 – Actividades de Natureza Científico-Pedagógica**

---

Esse facto pode ser comprovado pelos resultados obtidos nos questionários de avaliação da acção, preenchidos pelos formandos, nomeadamente na questão relativa à pertinência da acção e do grau de satisfação pessoal obtido pelos mesmos.

No que diz respeito ao objectivo traçado para a vivência de práticas metodológicas que visassem a operacionalização na actividade profissional, compreendemos que o mesmo foi complementado através da parte prática que constituiu a acção de formação. Nesta parte prática, apesar de ter havido necessidade de a adaptar, fruto de factores das condições climatéricas adversas, consideramos que o seu desenrolar correspondeu às expectativas, visto que permitiu demonstrar como pode ser feita a adaptação dos recursos materiais e espaciais das escolas, para que estes possam ir ao encontro dos objectivos traçados, aquando da inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais em turmas do ensino regular.

Quanto ao objectivo traçado correspondente à estimulação de uma atitude crítica, inovadora, e que conduzisse a uma prática reflexiva da actividade educativa, constatámos, através da dinâmica que se criou no espaço de debate, que o mesmo foi conseguido. Esta constatação baseia-se no facto dos participantes, após a exposição das diferentes prelecções teóricas, intervirem de forma activa no debate, enunciando opiniões e críticas construtivas, bem como experiências pessoais que sentiram poder contribuir para a acção de formação e toda a temática a ela envolvida.

Por fim, em relação aos objectivos gerais definidos para esta acção, consideramos que a mesma, através de todas as prelecções que foram transmitidas, conjuntamente com o debate que se criou em torno da temática, e também com a parte prática apresentada ao público presente, conseguiu sensibilizar os presentes para as Necessidades Educativas Especiais referenciadas, as auditivas e as visuais, pelo que a acção de formação atingiu este mesmo objectivo.

Relativamente aos objectivos específicos, com destaque para o respeito pelas principais barreiras arquitectónicas, julgamos que estas poderiam ter sido complementadas com a referência aos recursos humanos que a Escola dos Louros possui. Se tal tivesse acontecido, procuraríamos demonstrar, de forma mais clara, a necessidade que a escola sentiu em adaptar os seus recursos, para corresponder às

## 8 – Actividades de Natureza Científico-Pedagógica

---

necessidades dos alunos com necessidades educativas especiais, evidenciando os recursos humanos para os alunos com dificuldades auditivas.

Esta complementaridade poderia ter sido feita no que concerne ao tema das barreiras que os alunos com NEE's encontram nas escolas, devendo ser tida em conta no futuro esta consideração, visto que apresenta um conjunto de mais-valias a acções com esta temática.

Outro dos pontos de abordagem específicos que definimos, consistia na realização de uma reflexão sobre o processo de inclusão/exclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais nas escolas, e de que forma esta dita inclusão não se poderia tornar ao mesmo tempo em exclusão. Este ponto foi traçado, no entanto, não foi alcançado na sua totalidade, tendo apenas sido abordada a inclusão que é feita nas escolas, e não de que modo a mesma se pode transformar em exclusão. A razão desta ocorrência prende-se com o facto de um dos prelectores, que inicialmente iria abordar este tema, por motivos pessoais, ter abdicado da sua participação na acção de formação.

No entanto, e devido à imensa ajuda e apoio demonstrado pela Mestre Ana Rodrigues, que se disponibilizou para nos ajudar e contribuir de forma enriquecedora para o sucesso da acção, foi possível manter os horários estabelecidos.

O terceiro objectivo que definimos para esta acção de formação, a um nível mais específico, incidia no desenvolvimento de capacidades e competências que a integração de estratégias de inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais, tanto Auditivas como Visuais, despoleta.

Quanto a este objectivo, o mesmo foi atingido, visto que os prelectores, nomeadamente a Mestre Ana Rodrigues, na parte teórica da acção, e o Dr. Gonçalo Sousa, na parte prática, e a Dr.<sup>a</sup> Susana Gomes, tanto na parte teórica como na parte prática da mesma, desenvolveram através das suas intervenções. Assim, um dos aspectos que estes prelectores focaram, ao exporem o seu trabalho, foi de que forma os alunos com Necessidades Educativas Especiais, no contexto da Educação Física, poderiam participar activamente nas aulas, não tendo que trabalhar separadamente em relação aos restantes alunos.

Contudo, a forma como esta inclusão foi apresentada, passou pela aplicação de um conjunto de exercícios que foram adequados aos alunos com estas características. Os restantes adaptaram-se às regras inerentes a esses exercícios, o que poderia levar a que os mesmos tivessem de colocar-se no papel dos alunos com as características mencionadas. Assim, e tal como já foi referido anteriormente, um aspecto que poderia ser incluído na acção, passaria por demonstrar como o docente de Educação Física pode actuar dentro das suas aulas, caso possua alunos portadores de deficiência, sem comprometer os níveis de empenhamento dos restantes alunos, praticando ao mesmo tempo a inclusão dentro das suas aulas.

Por fim, o último objectivo por nós traçado para esta acção era referente à apresentação de uma componente prática, de modo a facilitar a percepção de actuação, através de exemplos e situações práticas, a serem aplicadas posteriormente nas aulas de Educação Física. Este último objectivo, apesar de no dia da acção ter sofrido algumas contrariedades, foi alcançado com maior sucesso do que aquele originalmente esperado.

### **8.2.7. Considerações da acção colectiva**

Após realizada a Acção e de termos verificado os diversos *feedbacks* fornecidos pelos participantes, podemos afirmar que, efectivamente, o nível de satisfação demonstrado pelo público-alvo foi bastante positivo. Não sendo este facto garante suficiente da qualidade da acção, procurámos averiguar junto dos orientadores e demais colegas mestrandos, através de discussões sobre a acção, informações que apontassem a um desenvolvimento sustentável das nossas opções futuras.

Recolhidas e discutidas estas informações, surgiram algumas considerações importantes sobre o desenvolvimento desta acção, das quais destacamos:

- Os alunos com Necessidades Educativas Especiais necessitam de formação e acompanhamento especializado, sendo que essa realidade está longe de ser passível de concretizar-se no âmbito escolar. É necessário fornecer aos Profissionais de Educação Física competências necessárias para aplicar nos seus alunos estratégias de intervenção adequadas.

## **8 – Actividades de Natureza Científico-Pedagógica**

---

- Segundo o PNEF, a escola deverá ser inclusiva e não exclusiva, sendo que o professor deverá deter a capacidade de discriminar e de esmiuçar as necessidades educativas de alunos com este tipo de características.
- Os exercícios práticos demonstrados na Acção não permitem, por si só, uma inclusão clara deste tipo de alunos, logo devem ser encarados como propostas, que ao serem desenvolvidas, recriadas e reconstruídas, podem ser geradoras de novas formas de intervenção potenciadoras de uma correcta integração.
- É inegável a panóplia de possíveis deficiências que os alunos podem deter. Perante esta diversidade, é fundamental centrar-se em conseguir caracterizar as necessidades educativas destes alunos e, para um diagnóstico mais preciso, é necessário a consulta de diversas fontes de informação, bem como, um trabalho multidisciplinar entre os agentes de ensino.
- A utilização de imagens ou vídeos nas respectivas apresentações poderia ter fornecido uma dinâmica mais atractiva, cativando mais intensamente o público presente.

---

## 9. Conclusões

Apesar de terem sido efectuadas diversas apreciações gerais e específicas ao longo de todo o trabalho, importa, agora, referir algumas que advêm de uma visão mais pessoal sobre todo o processo.

É importante realçar, antes de mais, que este não é um processo que finalizará a nossa aprendizagem enquanto futuros docentes, tal como Carreiro da Costa (1996) refere a aprendizagem da profissão docente não termina com a obtenção de uma licenciatura em ensino, sendo necessária uma formação contínua, que se estende até ao momento da reforma do próprio professor. É, portanto, com este espírito que procuraremos interpretar todo o nosso estágio e todos os desafios que surgirem ao longo do nosso futuro e conscientes da necessidade de existir um contínuo aperfeiçoamento de competências.

Sabendo que os caminhos a percorrer são ainda longos e que, certamente, trarão desafios importantes, atendendo à transição de estudantes para professores, é fundamental que o nosso desenvolvimento, enquanto professores, não estagne nos conhecimentos e competências adquiridas ao longo do processo académico. Assim, torna-se importante compreender, tal como refere Januário, Ferro, Anacleto & Henrique (2009, p.1), “o desenvolvimento do professor resulta de um processo idiossincrático e auto-biográfico de natureza pessoal e profissional que, tendo por base as suas características pessoais, edificando-se através dos estágios de desenvolvimento do professor, não se limitando com a conclusão da formação inicial”.

Reflectindo sobre todo o estágio pedagógico, verificamos que existiram aspectos que foram mais facilmente operacionalizáveis que outros. De todo o trabalho realizado nas mais variadas funções que o estágio exigiu, é de salientar o contacto pessoal com problemas inerentes à realidade escolar num patamar que não existiu antes no nosso percurso académico. Com isto, queremos dizer que os contactos realizados com os orientadores, alunos e outros agentes educativos na realização das diversas actividades, traduziram-se na grande riqueza deste estágio pedagógico. Houve vivências que exigiram reflexões e decisões que no plano teórico não se assumem com toda a sua complexidade.

---

Em todo este processo, gostaríamos de salientar alguns aspectos devido à influência positiva que tiveram no desenrolar do estágio, e que nos ajudaram a executar este processo de forma mais fluída e eficaz. Um desses aspectos esteve relacionado com a definição de prazos por parte dos nossos orientadores para o cumprimento de variadas tarefas, evitando a acumulação preocupante de trabalhos e tarefas. Desta forma, o nosso esforço foi doseado pelos vários meses (cerca de dez), tornando o trabalho mais apetecível e rentável. Ainda nesta perspectiva, as reuniões semanais que decorreram com os nossos orientadores intercederam sempre para actualizarmos o trabalho que estava a ser efectuado e receber sempre *feedbacks* pertinentes para o seu melhoramento.

Outro aspecto que importa referir está relacionado com a realidade específica em que nos inserimos, nas turmas de cursos de formação e educação e pelas suas características distintas do chamado currículo normal. Nestas turmas, os alunos que as frequentam congregam variadas dificuldades, destacando-se as de nível comportamental e motivacional, apesar de se encontrarem nestas turmas com o objectivo de completar o 3º ciclo com sucesso, com uma determinada formação especializada que os integre rapidamente no mercado de trabalho, pretendendo-se desviá-los de caminhos obscuros que, eventualmente, os conduzisse à marginalização.

Estas características exigiram comportamentos adequados à gestão de conflitos habituais, do desenvolvimento de estratégias potenciadoras da motivação e empenho dos alunos e, sobretudo, à compreensão de cada contexto específico que cada aluno apresentava. Teve que existir uma tolerância grande com determinados comportamentos e acções provocadoras de determinados alunos. A nossa reacção e intervenção dirigiu-se para um plano de pedagogia positiva sem que deixássemos cair no patamar do facilitismo.

Esta situação vai ao encontro da selecção que é feita no seio escolar, no que se refere aos docentes dos cursos de educação e formação. Existe um determinado perfil de professor que ficou claro nas reuniões de conselho de turma em que participámos e que é assumido pela escola. Estes docentes não deverão ser pessoas com um espírito demasiado altruísta, nem com um estilo demasiado autoritário, pois o choque entre os alunos com espíritos e estados emocionais relativamente frágeis originaria a desistência de muitos. Desta forma, a palavra-chave neste contexto é integrar os alunos no espaço

---

escolar e procurar integrá-los na cidadania atendendo a que muitos se encontram à beira de seguir caminhos desviantes.

Assim sendo, a própria avaliação destes alunos comportava uma forte carga sobre o domínio sócio-afectivo, que tinha como espírito privilegiar os comportamentos adequados à realização de um ambiente social saudável. No entanto, os aspectos relacionados com o domínio psicomotor que a avaliação contemplava, de certa forma, não proporcionou grandes facilidades em compreendê-los, na medida em que não se enquadravam numa visão e interpretação tradicional dos conteúdos programáticos. Referimo-nos, essencialmente, ao parâmetro do domínio das técnicas que o núcleo de estágio optou por avaliar sempre em contexto de eficácia e não no domínio das técnicas que são consideradas como as ideais.

Ainda sobre a avaliação, importa salientar a dificuldade que sentimos nas reuniões de conselho de turma em que estivemos inseridos, onde foi denotado a existência de um certo descrédito da disciplina face às outras, aquando da discussão de classificações negativas de determinados alunos. Esta situação deveu-se à perplexidade que alguns docentes demonstraram sobre este facto, não existindo qualquer dúvida aquando de resultados negativos em outras disciplinas. Existe, assim, algum descrédito sobre a disciplina, sendo que cabe a cada um de nós, enquanto docentes ou futuros docentes, zelar pela nossa disciplina, demonstrando sempre um rigor e, acima de tudo, competência nas acções produzidas.

De todos os aspectos anteriormente mencionados e relativos a estas turmas (CEF's) é de realçar ainda a importância de existir um maior período temporal para a disciplina de Educação Física, ou de uma melhor distribuição do actual bloco de noventa minutos semanais. Este aspecto é importante, pois estes alunos apresentam capacidades de concentração baixas e níveis de empenhamento igualmente baixos, podendo potenciar-se estes factores com a utilização de dois períodos distintos durante a semana. Esta situação permitiria relembrar e actuar de forma mais activa sobre os objectivos e conteúdos programáticos.

De todas as actividades desenvolvidas, é de realçar que, devido às duas turmas serem partilhadas por três estagiários, exigiram uma partilha e uma coesão gregária fulcral entre todo o grupo de estágio para o desenvolvimento das diversas actividades e

---

trabalho de estágio. Apesar desta situação acarretar diversas vantagens, nomeadamente no desenvolvimento do trabalho de grupo e aperfeiçoamento de ideias, é de destacar que o trabalho individual de cada um acabou por não ficar evidenciado de forma clara, exceptuando nas acções de carácter científico-pedagógico individual e estudo de caso. No entanto, consideramos que em termos de custos e benefícios, constituíram uma situação que nos propiciou um balanço positivo de conhecimentos e acima de tudo de competências.

Em jeito de conclusão, gostaríamos de afirmar que a nossa integração e desenvolvimento do estágio pedagógico na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros foi um processo realmente profícuo que envolveu diversas actividades, debates, reflexões, e acções que no nosso entender foi mutuamente proveitoso. Foi através de todo este processo que crescemos e evoluímos a nível pedagógico e a nível pessoal, mas com a consciência que teremos que continuar sempre a melhorar e a querer aprender.

Consideramos que todo o estágio pedagógico decorreu de forma rentável para todos os envolvidos e que os objectivos no Mestrado foram alcançados:

- *“[...]Compreender e aplicar os conhecimentos adquiridos no 1º ciclo, em contexto de novas situações e de resolução de problemas, suscitados pelas mais variadas áreas da prática da actividade física e desportiva, no âmbito do sistema educativo;*
- *Aprofundar e integrar conhecimentos, lidar com questões complexas, desenvolver soluções ou emitir juízos de informação, nos domínios da Educação Física e do Desporto Escolar;*
- *Revelar uma atitude de elevada responsabilidade social e de cidadania na orientação das actividades físico-desportivas, desenvolvendo competências que elevem a aptidão física, a qualidade de vida e a saúde, assim como, o gosto pela prática regular das actividades físicas dos jovens em idade escolar;*
- *Comunicar de um modo claro e adequado, utilizando diversas formas de expressão (escrita, oral, corporal e emocional) em contexto específico da organização ou orientação de actividades físico-desportivas;*
- *Revelar um sentido de aprendizagem e de superação permanente, privilegiando a partilha da informação e assumindo comportamentos de solidariedade e de*

*trabalho em equipa, no âmbito dos domínios contemplados no quadro da extensão da Educação Física;*

- *Ser capaz de desenvolver e aplicar competências específicas, através de um estágio de natureza profissional e produzir um relatório revelador de capacidade de investigação e originalidade, em domínios relacionados com a Educação Física e o Desporto Escolar. [...]“*

(Universidade da Madeira, s.d., 2010)

---

## 10. Sugestões

Após todo o processo complexo que foi este processo de estágio pedagógico, aproveitamos este espaço para deixarmos algumas sugestões, fruto de uma apreciação mais pessoal de todo o percurso efectuado.

Denotamos que no primeiro ano do corrente mestrado, embora proveitoso, poderia acolher uma componente mais prática, fazendo com que neste segundo ano não existisse um choque tão acentuado com a realidade educativa. Se fosse seguida esta sequência, seriam englobadas as componentes práticas e teóricas patentes nestes dois anos num espírito de constante reflexão e discussão sobre os problemas vivenciados tendo em conta uma multiplicidade de contextos, em detrimento de uma separação tão evidente entre os dois anos lectivos.

Outra sugestão dirige-se à partilha de turmas entre estagiários que forneceu tempo de prática lectiva relativamente inferior comparativamente a outros colegas do presente mestrado. Embora não exista, neste caso, uma relação directa entre quantidade e qualidade, e sem menosprezar as vantagens que tivemos com este processo, julgamos que a exigência e o desafio de leccionarmos em exclusivo a uma determinada turma facilitariam a criação de rotinas e a aquisição de outras competências que não foram testadas neste processo.

Relativamente à avaliação dos estagiários, essencialmente no que se refere aos conteúdos praticados no estágio pedagógico, gostaríamos de referir que os mesmos deveriam ser esclarecidos de uma forma mais minuciosa. Apesar de termos a noção de que, efectivamente, os contextos são variáveis e em cada realidade escolar e, por conseguinte, por cada realidade de grupo de estágio, sentimos claramente que nos faltaram critérios de avaliação para cada uma das actividades realizadas. Julgamos que seria proveitoso a existência de objectivos mais delimitados, de forma mais específica para desenvolvermos estratégias para alcançar esses parâmetros.

Apesar de compreendermos que este foi um processo global e que não deve ser visto como uma mera soma das partes, seria importante denotar e compreender a relevância, após a conclusão de cada actividade, de uma classificação para que compreendêssemos o sucesso ou insucesso que acarretou o seu processo.

## 11. Bibliografia

Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A., & Vitória, M. (2008). *A Rotura*. Torres Novas: VML.

Andrade, A., Sanches, S., Guerra, L., & Luft, C. (2004). Perfil psicomotor associado a aprendizagem escolar. Buenos Aires: Revista Digital.

Aranha, A. (2004). *Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Vila Real: UTAD.

Araújo, C., & Filho, R. (2008). A utilização de jogos na Educação Física escolar para o desenvolvimento de conteúdos de Matemática e Língua Portuguesa de alunos da 4º série do ensino fundamental: um estudo de. *Revista Digital Buenos Aires* , 124.

Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Cainzos, M. (1993). *Um trabalho Integrado de Educação ao Consumidor: Temas Transversais em Educação - Base para uma formação integral*. Madrid: Ática.

Cardoso, A. (2006). Apontamentos das aulas de História da Educação Física e Desporto leccionadas pelo Professor Doutor António Cardoso, 2006/2007. *Licenciatura em Educação Física e Desporto* . Funchal: Universidade da Madeira.

Carreiro da Costa, C. O. (1996). *Formação de Professores em Educação Física: Concepções, Investigação, Prática*. Lisboa: Edições FMH.

Fernandes, H., Henrique, C., Miguel, M., Ionescu, B., Luís, D., & Seródio, F. A. (Dezembro de 2003). Valores no desporto. *Estudo exploratório das atitudes desportivas e orientações motivacionais em alunos de Educação Física* .

Fernandes, H., Raposo, J. V., Moreira, M., & Henrique, C. (Julho de 2007). A influência das orientações motivacionais nas atitudes desportivas em aulas de Educação Física. *Motricidade* , pp. 16-23.

Freire, P., & Batista, J. (2001). *As relações entre a Educação Física e as outras Disciplinas da Escola: Educação de Corpo Inteiro - Teoria e Prática da Educação Física* (4ª ed.). São Paulo - Brasil: Scipione.

Gadotti, M. (2007). *A Escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo: Publisher Brasil.

Gomes, M., & Lino, S. (2004). *Planeamento em Educação Física - Comparação entre Professores Principiantes e Professores Experientes*. Funchal: Monografia, Universidade da Madeira.

Januário, C. (1984). Planeamento em educação física. Concepção de uma Unidade Didáctica. *Revista Horizonte*, 91-95.

Januário, C., Ferro, F., Anacleto, F., & Henrique, J. (2009). Desenvolvimento profissional: a percepção da importância. *Revista Digital - Buenos Aires*.

Januário, C., Ferro, F., Anacleto, F., & Henrique, J. (Agosto de 2009). Desenvolvimento profissional: a percepção da importância da formação contínua e das necessidades de formação em professores de Educação Física.

Lino, S. (2008). Apontamentos das aulas de Pedagogia do Desporto pelo Professor Doutor Sena Lina no ano lectivo de 2008/2009. Licenciatura em Educação Física e Desporto. Funchal: Universidade da Madeira.

Lopes, H. (2007). Apontamentos das aulas de Sistemática das Actividades Desportivas pelo Professor Doutor Helder Lopes no ano lectivo 2006/2007. *Licenciatura em Educação Física e Desporto*. Funchal: Universidade da Madeira.

Luck, H. (2003). *Pedagogia Interdisciplinar - Fundamentos teórico-metodológicos*. Rio de Janeiro: Vozes.

Marques, R. (2004). Obtido em 15 de Setembro de 2010, de Checklist de Observação de Aula – Proposta: <http://www.scribd.com/doc/6009271/Checklist-de-Observacao-de-Aula-Proposta>

Mendonça, A. (2010). Apontamentos Ciências da Educação II pela Professora Doutora Alice Mendonça no ano lectivo 2009/2010. Mestrado no Ensino em Educação Física e

Desporto nos Ensinos Básico e Secundário. *Módulo de Sociologia*. Funchal: Universidade da Madeira.

Ministério da Educação. (2005). Programa de Educação Física. *Componente de Formação Sociocultural Disciplina de Educação Física*. Direcção Geral de Educação Vocacional.

Neale, P., Thapa, S., & Boyce, C. (2006). Preparing a case study: *Guide for Designing and Conducting a Case Study for Evaluation Input*.

Oliveira, A. (2006). *Jogos Populares e Tradicionais Portugêses*. São Pedro da Cova: Associação Recreativa, Cultural e Social de Silveirinhos.

Peres, L. S. (2000). Relações Interdisciplinares a Comunicação Social e a Educação Física. (Cascavel, Ed.) *Revista de divulgação científica do curso de Educação Física da Unoeste*, 2, 137-158.

Pieron, M. (1996). *Formação de professores: aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Pombo, O. (2004). *A Interdisciplinaridade: Ambições e Limites*. Viseu: Relógio d'água.

*Projecto Educativo Escolar da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros*. (s.d.). Obtido em 1 de Outubro de 2010, de [http://escolas.madeira-edu.pt/Portals/66/2008\\_2009/Projecto%20Educativo3.pdf](http://escolas.madeira-edu.pt/Portals/66/2008_2009/Projecto%20Educativo3.pdf)

Prudente, J. (2009). Apontamentos das aulas de Didáctica II no ano lectivo 2009/2010 do Mestrado em Ensino em Educação Física nos ensinos Básicos e Secundário. Universidade da Madeira.

Rios, & Terezinha, A. (2001). *Compreender e Ensinar no mundo Contemporâneo: Compreender e Ensinar - Por uma Docência de Qualidade*. São Paulo: Cortez.

Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do desporto. Instrumentos de observação*. Cruz Quebrada: FMH Edições.

Silva, S. D. (2008). Profissionalização docente e formação Humana: Faces da mesma moeda numa construção auto-gestora, interdisciplinar na busca do ideal formativo. *VIII*

*Congresso Nacional de Educação da PUCPR (EDUCERE) – Edição Internacional*, (p. 10491). Curitiba.

*Universidade da Madeira*. (s.d.). Obtido em 6 de Setembro de 2010, de <http://www.uma.pt/portal/modulos/curso/index.php>

Weber, J. V. (2009). *A Interdisciplinaridade entre as Ciências e a Educação Física na visão de alunos do ensino Fundamental e Médio*. Santa Maria, RS, Brasil: Universidade Federal de Santa Maria.

## Anexos


### Anexo I – Distribuição dos conteúdos pelo ano lectivo


CEF 8	1º Período											2º Período										3º Período					
Matérias	1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	11 e 12	13 e 14	15 e 16	17 e 18	19 e 20	21 e 22	23 e 24	25 e 26	27 e 28	29 e 30	31 e 32	33 e 34	35 e 36	37 e 38	39 e 40	41 e 42	43 e 44	45 e 46	47 e 48	49 e 50	51 e 52	
Actividad e Física																											
Andebol																											
Atletismo																											
Badminton																											
Basquetebol																											
Desportos de Combate																											
Futebol																											
Ginástica de aparelhos																											
Ginástica de Solo																											
Jogos Lúdicos																											
Rãguebi																											
Ténis de mesa																											
Voleibol																											

CEF 9	1º Período											2º Período										3º Período								
Matérias	1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	11 e 12	13 e 14	15 e 16	17 e 18	19 e 20	21 e 22	23 e 24	25 e 26	27 e 28	29 e 30	31 e 32	33 e 34	35 e 36	37 e 38	39 e 40	41 e 42	43 e 44	45 e 46	47 e 48	49 e 50	51 e 52	53 e 54	55 e 56	57 e 58	59 e 60
Actividad e Física																														
Andebol																														
Atletismo																														
Badminton																														
Basquetebol																														
Desportos de Combate																														
Futebol																														
Ginástica de aparelhos																														
Ginástica de Solo																														
Jogos Lúdicos																														
Rãguebi																														
Ténis de mesa																														
Dança																														
Voleibol																														

## Anexo II – Plano de aula inicial nº 4-5

Unidade Didáctica de Jogos Desportivos Colectivos			
Escola: Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros	Local: Polidesportivo exterior	Data: 18-10-2010	Hora: 09:50
Número de alunos: 16	Turma: CEF 8	Aula: 4	Duração Total: 90min
Material necessário: 32 “testemunhos”; 8 sacos de plástico; 2 bolas de Basquetebol; 2 bolas de Futebol; 2 bolas de Andebol; 1 arco; 20 cones		Professor Estagiário:	
Objectivos Gerais: Iniciação à disciplina técnica de corrida de estafetas, continuação da abordagem dos conteúdos da aula anterior			

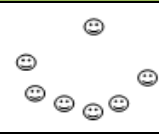
Parte	Conteúdos/Critérios de Êxito	Condições de realização/Estratégias	Objectivos específicos	Representação gráfica	TU	TA
Inicial	- Recepção dos alunos e apresentação do objectivo da aula, dando a compreender todas as componentes que incluirão a mesma, passando pela divisão dos grupos, pelas regras, e pelos exercícios a abordar, sublinhando a necessidade de os comportamentos adequados estarem sempre presentes ao longo da aula, sendo que os alunos compreendem e cumprem com o que lhes for solicitado	- Os alunos, dispostos em “U”, virados para o professor, encontram-se em silêncio e atentos às informações transmitidas.	- Transmitir de forma clara e perceptível a informação, conseguindo que os alunos compreendam e cumpram com o que lhes for solicitado		10'	10:00
	<u>Jogo dos congelados</u> - Um aluno está responsabilizado por apanhar os outros colegas, enquanto os outros procuram fugir. Os alunos que forem apanhados terão que permanecer estáticos com a mão dominante aberta e ao lado do tronco, simulando o movimento de recepção do testemunho nas corridas de estafeta. Os alunos que não forem apanhados poderão “salvar” os alunos capturados, tocando na mão. Os alunos cooperam entre si, procurando salvar os alunos capturados não se deixando apanhar.  <u>Jogo de estafeta</u> – Transmissão e recepção de um objecto em corrida por equipa. Cooperação, velocidade e coordenação inter-segmentar. Os alunos percorrem um espaço predefinido pelo professor, tendo que tocar num colega para que este inicie a sua corrida procurando atingir a velocidade máxima. Ganha a equipa que transmitir os objectos correctamente e percorrendo o espaço no menor tempo.	Os alunos estão organizados em 4 equipas com 4 elementos, dispostos uniformemente ao longo de um espaço de 20 metros. Ao sinal do professor, um elemento de cada grupo inicia um percurso de 10 metros, tocando no colega mais próximo para que este inicie o seu percurso. O exercício termina assim que completarem duas vezes o seu trajecto, ganhando a equipa que fizer o menor tempo. Posteriormente, o exercício é realizado com passagem de um objecto, que estarão colocados nas duas extremidades opostas (4 objectos em cada, com cores diferentes) de forma a transportá-lo para a extremidade oposta do terreno.	- Activação músculo esquelética e cardiovascular. - Relação interpessoal entre todos os alunos. - Preparação para o exercício seguinte através do gesto de recepção e transmissão de testemunho. - Iniciação à abordagem da disciplina técnica de corrida estafetas através de um jogo lúdico e competitivo.		10'	10:10
Fundamental	1- <u>Jogo da bola ao capitão</u> : cada equipa possui um capitão que é previamente definido pelo professor. A bola deverá circular por todos os elementos da mesma equipa antes de ser entregue directamente ao capitão, não devendo haver passe mas sim condução da bola directamente para o mesmo. O capitão, após receber a bola, deverá devolvê-la à sua equipa, recomeçando o processo até a equipa adversária recuperar a bola. Caso aconteça, os papéis invertem-se. Vence a equipa que em determinado tempo mais vezes conseguir passar a bola ao seu capitão.	1- Alunos distribuídos por 6 equipas predefinidas ao longo de 3 espaços homogéneos com 2 equipas em cada espaço com bola de basquetebol, futebol e andebol, respectivamente. Ao mudar de espaço trocam de capitão para todos passarem pela posição.	1-Aperfeiçoamento da condução de bola, drible e deslocamento por um espaço e em função de um colega.		15'	10:35
	2- Utilizando a mesma organização do exercício 1), uma equipa assume uma postura defensiva em função de um alvo (cesto de basquetebol ou baliza) e procura colaborar e ocupar racionalmente os espaços, de forma a	Os alunos, dispostos em 6 equipas predefinidas ao longo de 3 espaços homogéneos com 2 equipas em cada espaço, competem para conseguir	Trabalhar as noções de desmarcação com e sem bola, cobertura defensiva, passe, recepção,		15'	10:50

	impedir que a equipa adversária consiga atingir o alvo, ao mesmo tempo que a outra equipa procura cooperar, realizando desmarcações, causando assim desequilíbrios e oportunidades de finalização. Assim que a equipa defensiva recupera a bola ou concede um golo ou cesto, o jogo é retomado da extremidade oposta. Se houver concretização, (golo ou cesto), os alunos da equipa contrária têm de realizar exercícios de força, nomeadamente agachamentos e /ou flexões, consoante as características individuais dos alunos, como forma de motivação para defender e atacar melhor. Ao sinal do professor, as equipas trocam de funções para depois trocarem de campo e respectivo jogo.	alcançar o maior número de cestos ou golos num período temporal limitado.	disposição no espaço e aclaramento, com a atenuante motivacional caso haja concretização.			
	- <u>Jogo formal de basquetebol</u> : Cada equipa procura colaborar de forma a efectuar o maior número de lançamentos e consequentemente alcançar mais pontos evitando os cestos do adversário, sempre cumprindo com as regras inerentes à modalidade.	Alunos distribuídos por 2 equipas de 8 elementos cada, realizam no espaço definido o jogo de Basquetebol, tendo em conta as regras da modalidade e as decisões do árbitro.	- Aperfeiçoamento da desmarcação, passe, remate/cesto, deslocamento no espaço, recepção, desmarcação, cooperação, tomada de decisão e concentração através de jogo formal.		10'	11:00
Final	- Alunos dispostos aleatoriamente pelo espaço executam os seguintes alongamentos: 1) Abdutores, Adutores e Virilhas; 2) quadricípetes; 3) Isquio-tibiais; 4) Gémeos; 5) Articulações; 6) Trapézios; 7) Deltóides; 8) Trícipetes.	- Alunos dispostos em xadrez pelo espaço, sob o contacto visual do professor.	- Diminuir os níveis tónicos associando o trabalho de flexibilidade.		10'	11:10
	- Balanço da aula	- Alunos dispostos em U, sentados de frente para o professor.	- Compreenderem os objectivos da aula, retendo as informações pertinentes para as aulas seguintes.		5'	11:15

**Observações/Balanço Geral da aula:**

## Anexo III – Plano da aula 33-34

Unidade Didáctica de Jogos Desportivos Colectivos			
<b>Escola:</b> Básica do 2º e 3º ciclos dos Louros	<b>Local:</b> Polidesportivo	<b>Data:</b> 01-02-2011	<b>Hora:</b> 11:30h
<b>Número de alunos:</b> 18	<b>Turma:</b> CEF 9	<b>Aula:</b> 33 - 34	<b>Duração:</b> 90min
<b>Material necessário:</b> 1 bola de Rugby; 2 bolas de futebol, 2 bolas de andebol, 2 bolas de basquetebol, 12 cones, 9 coletes, 4 mini-balizas;			<b>Estagiário:</b>
<b>Objectivos Específicos:</b> Abordagem dos conteúdos de jogos desportivos colectivos (passe-recepção; drible; remate; marcação; lançamentos; desmarcação) Continuação. Organização defensiva e ofensiva, Iniciação.			

Parte	Conteúdos/Critérios de Êxito	Condições de realização/Estratégias	Representação gráfica	TU	TA
INICIAL	- Recepção dos alunos e apresentação do objectivo da aula, dando a compreender todas as componentes que incluirão a mesma, passando pela divisão dos grupos, pelas regras, e pelos exercícios a abordar.	- Os alunos, dispostos em "U", virados para o professor, encontram-se em silêncio e atentos às informações transmitidas.		5'	11:35
	<b>Bitoque:</b> Marcar o maior número de pontos, transportando ou passando a bola; entrar com a bola na área de validação adversária (ensaio).	- Realização do jogo no espaço de relva, anexo ao polidesportivo. 2 Equipas homogéneas, incidindo no ataque organizado com subida em bloco e num posicionamento adequado.		15'	11:50
	<b>Alongamentos:</b> 1) Abdutores, Adutores e Virilhas; 2) quadríceps; 3) Isquios-tibiais; 4) Gémeos; 5) Articulações; 6) Trapézios; 7) Deltóides; 8) Tríceps.	- Alunos dispostos pelo espaço em xadrez, sob o contacto visual do mesmo, realizam os alongamentos com a duração de 30''		5'	11:55
FUNDAMENTAL	<b>Jogo reduzido de basquetebol:</b> os alunos aplicam os gestos aprendidos em contexto de jogo de forma a efectuar o maior número de pontos, sempre cumprindo com as regras inerentes à modalidade.	Alunos distribuídos por 8 equipas predefinidas, divididos por níveis de aprendizagem realizam situações de finalização de 2x1, superioridade ofensiva; 1x2 superioridade defensiva e 2x2 igualdade numérica consoante os níveis de aprendizagem.  A aluna Sofia realiza treino analítico da técnica.		10'	12h05
	<b>Jogo reduzido de andebol:</b> Cada equipa procura colaborar de forma a efectuar o maior número de golos cumprindo com as regras inerentes à modalidade.	Alunos distribuídos por 8 equipas predefinidas, divididos por níveis de aprendizagem realizam situações de finalização de 2x1, superioridade ofensiva; 1x2 superioridade defensiva e 2x2 igualdade numérica consoante os níveis de aprendizagem.  A aluna Sofia realiza treino analítico da técnica.		10'	12:15
	<b>Jogo reduzido de futebol:</b> Cada equipa procura colaborar de forma a efectuar o maior número de golos e, conseqüentemente, não deixar que os adversários marquem golo na sua baliza, sempre cumprindo com as regras inerentes à modalidade.	Alunos distribuídos por 8 equipas predefinidas, divididos por níveis de aprendizagem realizam situações de finalização de 2x1, superioridade ofensiva; 1x2 superioridade defensiva e 2x2, igualdade numérica consoante os níveis de aprendizagem.  A aluna Sofia realiza treino analítico da técnica.		10'	12:25
	<b>Jogo formal de basquetebol:</b> Os alunos aplicam os conceitos de organização defensiva e ofensiva aprendidos anteriormente de forma a alcançar o sucesso nas suas acções.	Duas equipas mistas, distribuídas racionalmente pelo espaço pré definido, onde cada equipa procura alcançar o maior número de cestos, impedindo que a equipa adversária obtenha sucesso.		15'	12h40

	<b>Alongamentos:</b> 1) Abdutores, Adutores e Virilhas; 2) quadrípedes; 3) Isquio-tibiais; 4) Gémeos; 5) Articulações; 6) Trapézios; 7) Deltóides; 8) Trípipedes.	- Alunos dispostos pelo espaço à frente do professor, sob o contacto visual do mesmo.		5'	12h45
	- Balanço da aula.	- Os alunos, sentados no chão virados para o professor, encontram-se em silêncio e atentos às informações transmitidas. Questões orais sobre os conteúdos abordados até ao momento.		5'	12h50

**OBSERVAÇÕES/BALANÇO:**

## Anexo IV – Grelha para avaliação do domínio sócio-afectivo

CEF 9			Jan				Fev.					Mar.	MÉDIA	Conv.
Nº	NOME	DAS	4	11	18	25	1	8	15	22	28	15		
1		Respo	1	1	3	1	1	1	1	4	3	4	2,00	0,80
		Resp.	4	3	4	1	1	1	3	5	3	4	2,90	1,16
		Comp.	5	3	3	1	1	1	3	4	5	4	3,00	1,20
		Emp,	4	3	3	1	1	1	4	4	4	4	2,90	1,16
		F/FM	FM	P	P	F	F	F	FM	P	P	P	1,00	0,70
		Pont.	5	4	4	1	1	1	5	4	5	5	3,50	0,70
												Total	5,72	
2		Respo	1	1	2	4	1	1	1	1	1	1	1,40	0,56
		Resp.	2	2	2	2	2	1	4	1	1	1	1,80	0,72
		Comp.	4	2	2	4	4	1	4	3	1	1	2,60	1,04
		Emp,	2	1	2	1	2	1	4	1	1	1	1,60	0,64
		F/FM	FM	FM		P	FM	FM	P	FM	F	FM	1,00	0,70
		Pont.	5	5	4	5	5	4	2	5	1	5	4,10	0,82
												Total	4,48	
3		Respo	1	1	3	4	4	3	1	1	1	4	2,30	0,92
		Resp.	1	1	3	3	4	3	1	1	1	4	2,20	0,88
		Comp.	1	1	3	3	5	3	1	1	1	4	2,30	0,92
		Emp,	1	1	4	2	4	4	1	1	1	4	2,30	0,92
		F/FM	F	F	P	P	P	P	F	F	F	P	1,00	0,50
		Pont.	1	1	4	4	3	5	1	1	1	5	2,60	0,52
												Total	4,66	
4		Respo	4	5	4	5	5	3	4	4	3	4	4,10	1,64
		Resp.	5	4	3	4	5	3	4	3	5	4	4,00	1,60
		Comp.	5	4	3	4	5	3	3	3	5	4	3,90	1,56
		Emp,	5	5	4	5	5	4	4	4	5	4	4,50	1,80
		F/FM	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	1,00	1,00
		Pont.	4	4	4	4	5	5	5	4	5	5	4,50	0,90
												Total	8,50	
5		Respo	5	1	3	4	1	3	1	5	1	1	2,50	1,00
		Resp.	5	4	3	5	4	4	1	5	1	1	3,30	1,32
		Comp.	4	4	3	4	4	4	1	5	1	1	3,10	1,24
		Emp,	4	4	2	4	3	3	1	5	1	1	2,80	1,12
		F/FM	P	FM	P	P	FM	P	F	P	F	F	1,00	0,70
		Pont.	4	4	4	4	5	5	1	4	1	1	3,30	0,66
												Total	6,04	

**Anexo V** – Ficha de observação geral aos estagiários**LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA OBSERVAÇÃO DE AULA**

*Adaptado da grelha elaborada por Mário Sanches, Professores, Novo Estatuto e Avaliação de Desempenho.*

PROFESSOR ESTAGIÁRIO \_\_\_\_\_

ANO/TURMA \_\_\_\_

DATA \_\_\_\_\_

HORA \_\_\_\_\_

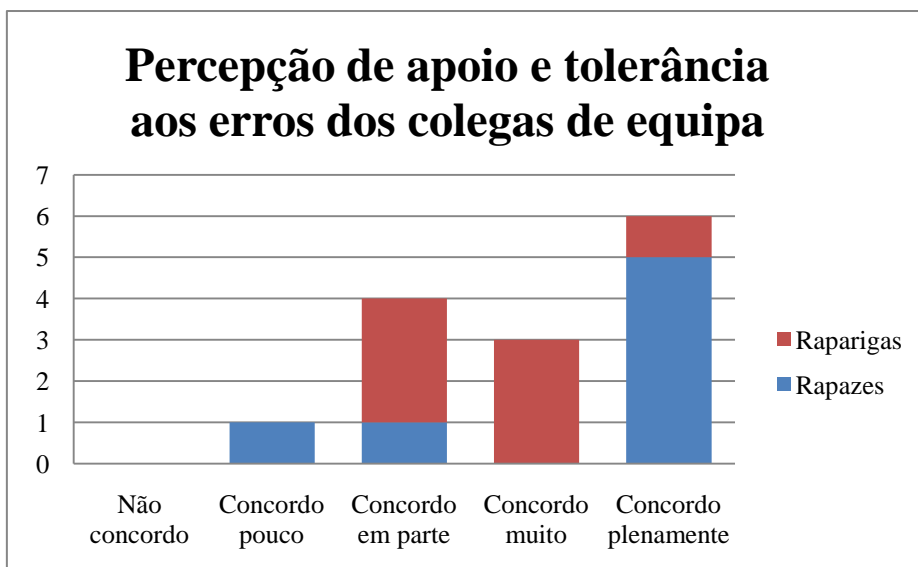
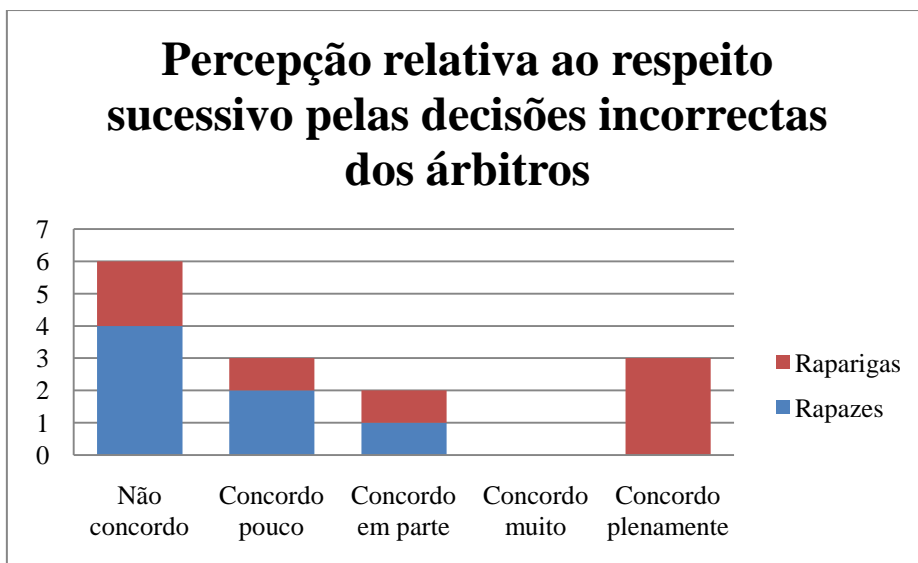
LOCAL \_\_\_\_\_

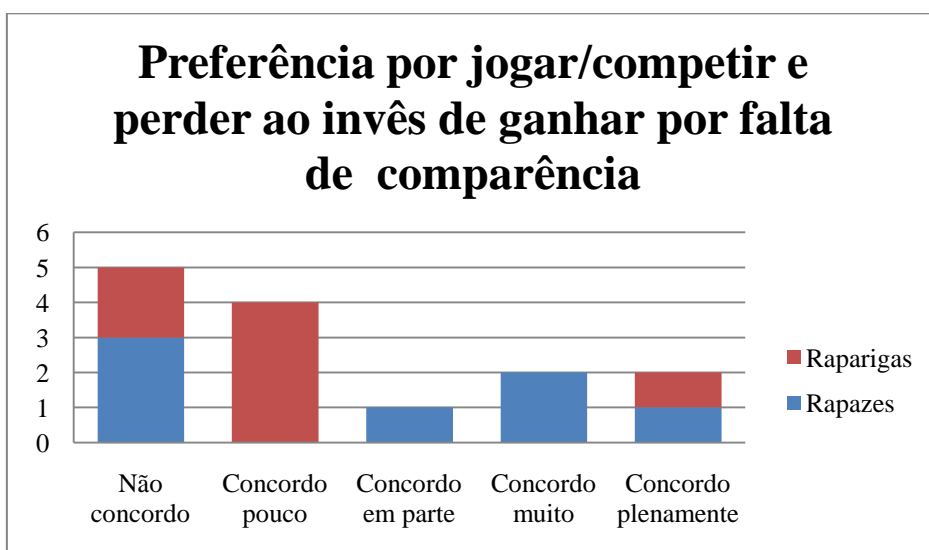
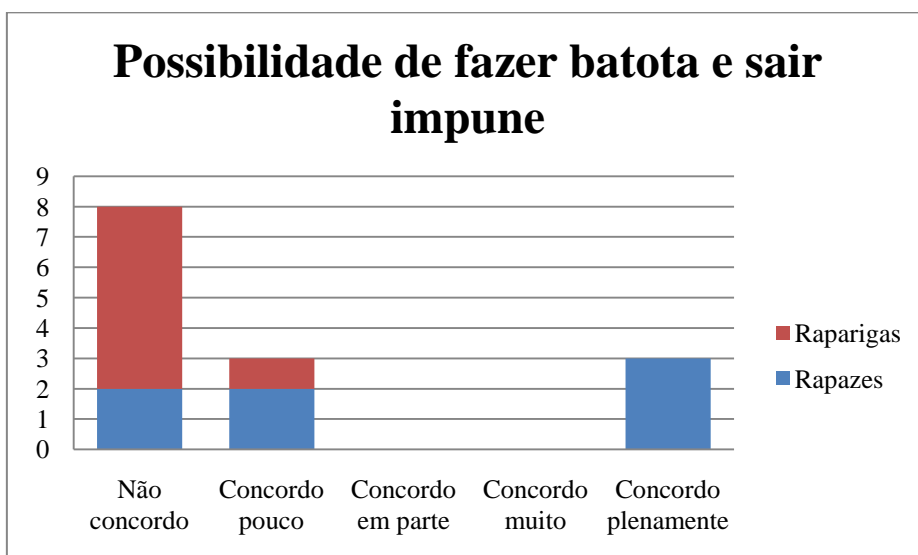
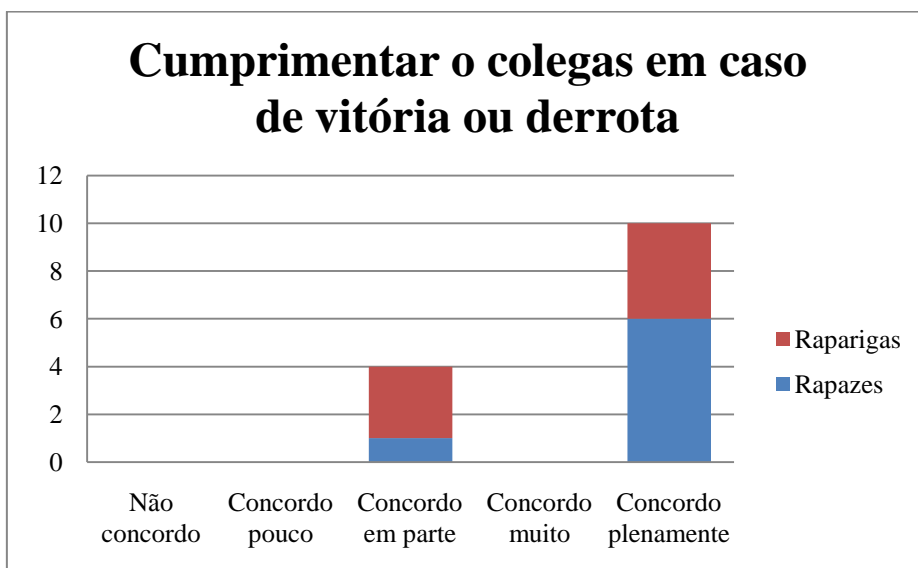
AVALIADOR \_\_\_\_\_

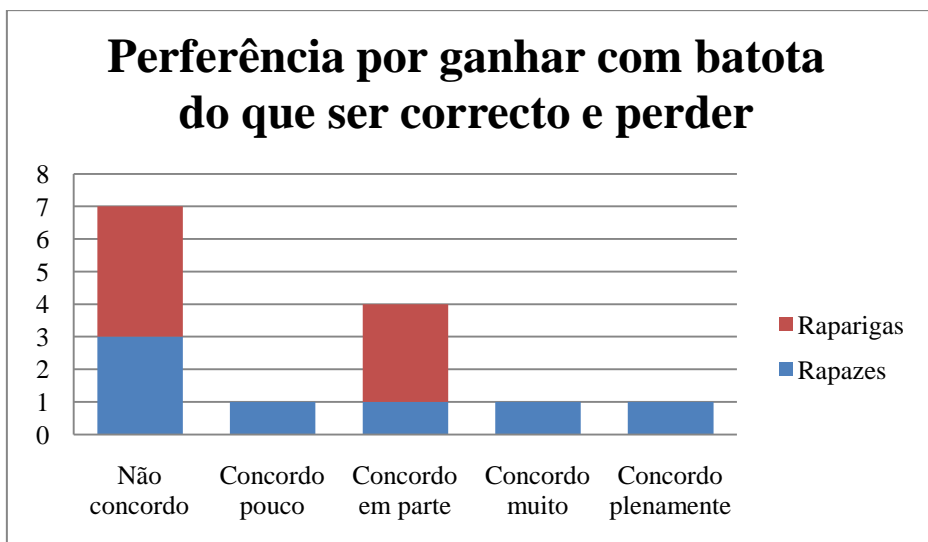
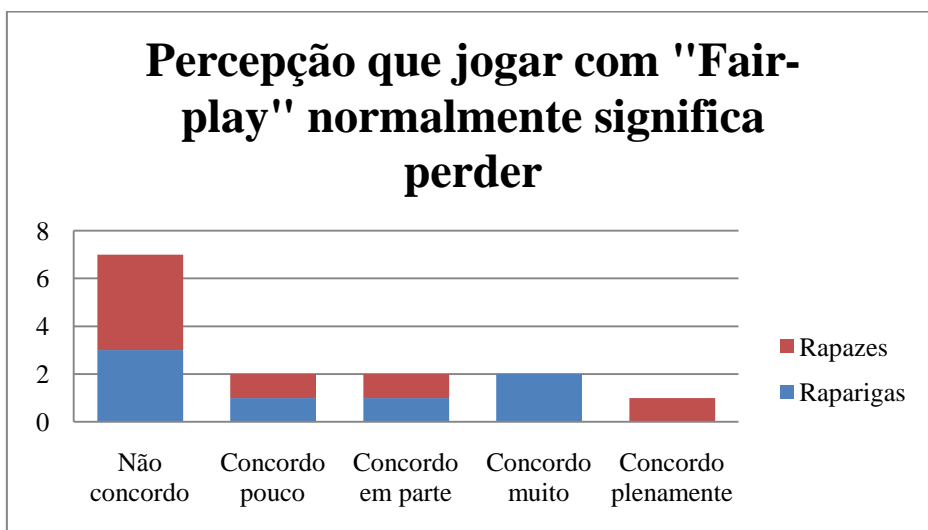
	SIM	NÃO
<b>1. Início da aula</b>		
1.1. Supervisiona a entrada dos alunos na sala de aula		
1.2. Explicita, de forma clara, as aprendizagens (conteúdos e objectivos) bem como as tarefas a realizar na aula		
1.3. Efectua a articulação das aprendizagens a realizar com aprendizagens anteriores		
1.5. Inicia a aula com recurso a alguma forma de motivação dos alunos		
<b>2. Selecção, organização e abordagem dos conteúdos</b>		
2.1. A selecção dos conteúdos é pautada por critérios de actualidade, relevância, essencialidade, amplitude e profundidade adequadas		
2.3. Mostra segurança no desenvolvimento dos conteúdos, não incorrendo em erros ou imprecisões		
2.5. Recorre a exemplos pertinentes na exploração dos conteúdos relacionados com as vivências dos alunos		
<b>3. Estratégias de ensino e aprendizagem</b>		
3.1. Mantém os alunos activamente envolvidos nas tarefas propostas		
3.2. Diferencia as actividades de aprendizagem em atenção às características dos alunos		
3.3. Orienta o trabalho dos alunos com base em instruções precisas, visando a sua concentração e a autonomia na realização das tarefas		
3.4. Utiliza o método expositivo de modo adequado, designadamente na realização frequente de sínteses de aprendizagem		
3.5. Através do diálogo, apoia os alunos na construção do conhecimento		
3.7. Propõe actividades de apoio a alunos que revelem dificuldades de aprendizagem		
<b>4. Organização do trabalho</b>		
4.1. Diversifica os modos de organização do trabalho (grupo turma, trabalho de grupo, trabalho de par, trabalho individual.)		

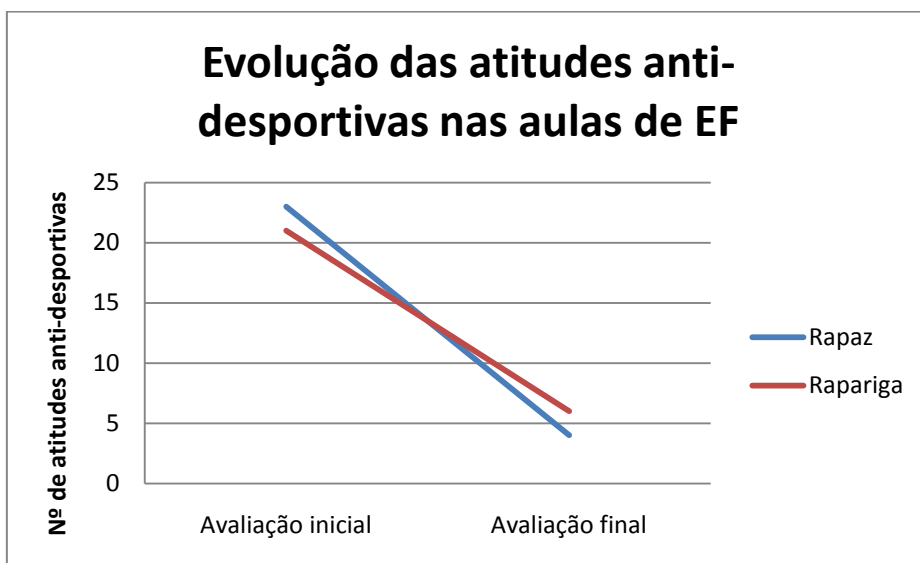
4.2. Desloca-se pela sala para estimular a atenção dos alunos									
4.3. Promove o trabalho cooperativo e a ajuda entre os alunos									
<b>5. Utilização de recursos</b>									
5.1. Os recursos são adequados aos objectivos e aos conteúdos									
5.2. Os recursos estão adequados ao nível etário e ao interesse dos alunos									
5.3. Aproveita as possibilidades didácticas de recursos variados (manual, fotocópias, vídeos, fotografias...)									
5.4. Utiliza recursos inovadores, incluindo as tecnologias da informação e da comunicação (computador, vídeo, multimédia, quadro interactivo)									
<b>6. Relação pedagógica, comunicação e clima na sala</b>									
6.1. Mostra-se próximo dos alunos sem diminuir o nível de exigência									
6.2. Expressa-se de forma correcta, clara e audível									
6.3. Estimula e reforça a participação de todos os alunos									
6.4. Demonstra confiança nas possibilidades de aprendizagem de todos os alunos e atende às suas diferenças individuais									
6.5. Gere com segurança e flexibilidade situações problemáticas e conflitos interpessoais									
6.6. Mostra-se firme em relação ao respeito pelas regras indispensáveis ao funcionamento da aula									
6.7. Reforça, com frequência, os comportamentos adequados dos alunos									
<b>7. Avaliação das aprendizagens</b>									
7.2. Propõe outras tarefas aos alunos em função de erros e dificuldades identificadas									
7.3. Comunica e analisa com os alunos resultados da avaliação das aprendizagens									
<b>8. Conclusão da aula</b>									
8.1. Efectua uma síntese global dos conteúdos tratados na aula									
8.3. Anuncia o assunto da próxima aula estabelecendo ligações com os conteúdos abordados									
<b>9. Apreciação geral</b>									
<b>Abordagem em dos conteúdos</b>	<b>Estratégias de ensino e aprendizagem em</b>	<b>Organização do trabalho</b>	<b>Utilização de recursos</b>	<b>Comunicação</b>	<b>Relação pedagógica</b>	<b>Avaliação dos alunos</b>	<b>Relação plano/aula</b>		

**Anexo VI – Dados recolhidos referentes ao estudo de caso**









**Anexo VII** – Registo de aula sobre comportamentos anti-desportivos

	Contestação das decisões dos árbitros	Intolerância aos erros dos colegas	Cumprimenta o adversário	Não respeita as regras
Aluno 1			Sim	
Aluno 2	I		Sim	
Aluno 3		II	Sim	
Aluno 4	I		Sim	
Aluno 5	III	II	Sim	
Aluno 6	II	I	Sim	I
Aluno 7 *	II	III	Sim	I
Aluno 8	I	I	Sim	
Aluno 9	II	I	Sim	I
Aluno 10	II	II	Sim	I
Aluno 11	I	I	Sim	
Aluno 12	II	I	Sim	I
Aluno 13 *	III	I	Sim	
Aluno 14	II	I	Não	I

Legenda: \* Aluno seleccionado como público-alvo para o estudo de caso.

## Anexo VIII – Resultados dos testes da bateria de testes fitnessgram



Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros

## Avaliação - Condição Física CEF 8

## Rapazes

Nomes	"Vai Vem"	Abdominais	Extensões de braços	Flexibilidade de ombros (Direita)	Flexibilidade de ombros (esquerda)
	Saudável	Ótimo	Saudável	Saudável	Fraco
	Fraco	Saudável	Fraco	Fraco	Saudável
	Fraco	Saudável	Saudável	Saudável	Saudável
	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Saudável
	Fraco	Ótimo	Saudável	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Fraco	Fraco	Fraco

Quadro 1

## Raparigas

Nomes	"Vai Vem"	Abdominais	Extensões de braços	Flexibilidade de ombros (Direita)	Flexibilidade de ombros (esquerda)
	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
	Fraco	Ótimo	Saudável	Fraco	Fraco
	Fraco	Fraco	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Fraco	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Fraco	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Ótimo	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Fraco	Saudável	Fraco	Saudável

Quadro 2

## Avaliação - Condição Física CEF 9

## Rapazes

Nomes	"Vai Vem"	Abdominais	Extensões de braços	Flexibilidade de ombros (Direita)	Flexibilidade de ombros (esquerda)
	Fraco	Fraco	Fraco	Saudável	Fraco
	Fraco	Ótimo	Saudável	Saudável	Fraco
	Fraco	Fraco	Saudável	Saudável	Saudável
	Fraco	Fraco	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Ótimo	Saudável	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Fraco	Saudável	Fraco

Quadro 1

## Raparigas

Nomes	"Vai Vem"	Abdominais	Extensões de braços	Flexibilidade de ombros (Direita)	Flexibilidade de ombros (esquerda)
	Fraco	Saudável	Fraco	Saudável	Saudável
	Saudável	Saudável	Saudável	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Saudável	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Saudável	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Fraco	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Fraco	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Fraco	Saudável	Saudável
	Fraco	Saudável	Fraco	Saudável	Fraco

Quadro 2

## Legenda:

Fraco – Precisa melhorar.

Saudável - Encontra-se na zona saudável.

Ótimo - Nível excelente de aptidão.